

A man with a beard, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie, is shown from the chest up. He is holding a fan of playing cards. The background is dark with wisps of white smoke or steam. The title 'WILD CARD' is overlaid on the image.

WILD CARD

VEGAS UNDERGROUND

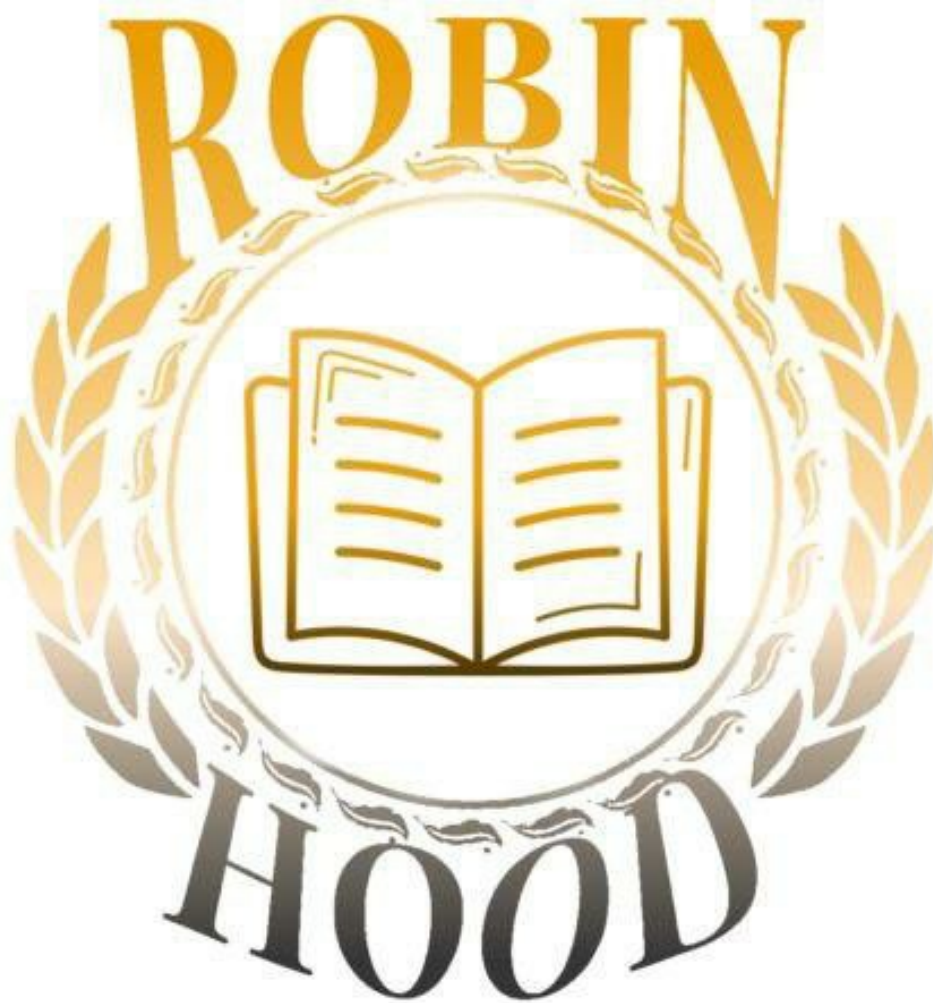
A close-up of the Queen of Hearts playing card, showing the queen's face and the heart symbol.

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SINOPSE

“VOCÊ ESTÁ COM GRANDES PROBLEMAS, BONECA.”

A pequena hacker roubou da Família - cento e cinquenta mil.

Nós, Tacone, não gostamos de ladrões.

Nem mesmo quando vêm em um pacote tão fofo quanto o dela.

Nem mesmo depois que ela me mostra o quão alto sua bandeira esquisita voa.

Agora haverá um inferno para pagar pela minha nerd gostosa.

E sou eu quem vem cobrar.

Mas quando ela acaba na cadeia pela transação que mandei fazer.

Decido resgatá-la. Porque ela é um incêndio.

Uma força da natureza brilhante demais para ser apagada.

E eu não preciso do dinheiro.

Eu prefiro tê-la.

CAPÍTULO UM CAITLIN

Punhos na altura dos seios, cotovelos para trás, conduzo minha aula de dança aeróbica através de um balanço de bumbum ao som da música *Sweet but Psycho*.

Sim, é praticamente a minha música tema.

— Passe o toque, jogue a mão para baixo na frente. — canto no fone de ouvido, exagerando os movimentos para ajudar a turma a acompanhar.

Dança cardio é a minha música. Eu ensino quatro noites por semana no centro recreativo do campus e faço outras aulas de movimento nas noites de folga. Qualquer coisa para me manter em movimento, o que provavelmente parece estranho para uma nerd da ciência da computação.

Isso beira a obsessão, mas não é uma daquelas coisas que odeiam o corpo. Não estou malhando para alcançar um corpo ideal ou para ter uma determinada aparência.

Eu só preciso me mexer. Tenho dificuldade em ficar no meu corpo, caso contrário.

O *transtorno dissociativo* é o diagnóstico oficial. Eu verifico quando as coisas ficam intensas para mim. O movimento ajuda. A dor e o sexo funcionam ainda melhor.

Consenso geral - estou quebrada.

Mas isso não importa muito, porque meu tempo está acabando.

O sifão que coloquei no negócio de cassino da família Tacone - aquele em que desviei um quinto de um centavo de cada transação - foi fechado há duas semanas.

E embora eu tenha usado uma conta no exterior para armazenar os fundos antes de pagarem as mensalidades do meu irmão e da minha faculdade, há uma boa chance de acabar nadando com os peixes, como dizem.

Mas eu sabia disso entrando no meu pequeno esquema de vingança.

— Segunda posição ampla, inspiração profunda. — Eu começo o resfriamento. Sempre acaba cedo demais. Eu conduzo a classe nos trechos finais e agradeço a todos por terem vindo.

— Obrigado, Caitlin. — Meus alunos acenam e sorriem ao sair. Aqui, sou quase normal. Eu poderia ser como qualquer um deles. Uma estudante de pós-graduação bonita e de sorriso largo fazendo seu treino.

É quando as pessoas me conhecem um pouco melhor, elas veem minha loucura. Decido que sou a garota para ficar longe. O que está totalmente bem para mim.

Pego minha toalha e vou para o chuveiro, pegando meu telefone para verificar as mensagens. Não que eu tenha alguma. É apenas um hábito ansioso de quando meu irmão Trevor ainda estava em um orfanato, e eu surtaria se ele não entrasse em contato comigo todos os dias para me avisar que ainda estava vivo.

Ainda bem. Não vivendo o pesadelo que vivi.

É uma das muitas peculiaridades pelas quais tenho que agradecer aos Tacones. O efeito colateral de ter um pai assassinado pela máfia.

Só que agora que tive minha vingança, agora que eles estão vindo atrás de mim, acho que não deveria ter mexido no vespeiro.

Eu provavelmente era melhor usar Trevor vivo do que morto. Mesmo que eu gerasse fundos suficientes para pagar a mensalidade da faculdade.

É melhor eu avisá-lo. Disco o número dele e ele atende na hora.

— Oi, Caitie. — Ele é a única pessoa que deixo me chamar assim.

— Ei, Trevor. Tudo certo?

— Sim. Por que não estaria? — Às vezes é estranho para mim o quão normal ele se tornou comparado a mim. Mas ele tinha uma família adotiva decente. E ele me teve.

Eu só tinha a feiura e a mim mesma para confiar.

— Ei, eu tenho que te dizer uma coisa, mas vai ficar tudo bem. — eu digo rapidamente, só para conseguir as palavras. Eu tentei dizer a ele outras quatro vezes desde que o dinheiro foi cortado, mas sempre me acovardei.

— O que é?

— Hum, posso ter hackeado uma empresa com a qual não deveria ter me metido.

— Oh merda. O que aconteceu? Você está na prisão?

— Não, não é prisão. Provavelmente não irá por esse caminho. Você se lembra de quem matou o papai?

Trevor fica quieto. Quando ele fala, sua voz soa assustada. — Diga-me que não.

— Eu fiz. De qualquer forma, eles provavelmente não vão descobrir, mas se descobrirem, você se lembra do lugar que costumávamos dizer que nos encontraríamos se algo de ruim acontecesse com o orfanato?

Não sei por que estou falando em código. Não é como se a máfia estivesse no vestiário agora. Ou grampeando meu telefone.

— Eu lembro.

— Se eu tiver que correr, é para lá que irei. OK?

— Merda, Caitie. Isto é mau. Você está louca?

— Isso é o que eles dizem. — eu o lembro em uma voz cantante. — De qualquer forma, nada vai acontecer. Eu pensei que deveria te dizer apenas no caso.

— Talvez você devesse se esconder lá agora.

— Não, eu nem sei se eles vão rastreá-lo até mim. Mas se o fizerem, eu vou descobrir isso. Não quero que você se preocupe.

— Sim, estou definitivamente preocupado.

Meu peito esquenta. Trevor é o único bem na minha vida.

— Bem, não. Você me conhece - eu posso cuidar de mim mesma. Eu

vou descobrir isso. Apenas seja cauteloso com quaisquer mensagens minhas e não conte da minha localização se alguém vier perguntar.

— Eu não vou. Merda, Caitlin.

— Tudo bem. Eu prometo. Te mando uma mensagem amanhã.

— Tudo bem. Tome cuidado.

— Eu vou. — Eu desligo e enfio meu telefone na minha bolsa antes de tirar minhas roupas suadas e entrar no chuveiro.

Se ao menos eu acreditasse que tenho tudo sob controle.

Eu enxáguo com a música *Sweet but Psycho* repetindo na minha cabeça.

PAOLO

Eu invadi o apartamento de Caitlin - também conhecida como *WYLDE* - West usando a chave que fiz por um serralheiro que me devia um favor. Enviei um dos meus capangas para vigiá-la na semana passada e me dar detalhes sobre seus hábitos, então sei que ela está dando aula de dança aeróbica agora.

Sei que ela logo estará em casa e estou ansioso para fazer a surpresa quando ela chegar.

Intimidação é uma forma de arte que passei a vida inteira aperfeiçoando, e vou assustar a pequena hacker que atacou os cofres do cassino da minha família.

Como o segundo filho do agora preso Don Tacone, chefe da maior família criminosa de Chicago, aprendi a estalar os nós dos dedos e a postura praticamente quando criança. Como dar uma surra aos seis anos.

Na maioria das vezes, minha reputação e o brilho de uma arma fazem todo o trabalho necessário. É raro eu realmente ter que machucar alguém ou fazer uma ameaça simples.

Então, quando meu irmão me pediu para cuidar de nosso hacker, fiquei feliz em fazê-lo. Especialmente depois que vi uma foto da nerd do computador. O apelido Wylde parece se encaixar nela. Não é a confusão de cabelos longos e grossos ou óculos escuros. É o brilho labial rosa em sua boca sorridente que me faz pensar que ela não é a nerd antissocial que você esperaria de alguém com suas habilidades excepcionais.

O lugar é minúsculo - um estúdio, acho que é assim que chamam - com a cozinha em uma parede e a cama na outra e um banheiro minúsculo na área de estar/jantar. É uma bagunça. Roupas em todos os lugares. Pratos sujos em todas as superfícies.

Pego uma minúscula tanga branca com um dedo.

Nerds em calcinhas quentes. Isso pode ser um fetiche completo. Meio que combina com a coisa sexy da bibliotecária. Eu jogo a calcinha em seu cesto e continuo minha leitura.

Pilhas de livros e equipamentos de informática revestem as paredes e a mesa. Uma bicicleta velha está estacionada contra uma parede, o capacete pendurado no guidão.

Eu ando por aí, olhando suas coisas. Macarrão instantâneo e feijões cozidos nos armários. Burritos congelados no congelador. Pelo menos ela não está vivendo muito com nosso dinheiro.

De acordo com meu irmão, Stefano, todo o dinheiro roubado foi transferido de uma conta no exterior direto para o escritório do tesoureiro da Northwestern University. Mas se devo pensar que é nobre que ela roube apenas para estudar, não acho. Ela fodeu com a família errada.

Eu paro para examinar seu quadro de avisos. Os horários dos estúdios locais de ioga e dança são fixados em cartões de entrega em restaurantes. Há apenas uma foto - de Caitlin e um jovem. Eu a puxo para baixo e a examino.

É o irmão mais novo, Trevor - vejo uma semelhança familiar.

Ele é meu ás na manga. Eu tenho um cara cuidando do garoto de vinte anos que é estudante de arte na mesma universidade. De jeito nenhum minha pequena hacker vai tentar qualquer negócio engraçado quando eu

seguro as bolas de seu irmão em um torno.

Ela devolverá nosso dinheiro - roubará de outra pessoa ou fará o que for preciso e considerarei deixar os dois vivos.

Normalmente, essa não seria a política da Tacone, mas ela é uma garota.

E uma quente nisso.

Além disso, não machuco mulheres.

Eu olho através de seu armário, sorrindo quando encontro as roupas que eu meio que esperava ou queria encontrar. A vibração que recebi foi certa. Ela tem merda excêntrica – Meia arrastão. Micro shorts. Tops transparentes rasgados. Equipamento de stripper, só que ela não é uma stripper.

Porra, eu *sabia* que essa garota era esquisita.

Eu juro que poderia dizer isso pela foto. A coisa de nerd de computador simplesmente não se encaixa nela, apesar dos grandes óculos pretos e roupas desleixadas. Algo sobre ela apenas grita sexo. Talvez seja o brilho labial cor de bala naquele beicinho de boca larga. Ou a maneira como ela se comporta. Ela apenas personifica o prazer carnal.

E é por isso que estou ansioso por esta reunião a semana toda.

Eu olho para o relógio. Quase hora do show. Jogo no chão as roupas jogadas sobre a poltrona e fico à vontade para esperar.

Nem me preocupo em tirar uma arma para descansar na minha coxa, como faria com um cara.

Ela vai ficar assustada o suficiente para me encontrar em seu apartamento.

E eu não deveria deixar que isso me deixasse de pau duro, mas deixa.

Mas mesmo com minha pesquisa e minhas próprias conjecturas, ainda estou despreparado para a bagunça sexy e quente de um hacker que aparece.

Ela entra em seu apartamento com fones de ouvido, aparentemente ainda tocando sua lista de reprodução de exercícios. Ela está com um par de calças de ioga e jaqueta bufante, que ela instantaneamente tira para jogar no chão. Por baixo, ela está usando um top curto que mostra uma barriga perfeitamente tonificada abaixo de um par de seios empinados. Seu cabelo escuro está preso no alto da cabeça em um coque grosso e bagunçado e ela está usando aquele brilho labial brilhante que me faz pensar em como aquela boca ficaria ao redor do meu pau.

Ela não me nota quando entra. Ela não nota muita coisa. Ela parece estar perdida em pensamentos enquanto caminha direto para a cozinha, se serve de uma tigela de cereal Golden Grahams e leite, e começa a comer em pé.

Só então ela se vira e me vê.

A tigela de cereal cai no chão enquanto seu grito perfura o ar. Respingos de leite voam por toda parte.

Seus olhos arregalados se fixam nos meus, aquela linda boca se abre.

Mas ela se recupera muito mais rápido do que eu esperava. Apenas um grito curto e ela fica em silêncio.

— Olá, Caitlin.

— Oh. — A palma da mão desce pela barriga tonificada, limpando os respingos de leite, depois ela seca na bunda. E é uma bunda muito bonita.

— Os Tacones enviaram você? — Ela parece sem fôlego. Bom. Ela estava me esperando.

— Eu me enviei.

— Sr. Tacone, então.

E é aí que percebo que meu costumeiro truque de intimidação é um fracasso total e completo.

Porque a pequena senhorita hacker lentamente desliza a mão entre as pernas, segurando meu olhar enquanto ela enrola os dedos lá, tocando-se como se estivesse assistindo pornô.

Ou melhor, como se ela fosse a estrela pornô e soubesse que me possui com esse simples movimento.

CAITLIN

— Que porra você está fazendo? — meu demandado assassino. Ele tem aquele jeito decididamente urbano e definitivamente perigoso de dizer foda-se. Quando um universitário diz foda-se, não significa nada. A maneira como esse cara diz isso me atinge bem no peito. É um assalto em si.

Ele é muito mais bonito do que eu esperava. Perversamente bonito, o que parece injusto, já que ele também é multimilionário.

E um assassino, eu me lembro enquanto procuro meu clitóris através das minhas calças de ioga. É uma manipulação. Estou tentando pegá-lo desprevenido com minha loucura. Mas também é para mim. Sexo me puxa de volta para o meu corpo e eu tenho que pensar agora. Não consigo dissociar quando minha vida está em jogo aqui.

Então eu movo meus dedos lentamente entre minhas pernas, rolando meu piercing no capuz do clitóris enquanto me forço a respirar e encaro os olhos castanhos escuros do Mais Perigoso de Chicago.

Eu sempre soube que chegaria a isso. Cavando minha própria cova enquanto um cara de terno italiano aponta uma arma para minha cabeça. Só que ele nem se preocupa com uma arma. É como se ele soubesse, mesmo sentado sem uma arma visível, estou à sua mercê.

Esfrego meu clitóris com mais força, empurrando o piercing contra ele para aumentar a fricção, enquanto minha boca fica frouxa e meus mamilos ficam duros, enquanto observo o homem em meu apartamento, procurando a oportunidade de fugir ou matá-lo primeiro. Ele ergue as sobrancelhas e percebo que está esperando uma resposta para sua pergunta.

Eu dou de ombros como se fosse perfeitamente normal se dedilhar quando você encontra um assassino da máfia em seu apartamento. — Se eu vou morrer, pelo menos vou fazer com que me sinta bem. Você sabe, faça

disso minha fantasia, não a sua. — eu digo a ele. Eu tento fazer parecer que não estou com medo.

E isso é parcialmente verdade. A vida vai te foder com força na bunda, então é melhor você encontrar uma maneira de aproveitá-la. Esse tem sido meu mantra desde o dia em que meu pai desapareceu. Desde a noite, os serviços sociais apareceram e levaram meu irmão e eu para lares adotivos separados.

— Sim? — O Tacone - não sei qual dos cinco irmãos ele é porque não me disse, lentamente desdobra suas longas pernas da minha poltrona e se levanta. Ele é alto e atarracado - mais de um metro e oitenta, com ombros largos. Apesar do tamanho e do peso, ele caminha em minha direção com uma graça casual e sem esforço. E ele não está chateado com a minha masturbação. A julgar pela protuberância em suas calças, ele está gostando do meu show. O que significa que o sexo é um lugar onde posso encontrar vantagem com ele.

Definitivamente, não estou acima de usar as únicas coisas que tenho - minha sexualidade e falta de sanidade - para revidar em uma situação invencível.

Ele puxa duas braçadeiras de plástico do bolso da jaqueta, um sorriso brincando nos cantos da boca. — Então, qual é a sua fantasia, pequena hacker? — Ele pega meus pulsos e os prende juntos na frente, em seguida, envolve uma braçadeira em torno deles.

E com esse ato simples - ele assumindo o controle do meu corpo - mais alguns deslizos da minha sanidade, porque agora ele tem a perversa Caitlin sob seu controle.

A braçadeira dói, então eu torço meus pulsos contra o plástico duro, deixando-o cavar em minha pele, me mantendo em meu corpo.

Volto minhas mãos amarradas para meu clitóris pulsante e continuo esfregando lentamente. O Sr. Tacone observa.

Então ele alimenta minha fantasia e belisca um dos meus mamilos através da minha camisa e sutiã esportivo. Ele segura firme e torce. — Eu te fiz uma pergunta, Caitlin. Espero uma resposta. — Sua voz é baixa e

enfumaçada. Ele se enrola entre minhas pernas, criando arrepios de prazer que percorrem meu corpo.

Não se perca na luxúria, advirto a mim mesma. É uma linha delicada. Eu uso o sexo para ficar no meu corpo, mas posso facilmente me perder lá também. E eu não esperava que meu assassino fosse tão... atraente. Estou perdendo a vantagem que imaginei ter.

Minhas pálpebras tremem. Se eu estivesse usando calcinha, eu teria encharcado. Do jeito que estou, estou nua sob minhas calças de ioga, então provavelmente há uma mancha molhada.

Tacone me joga facilmente por cima do ombro e me carrega pelos poucos passos necessários para chegar à minha cama, onde ele me joga no colchão e prende outra braçadeira em volta dos meus tornozelos. Quando eu rolo para o meu lado, ele dá um tapa na minha bunda.

— Qual é a fantasia, pequena ladra?

Eu contorço minha bunda ao redor da cama. — Um pouco mais disso. — eu ronrono. É para incitá-lo.

Não porque estou pingando para isso. Não porque eu sou louca pra caralho.

Não porque quanto pior as coisas ficam para mim, mais eu olho para a dor e o sexo como uma moldura com o qual posso lidar.

Surpreendentemente, meu assassino mordeu a isca. Ele segura meus quadris com uma mão e bate a outra na minha bunda algumas vezes. Duro. Ele não está brincando. — Este direito?

Eu rolo para minha barriga, alcançando meus pulsos amarrados acima da minha cabeça para chegar lá. Esticando minha bunda para mais.

Os principais escrúpulos atingem o pico, porém, quando ele desfaz o cinto e o puxa das presilhas.

Esse cara é de verdade. Este não é um dos doms com quem eu fiz cena para conseguir minha dose. Ele veio aqui para me machucar, provavelmente me matar. Então eu deveria estar apavorada. E eu estou. Mas também torna isso cem vezes mais quente do que uma cena consensual e pré-negociada.

Porque o perigo é real. O risco é consideravelmente maior.

Um terapeuta poderia ter um dia de campo com isso.

Ele enrola a fivela do cinto na mão de maneira rápida e eficiente. E então está ligado. O primeiro golpe acerta bem no meio da minha bunda. A dor ilumina meus centros de prazer.

Sim!

Eu levanto minha bunda para mais. Ele tira o couro da minha bunda, batendo na metade inferior das minhas nádegas uma e outra vez até que eu fique sem fôlego, quente e inebriante com a liberação de endorfina.

— Assim? — ele diz depois de mais de duas dúzias de açoites.

Eu rolo de costas e coloco minhas mãos entre minhas pernas novamente.

— Eu disse que você poderia se tocar, porra? — Ele agarra meus pulsos amarrados e os puxa para longe.

Putá merda. Ou esse cara é totalmente natural em bancar o idiota dominante ou ele faz parte da cena pervertida, assim como eu.

— Por favor. — eu choramingo, porque não tentar? Mais um orgasmo é meu último pedido.

Os deuses pervertidos sorriem para mim, porque ele mantém meus pulsos prisioneiros com uma mão e leva o polegar da outra mão ao meu clitóris e esfrega, firme e rápido.

Surpresa brilha em seus olhos quando ele descobre meu piercing, mas ele rapidamente aprende a trabalhá-lo como um profissional.

Meus olhos reviram na minha cabeça. Eu suspiro e prendo a respiração. Saio quase imediatamente, dobrando e esticando minhas pernas amarradas como um sapo, meus músculos internos apertando em torno do nada.

Tacone murmura algo em italiano - parece um xingamento, e então abre o zíper da calça e puxa o pau para fora. Eu experimento um momento de medo frio de ser estuprada antes que a loucura volte e eu domine a cena

novamente.

Quando ele aperta sua ereção e acaricia da base até a ponta, eu me movo na cama para trazer meu rosto para sua virilha. Ele me para antes que minha boca alcance seu pau, pegando o coque no topo da minha cabeça e puxando meu cabelo. — Não tenho certeza se confio em você para colocar sua boca no meu pau, boneca. — ele me diz.

Abro meus lábios, oferecendo um convite claro.

Ele balança a cabeça, mas traz seu pau para a minha boca. — Eu sinto até mesmo um dente e este será o último pau que você verá. *Capiche?*

A maluca Caitlin anota uma marca de contagem na minha coluna. Sempre há poder em ceder, mesmo amarrada e à sua mercê.

— Sim, senhor. — eu digo automaticamente, protocolo BDSM perfurado em mim.

Ainda segurando meu cabelo, ele mergulha seu pau na minha boca e na minha garganta. — Sim, Sr. Tacone. — ele corrige.

— Sim, Sr. Tacone. — eu concordo quando ele puxa minha boca para trás de seu pau.

Ele empurra de volta. — Faça isso bom, pequena hacker. Cento e cinquenta mil dólares.

Um pico de medo dispara através de mim ao lembrar o quanto roubei deles, mas a louca Caitlin dá um passo à frente novamente. É melhor aproveitar o último pau que vou ver. Também não é difícil, porque meu corpo ainda está exultante com a onda de endorfinas. Minha bunda ainda arde e lateja de uma surra deliciosa e eu apenas tive um orgasmo forte.

— Boa menina. — ele elogia e eu me perco, olhos fechados, balançando a cabeça, a língua girando com entusiasmo.

Eu faço isso tão bem quanto sei. Já me disseram que dou um bom boquete. Este pode ser o boquete que salva minha vida.

PAOLO

Isso não pode ser de verdade.

Trinta minutos depois da minha visita e ela está chupando meu pau como se sua vida dependesse disso.

Ok, ela provavelmente acredita que sua vida depende disso. Um homem melhor se sentiria mal por enfiar o pau na boca de uma garota que ele amarrou na cama dela, mas eu não.

Ela ofereceu. Sua bandeira esquisita está voando alto.

E sim, eu definitivamente acho que ainda é possível que ela tente morder a coisa toda. A garota é uma maluca.

Mas parece que sim.

Droga.

Bom.

Eu a sufoco toda vez que enfio no fundo de sua garganta. Vejo seus olhos lacrimejarem enquanto ela luta para respirar, mas ela continua voltando para sua sucção entusiástica.

Quero que dure para sempre. Eu me pergunto quanto tempo ela pode ir? Vinte minutos? Meia hora? Ela definitivamente tem habilidades loucas. Mas então ela geme em volta do meu pau, como se estivesse excitada me chupando, e minhas bolas se contraem. Foda-se. Vou deixá-la em paz desta vez, já que ela está sendo tão boa.

Enterro meus dedos em seu cabelo, sacudindo o elástico que o prende em um coque e deixando a bagunça escura cair livremente. Seu cabelo é longo e grosso.

Selvagem, como ela.

Eu envolvo meu punho em torno dele e mantenho sua cabeça imóvel enquanto eu fodo seu rosto mais rápido, desrespeitando-a sem nem um pinga de arrependimento.

— Estou gozando, boneca. Você vai engolir como uma boa menina?

Seus olhos azuis encontram os meus e ela balança a cabeça e faz um som.

Eu gozo, puxando seu cabelo ainda mais apertado.

Ela engole tudo. Trabalha sua língua em volta do meu pau para me limpar.

E então a intimidação sai pela janela. Eu acaricio sua bochecha. Sua pele é macia e suave. Ela tem a pele pálida, com algumas das sardas mais fofas no nariz. Os óculos ficam tortos em seu rosto.

Massageio seu couro cabeludo, tentando tirar a dor de todo o puxão de cabelo, ainda mergulhando meu pau dentro e fora de sua boca.

Eu puxo para fora e corro meu polegar sobre sua boca generosa. Tenho vontade de beijar aqueles lábios brilhantes, mas resisto.

A gratidão pós-boquete é forte “heh” e eu estudo Caitlin, fascinado por tudo que vejo.

Essa mulher é a porra de um unicórnio. O tipo que não deveria existir.

Que tipo de hacker genial também tem um corpo quente pra caralho e incita um cara a fazer sexo esquisito quando ela deveria estar tremendo nas botas?

Esta, aparentemente.

E eu posso estar apaixonado.

Se eu acreditasse no amor, é isso.

Mas seriamente. Ela é tudo o que consegui com a foto dela e muito mais, e quero saber tudo sobre ela. Quero virá-la do avesso, quebrá-la. Construa-a. Quebre-a novamente.

Adore-a.

Porque agora, estou me sentindo grato e quero provar essa boceta dela.

Eu puxo suas leggings até as braçadeiras em seus tornozelos, em seguida, levanto seus tornozelos no ar para dar uma olhada no dano que fiz

em sua bunda. Não é tão ruim. Vergões vermelhos e inchados. Eu me sentiria mal, mas parecia que ela gostava de cada segundo.

Eu esfrego minha palma sobre os vergões que deixei, apertando seus músculos, batendo neles. Agora que fiquei agressivo com ela, eu amo a sensação. Nunca coloquei a mão em uma mulher antes, mas poderia espancar essa garota a noite toda.

— Como está sua bunda? — Eu pergunto, só para ter certeza absoluta de que estou lendo direito.

Ela pisca para mim. O olhar vítreo enlouquecido se foi daqueles olhos azuis agora. Vejo inteligência e um traço de incerteza em seu olhar. — Eu poderia ter tomado mais. — Não sai como um desafio. Não como se ela estivesse se gabando ou me desafiando a dar mais a ela. Em vez disso, soa como uma admissão que ela não tem certeza se deveria fazer. Ela está sendo honesta. Como se eu fosse o parceiro sexual dela e fôssemos fazer isso de novo.

Porra. Eu ajusto meu pau. Acabei de gozar, mas já estou ficando duro de novo.

Eu balanço minhas sobrancelhas. — Observado. — Eu bato nela várias vezes, muito mais forte do que antes.

Ela grita, sua bunda se sacudindo no ar. Eu bato em sua boceta e minha palma sai molhada.

Eu abaixo sua bunda para a cama e abro seus joelhos.

Ela engasga, seus lábios formando um lindo “O”, seus olhos vidrados arregalados e assustados.

Sua boceta está nua, o que me agrada e me enfurece ao mesmo tempo. Tipo, para quem diabos ela está mantendo isso nua?

De repente, quero matar todos os filhos da puta que estiveram aqui antes de mim.

E todos os que estarão aqui depois de mim.

Não deixe ninguém atrás de você, rosna a voz possessiva em minha

cabeça.

O que é estúpido, porque não vou ficar com ela. Vim buscar meu dinheiro de volta, só isso. Relacionamentos são para maricas.

Eu empurro sua blusa e sutiã esportivo sobre seus seios e paro um momento para beber a vista. Seus seios empinados são forçados para baixo pela faixa apertada do sutiã esportivo, que os faz sobressair, lutando pela liberdade. Seus mamilos têm pontas de pêssego, a pele é pálida. Ela é como a Branca de Neve com cabelo quase preto e pele pálida. Os olhos azuis trazem um choque de cor à paleta.

Ela estremece sob o meu olhar, o que produz um sorriso selvagem em meus lábios. Travando os olhos com ela, eu lentamente abaixo minha cabeça entre suas pernas. Eu lambo dentro dela, minha língua abrindo seus lábios e traçando o interior.

Seus joelhos se movem e se fecham em torno de meus ouvidos. Eu os empurro para trás, segurando a parte interna de suas coxas com um aperto doloroso e passo minha língua sobre seu clitóris. Ela tem um capuz perfurado, que é quente como o inferno. Essa garota é tão excêntrica quanto parece.

— Oh... oh! Oh meu deus. Tão bom. — ela geme.

Eu gosto de sua apreciação entusiástica e elevo um entalhe. Dou uma lambida em seus sucos, trabalhando mais rápido, então contorno seu ânus e a faço gritar. A parte interna de suas coxas treme contra meus ombros. Sua barriga vibra enquanto ela engasga e solta exalações trêmulas.

— Meu Deus. Sr. Tacone ... grande homem, grande chefe.

Eu rio contra sua carne macia com o fluxo de palavras que saem de seus lábios.

Ela é adorável.

Ela se contorce embaixo de mim e eu chicoteio seu clitóris e perfurando em movimentos rápidos enquanto enfio um dedo dentro dela.

Eu trago meu polegar para seu ânus e massageio um círculo ao redor dele. — Aqui está o que vai acontecer. Vou chupar seu clitóris e contar até

quatro. E você vai gozar na minha cara quando eu terminar de contar.
Capiche?

Ela gosta disso. Ela acena com a cabeça rapidamente, suas pupilas tão grandes em seus olhos que parecem pretas.

— Boa menina. Aqui vamos nós. — Eu abaixo minha cabeça e toco seu clitóris mais algumas vezes, então aspiro meus lábios sobre ele. O piercing ajuda a manter o capuz para trás e facilita a sucção.

Ela goza na contagem de dois.

Coisinha obediente, receptiva e louca.

Estou apaixonado.

Eu quero ficar com ela.

Devo ficar com ela?

Não. Ficaria velho rapidamente. E ela é claramente uma maluca. Além disso, ela tem uma vida. Estudos de pós-graduação. Uma carreira.

Ela pode ter trepado com um Tacone, mas não estou disposto a tirar tudo isso dela.

Ela só precisa consertar as coisas e então eu vou deixá-la ir.

Nenhum dano, nenhuma falta.

Quando seu orgasmo diminui, eu a lambo um pouco mais, mordiscando um de seus lábios. Então eu puxo suas calças para cima, incapaz de resistir a mais alguns golpes em seu clitóris depois que eu faço.

— Você vai me matar? — ela resmunga.

De volta aos negócios.

— Vamos ver. — digo a ela, porque eu sou um idiota. Eu sou um idiota e não me importo com o medo dela. Especialmente agora que sei que isso a excita tanto quanto a mim.

CAPÍTULO DOIS

CAITLIN

O Sr. Tacone entra na minha cozinha e pega a garrafa de água que deixei no balcão. Quando ele traz de volta para mim para beber, minha confusão é completa.

Por mais que eu queira, não acredito que acabei de amaciar esse cara chupando o pau dele. Quero dizer, talvez um pouco, mas ele ainda está aqui para me matar.

Talvez ele seja como o gato que gosta de brincar primeiro com suas vítimas. Bem, isso é bom. Mais tempo para eu descobrir como me livrar desse problema. Além disso, eu amo o jeito que ele joga. Ele é melhor do que qualquer um dos pretensos domos da masmorra local. Mais bonito. Mais mandão. Útil com um cinto.

Ele me deixa com a garrafa de água e anda pelo meu apartamento, pegando coisas e examinando. Ele abre minha bolsa - aquela que sempre carrego comigo e tira tudo de lá. Meu laptop, minha carteira, as roupas de ginástica que troquei depois do banho no centro recreativo. Ele olha para as roupas molhadas e suadas, depois para mim, seus olhos percorrendo minha roupa.

— Eu vivo com calças de ioga. — explico. — Estas estão limpas, ou estavam, antes de você me fazer vazar em cima delas.

Seus lábios se contraem. Ele continua sua leitura das minhas coisas, percorrendo todas as mensagens no meu telefone, abrindo o laptop e clicando nos botões.

Finalmente, ele puxa a poltrona para ficar de frente para mim na cama e se senta.

— Então, Caitlin.

— Sim, senhor. — Estou deitada de lado, tornozelos e pulsos amarrados, minha bunda ainda pulsando com o calor de suas chicotadas e o gosto de seu esperma ainda em minha boca. Eu definitivamente me sinto

submissa, mesmo quando procuro algum tipo de fuga.

Ele cruza as pernas compridas e afrouxa a gravata. Eu me pergunto se ele se vestiu para mim ou se é isso que ele sempre usa quando aparece para matar alguém. Como se fosse o uniforme de trabalho da máfia ou algo assim.

— De todos os cassinos de Las Vegas, você escolheu o nosso. Parece um pouco pessoal, boneca. Foi isso?

Eu deveria ter esperado essa pergunta e ter uma resposta, mas por algum motivo, ela me pegou de surpresa. Não consigo esconder a verdade da minha expressão ou fazer uma resposta chegar rápido o suficiente para soar legítima.

— Não. — Minha voz tem um gorjeio.

Ele inclina a cabeça para o lado. — Existem consequências por mentir para mim. — A ameaça sai de sua língua facilmente. Sedosamente, mesmo. Eu juro, os doms da masmorra deveriam ter aulas com esse cara.

— Então foi pessoal. Você mora em Chicago - nossa cidade. Você tem uma rixa com um de nós? — Ele observa minha expressão, que tento muito manter em branco. — Qual deles? Meu pai? Você é um pouco jovem para isso.

Seu pai - Don Tacone - está na prisão. Tem sido nos últimos dez anos ou mais. Eu sei muito da minha pesquisa. A verdade é que não sei qual Tacone fez ou deu a ordem. Só sei que eles são os responsáveis.

Eu balanço minha cabeça. — Sem chance. Acabei de conhecer sua família por morar aqui e como você se expandiu para o negócio de cassinos em Las Vegas.

Ele não se move, apenas me observa, e sei que ele sabe que é besteira. Interessante que ele não cumpre a ameaça de consequências.

Na verdade, isso me assusta mais. Outra surra que eu poderia aguentar. Uma pequena tortura.

Não saber o que ele está pensando me arrepia profundamente.

— Eu tenho que fazer xixi. — Não é mentira. Mas também preciso desesperadamente me afastar de seu escrutínio minucioso.

Ele permanece imóvel, me estudando por mais um momento, então se levanta da cadeira. Sem dizer uma palavra, ele me pega em seus braços, então me joga no ar para me colocar com um saco de batatas ignominioso sobre seu ombro. E, claro, sua mão bate na minha bunda.

Faz todos os tipos de coisas excitantes para o meu corpo.

Eu canalizo o formigamento, o chute da luxúria por ser tão facilmente manipulada por um homem tão grande, capaz e perigoso para descobrir uma maneira de sair disso. Eu poderia pegar uma navalha do chuveiro para usar nele.

Mas eu sei que isso é estúpido. Um homem com mãos grandes como ele poderia lutar contra mim com seu dedo mindinho, mesmo que eu tivesse uma lâmina afiada. Fugir seria uma opção melhor. Eu só preciso ter meus tornozelos livres para correr.

Tem tesoura no banheiro? Eu olho em volta desesperadamente quando ele me coloca no chão, mas eu já sei que não há nada lá. Meu apartamento pode estar bagunçado, mas sou do tipo que sabe exatamente onde está tudo na bagunça.

Nenhuma tesoura no banheiro. Talvez cortadores de unha.

Meu assassino enfia os polegares no cóis da minha calça de ioga e os arrasta pelas minhas coxas. Depois do que ele já fez, isso não deveria me fazer corar, mas faz. Há algo ainda mais íntimo em fazer xixi no banheiro na frente de alguém do que chupar o pau dele.

Ele me abaixa para sentar no vaso sanitário e fica bem em cima de mim, os braços cruzados.

Ok, tirar o cortador de unha da gaveta pode não ser possível com esse nível de supervisão.

Porra!

Eu o encaro por um momento. Meus mamilos estão duros.

— Eu pensei que você tinha que fazer xixi. — Sua voz é um estrondo profundo e autoritário.

— É difícil quando você está olhando para mim! Posso ter um pouco de privacidade, por favor?

— Não.

Droga. Desvio o olhar, encontrando um ponto no chão para me concentrar, porque não era mentira. Não consigo quebrar o selo. Eu inalo lentamente. Segure Meu folego. Expire.

O Sr. Tacone não se mexe. Afasto meus pulsos amarrados e dou um soco na perna dele. — Você está gostando um pouco demais disso, não acha?

Vejo aquele vislumbre de um sorriso. — Definitivamente.

Eu bufo, mas a troca normalizou as coisas o suficiente para eu fazer xixi. Meu corpo relaxa e sou capaz de deixá-lo sair.

Eu olho para ele com um desafio. — Você poderia me passar um pouco de papel higiênico? Não consigo alcançar. — Eu torço e empurro meus braços e finjo patética.

Não sei por que estou tentando irritá-lo - só para recuperar um pouco do poder, acho, mas ele parece muito mais divertido do que irritado. Ele enrola uma bola de papel higiênico e a pressiona em minhas mãos amarradas.

É muito difícil de limpar e preciso de algumas tentativas, mas consigo e me levanto.

Ele puxa minha calça para cima e eu caio nele, minhas mãos amarradas agarrando um punhado de sua camisa enquanto ele passa um braço forte em volta de mim. Ele cheira limpo e masculino. Eu teria imaginado que ele era do tipo de colônia pesada, mas tudo que eu detectei é o leve cheiro de sabonete e o cheiro de sua pele.

Ele me levanta facilmente por cima do ombro novamente. — Tudo bem, Caitlin. De volta à cama para você. Temos tempo para matar antes que eu possa movê-la. Tempo suficiente para você revelar todos os seus

segredos. — Ele me joga de volta na cama.

— Para onde você está me mudando? — Pergunto rapidamente, tanto para distraí-lo de suas perguntas quanto porque, sim. Preciso saber onde será meu lugar de descanso final, se é isso que ele está planejando.

— Eu faço as perguntas, pequena hacker. Por que meu cassino?

Arrepios sobem em meus braços. Dou de ombros, porque estou deitada no outro. — Já tinha ouvido falar.

Ele estreita os olhos. — Você é uma garota esperta, Caitlin — obviamente. Você tem nos roubado por anos e só agora foi pega. Foi uma configuração inteligente também. Exigiu habilidade e muita reflexão para concluir. Não acredito que você escolheria o único cassino em Las Vegas administrado por sicilianos para seu golpe, a menos que tivesse um bom motivo. Se você quiser qualquer cassino para roubar, há pelo menos uma centena de opções melhores.

Eu tento desviar o olhar de seu, mas acho impossível. Em vez disso, meu rosto estúpido esquenta.

Ele paira sobre mim e agarra meu queixo, abaixando o rosto para o meu. Ele realmente é bonito. Cílios escuros e ondulados, olhos castanhos chocolate. Sem linhas de sorriso. Esse cara leva merda a sério. — Então não minta para mim. Eu quero saber o que se passou nessa sua linda cabeça quando você escolheu o Bellissimo.

Eu não vou contar a ele.

Pelo menos não pretendo.

Mas ele ganhou tanto controle do meu corpo que minha mente parece seguir. Ou talvez eu só queira que ele saiba que eles mereciam. Se vou morrer por isso, posso pelo menos fazer minha observação antes de fazê-lo.

— Você matou meu pai. — eu sussurro.

PAOLO

Eu libero seu rosto e recuo, surpreso. — Oh sim?

É possível. Já matei muitos homens. Nenhum que não mereça tudo o que tem. Penso no que li em seu arquivo sobre a morte de seu pai. Certamente não foi informação suficiente para tocar um sino comigo, se é que há um sino para tocar.

— Eu, pessoalmente, ou alguém da organização?

Ela desvia o olhar. Ela está tentando desviar o olhar por um tempo agora, mas eu a prendi em um olhar desconfortável. — Não tenho certeza de quem realmente puxou o gatilho.

— Mas ele foi baleado?

Ela não responde.

— Você não sabe ao certo.

Agora ela levanta os olhos novamente. Ela quer respostas. É por isso que ela me deixou encontrá-la. Faz todo o sentido. Garota esperta como ela não me deixaria nenhum caminho até sua porta, mas ela deixou. Claro que ela é um desastre. E ela tem essa propensão para a punição.

Mas não, uma parte dela queria que eu aparecesse aqui e desse respostas sobre a morte de seu pai. Já vi esse tipo de obsessão antes. É muito difícil quando não há corpo. Você nunca coloca a pessoa totalmente para descansar.

— Ele desapareceu e você acha que tivemos algo a ver com isso.

Mais uma vez, ela levanta o olhar. Maldito olhar bonito, também. Aqueles olhos azuis são impressionantes como o inferno. Ela acena com a cabeça.

Droga. Essa garota está me irritando. Já estou me arrependendo de ter enfiado meu pau na boca dela.

Mas não. Ela ofereceu - eu não forcei.

E eu dei prazer a ela depois. Ainda tenho o gosto dela na minha língua.

Não demonstro a simpatia que ela me inspira. Eu apenas pisco para ela com um olhar autoritário e desaprovador.

Mas eu quase desejo ter algo para dizer a ela. Dê a ela o fechamento que ela deseja. Mas isso é estúpido. Mesmo que eu soubesse o que aconteceu com o pai dela, não admitiria. Não é como se eu pudesse expulsá-la e mostrar-lhe um local de enterro para que ela pudesse deixar flores. Estaríamos falando de um crime capital. Assassinato Um. Não importa o quanto eu queira ajudá-la, não é algo que eu admitiria. Não, a menos que eu planejasse matá-la depois.

— O que faz você pensar que estávamos envolvidos em seu desaparecimento?

Ela franze os lábios e desvia o olhar para um ponto na parede. — Ele estava trabalhando para você. A polícia perguntou tudo sobre suas relações com os Tacones quando ele desapareceu. Eles praticamente inferiram que vocês fizeram isso, mas não conseguiram provar.

Eu realmente não me lembro de nenhum cara chamado West trabalhando para nós. Nós mantemos as coisas apertadas. Apenas sicilianos. Sem estranhos. Eu faço um som duvidoso. — Os policiais acham que cometemos centenas de crimes dos quais não participamos.

Seus olhos se estreitam.

— O nome era West?

— Lake West.

— Lake. — Esse nome movimenta alguma coisa. É um nome memorável - estranho não ter notado isso quando estava lendo o arquivo dela. Mas eu não estava procurando por uma conexão. Parece que me lembro de um ladrão desprezível com esse nome. Tipo idiota. Um cara branco e magro com jeans rasgados e desbotados e pelos faciais que não estavam totalmente preenchidos.

Bem, merda. Talvez nós o tenhamos matado.

— Ladrão como você? — Eu quase me arrependo da pergunta, porque seu rosto fica com um tom profundo de rosa e sua mandíbula se contrai.

Mas eu já comecei essa linha de questionamento, posso muito bem fazer o meu ponto. — Sim? Roubar dos Tacones nunca acaba bem, boneca.

Eu vejo aquele lampejo de vulnerabilidade em seu rosto. A dor e o medo se misturaram ao desafio. E então, assim, seus olhos ficam opacos.

Como se ela tivesse feito check-out e ninguém estivesse em casa.

Afasto a simpatia que sinto por ela. É por causa do que ela já me mostrou. Seu lado bizarro. O fato de que ela chupou meu pau. Rolou naquela cama enquanto eu chicoteava sua bunda.

E foda-se se eu não gostava de machucá-la desse jeito.

Eu sempre soube que tinha uma veia sádica, mas nunca me permiti entrar. Nosso pai pode ter nos ensinado a governar esta cidade com violência brutal e intimidação, mas também nos ensinou a respeitar as mulheres. Ele nunca teve uma amante ou traiu nossa mãe. Sempre a tratou como se ela fosse uma deusa.

E eu? Eu não sou o tipo de encontros e dança. Sou o foda duro e as expulso antes do café da manhã, então relacionamentos nunca foram minha coisa.

Olhando para este fogo selvagem de uma mulher abaixo de mim - e ela é toda mulher, apesar de seu status de estudante universitária - eu me pergunto se talvez eu simplesmente não tivesse encontrado o tipo certo de mulher antes. Eu não sabia que mulheres como Caitlin existiam.

Mulheres que gostam disso tão duro e áspero quanto eu gosto de dar. Que não se ofenda ou chore porque sou um *stronzo* sem consideração que nunca vai dizer que se importa. Ela gostou de ser *espancada* por mim.

Cristo, fico com o pau duro de novo só de pensar em dar uma surra na bunda daquela garota. Como ela gemia e se esfregava enquanto eu fazia isso. Disse-me que ela poderia ter levado mais.

Eu me afasto dela agora, porque aquela chama brilhante dela queimou no momento em que eu a chamei de ladra.

No momento em que indiquei que não há vítimas inocentes aqui. O pai dela provavelmente nos roubou e teve o que merecia. E o mesmo vai

acontecer com ela, menos a parte de matar.

Ela vai pagar cada centavo vermelho de volta antes que eu a deixe ir embora com a ameaça que vai mantê-la com medo de mim pelo resto de sua vida.

Engraçado como não sinto muita satisfação nisso no momento.

Garotas malucas fodem com sua cabeça.

Essa é a única explicação que posso encontrar para como estou me sentindo agora.

CAPÍTULO TRÊS

CAITLIN

Às vezes é difícil para mim distinguir o medo da excitação. Eu tenho uma mente inteligente e racional, mas assim que ela pousa em algo que me assusta, eu saio do meu corpo. E a maneira que eu volto é através do sexo e da dor.

Então, ser amarrada, chicoteada e fodida pelo chefe da máfia que apareceu para me matar? Não me assustou.

Falar sobre a morte do meu pai me deixou para baixo, no entanto.

E quando meu assassino empacota meu equipamento eletrônico, me joga por cima do ombro e me carrega para fora do apartamento, um medo real se instala.

— Sr. Taccone? — Eu murmuro, balançando sobre seu ombro largo. Eu tenho uma visão de perto de sua bunda, e é bastante impressionante, devo dizer. Ele é definitivamente um garanhão italiano, este aqui.

Quem saberia?

Eu poderia ter jogado minhas cartas de maneira diferente se soubesse que roubar mais de cem mil dólares desencadearia um assassino em um pacote tão bonito e dominante.

Ele dá um tapa na minha bunda. — Nenhum som, pequena hacker. Você quer que eu amordace você?

Eca. Por que isso me excita? Ele embaralha meu cérebro quando diz coisas assim. Preciso descobrir como escapar em vez de me molhar toda vez que ele diz algo mandão.

— Não, senhor. — murmuro.

— Boa menina.

Não há elevador no meu prédio, mas ele nem está sem fôlego depois de me carregar quatro lances de escada e sair para o estacionamento. Eu

olho em volta, mas não há ninguém para me ouvir gritar. Ele esperou até o meio da noite para me sequestrar.

Eu deveria ter gritado lá no prédio. Um dos meus vizinhos pode ter ouvido ou chamado a polícia. Por que eu não fiz?

Juro que às vezes não tenho juízo. Para uma garota que tirou 1410 no SATs,¹ sou muito estúpida.

Ou eu tenho um desejo de morte.

Isso tem um toque de verdade. É por isso que mirei nos Tacones em primeiro lugar. Isso e por vingança.

Merecem pagar pelo que fizeram.

O cara do Tacone - ainda não sei quem ele é - abre o porta-malas de sua Porsche e o frio me invade.

Agora eu vou morrer. Eu definitivamente vou morrer.

Eu tento balançar em seu ombro, mesmo que com meus tornozelos amarrados eu não daria um passo para trás. Ele dá um tapa na minha bunda, mas tem cuidado de me colocar no porta-malas.

Como se ele estivesse deitando um bebê dormindo ou algo assim.

Ele olha para mim por um momento, sua expressão inescrutável.

Estou tremendo toda. — Por favor. — eu imploro. — Eu não quero morrer.

Ele tira a jaqueta e a coloca sobre mim, cuidadosamente dobrando as pontas ao redor do meu corpo para mantê-la vestida.

Huh.

Talvez eu não vá morrer. Ainda. Que tipo de assassino enfia a jaqueta em volta da vítima para garantir que ela não fique com muito frio?

— Por favor, Sr. Tacone.

O porta-malas se fecha e eu sufoco um soluço.

Merda! Foda-se. Isto é mau. Muito mal.

Minha respiração fica ofegante quando o carro ruge para a vida e se afasta do meio-fio.

Estou tão morta. Estou tão morta. Estou tão morta.

Eu não quero morrer.

Essa percepção me atinge um pouco tarde demais.

Pena que eu continuamente me envolvo em comportamentos de risco.

— Eu não quero morrer! — Eu grito, como se isso pudesse de alguma forma convencer o assassino a me deixar viver. — Sr. Tacone! — eu grito. — Deixe-me sair daqui. — Eu grito até ficar rouca, mas é claro que não adianta. Não consigo alcançar a trava de emergência para abrir o porta-malas e não consigo força suficiente com os tornozelos amarrados para chutar as luzes.

Eventualmente, o carro para e o motor desliga.

Agora é quando eu deveria gritar, mas minha garganta está dolorida e seca e estou exausta.

O porta-malas se abre e o irmão Tacone olha para mim. — Não sou fã de gritos. — diz ele, fixando-me com um olhar.

Isso é tudo o que ele diz.

Estranhamente, isso é tudo que ele precisa dizer. É como se nós dois soubéssemos que não vou fazer isso de novo. Ele ameaçou com uma mordada mais cedo, e eu não quero fazê-lo cumprir essa ameaça.

Também porque ele é tão dominante e algo em mim gosta de se submeter.

Mantendo o paletó enrolado em meus ombros, ele me puxa de novo por cima do ombro e me carrega para o que parece ser uma residência unifamiliar nos subúrbios.

Bem, tudo bem. Ele provavelmente não está planejando me matar aqui.

Ou parece improvável. Muito sangue.

E ruído.

Se ele tivesse me puxado para fora do porta-malas em algum local remoto e arborizado, eu teria certeza de que era hora de cavar minha cova. Mas parece que pode ser a casa dele.

Huh.

Ele me carrega para dentro. Eu levanto minha cabeça e tento olhar em volta. É uma bela casa moderna com móveis luxuosos. Tem o cheiro dele - masculino terroso e couro. Ele me carrega para o que deve ser seu quarto e me joga na cama king-size. O edredom é um cinza metálico iridescente. — Não se mova. — diz ele e sai da sala.

Ok, certo. Não sou tão estúpida. Eu rapidamente examino o quarto e meus olhos pousam em um cortador de unhas na mesa de cabeceira.

Bingo!

Eu me atiro para ele, o exército rastejando com meus cotovelos na cama e o agarrando. Um recorte e os laços de tornozelo são soltos. Eu não perco tempo com os laços de pulso, apenas saio da cama, segurando o cortador enquanto corro para a porta da frente.

Estou quase lá quando algo fino e macio envolve minha garganta e me puxa para trás.

Arrasto em um suspiro desesperado, meus dedos voando para o material em minha garganta.

Sua gravata.

Ele está me sufocando com a gravata.

Só que ele não está. Ele alterna cortando meu fluxo de ar e me deixando respirar.

O homem sabe exatamente o que está fazendo.

Ele provavelmente matou dezenas de pessoas dessa maneira enquanto forçava suas confissões finais. Meu pai morreu assim?

— Eu pensei que tinha dito para você não se mover. — Sua voz é uniforme. Profunda. Sedutora, mas não acho que seja isso que ele pretende.

Eu nunca gostei de respiração - parece muito arriscado para mim - mas eu finjo que isso é sexo, uma cena. Algo que poderia ser encerrado com um simples pronunciamento da minha palavra de segurança. E apenas mudando o cenário para a terra do sexo - o mesmo que fiz em minha casa antes - meu medo diminui. O pânico vazio desaparece. Meu corpo ganha vida.

Eu deixo minha cabeça cair para trás em seu ombro e esfrego minhas mãos amarradas entre minhas pernas.

Sua risada é suave. Seus lábios estão bem na minha orelha.

— Você gosta de ser estrangulada enquanto fica duro, Caitlin?

Oh, cara. O homem pega o que estou colocando sem perder o ritmo.

— Talvez. — eu admito. Mas não há talvez sobre isso. Eu já estou molhada. — Você praticou respiração?

E a tática funciona totalmente, porque ele se esquece de puxar a gravata bem esticada em volta do meu pescoço, em vez disso desliza uma mão pela minha barriga e dentro da minha calça. Quando ele desliza lentamente um dedo sobre minha entrada, estou chocantemente escorregadia e molhada.

— Eu sufoquei algumas pessoas, sim. Quer tentar?

Não deixo de notar que ele está perguntando. Parece incongruente com tudo o que ele fez, considero isso um bom sinal. Talvez ele seja um daqueles caras que está bem em matar uma mulher, mas não em estuprá-la.

Isso meio que se encaixa no perfil da máfia - pelo menos aquele retratado no cinema e na televisão. Eles podem ser perigosos e operar fora da lei, mas ainda há um código pelo qual eles vivem. Eles apenas honram suas próprias regras.

Talvez sua regra seja não forçar uma mulher. Ou talvez seja apenas o orgulho dele. Eu meio que duvido que ele teria que forçar. Não com aquela aparência e dinheiro e poder por trás deles. As mulheres provavelmente jogam suas calcinhas nele diariamente.

Que é precisamente o que vou fazer.

— Sim, grande homem.

Ele afunda um de seus dedos em meu canal. — Grande, hein? Garotinha, esta é a direção mais estranha que uma chantagem já tomou para mim, você sabe disso?

Eu vou ainda. — Isso é uma extorsão?

Não um assassinato. Ele teria dito *isso* se fosse para ser isso, certo?

Com a mão ainda dentro da minha calça, ele usa a gravata em volta do meu pescoço para me girar e me levar de volta para o quarto. — É o que eu quero que seja. Agora, sou eu dobrando você sobre a cama e fodendo você com força por trás com esta gravata apertada em volta da sua garganta. *Capiche?*

Eu gemo. Eu nem sei se ele quer dizer isso como uma conversa suja, mas para mim funciona como mágica. — Eu *capiche*. — eu digo.

Ele bufa porque tenho certeza que não é assim que você diz. Qualquer que seja. Quando chegamos à cama, ele empurra meu torso para baixo e enfia um segundo dedo em mim. Eu coloco meus antebraços sob meu peito e balanço meus quadris para levá-lo mais fundo. Ele morde meu ombro enquanto remove os dedos e eu suspiro. Com movimentos rápidos e hábeis, ele me livra das calças de ioga. Ouço o rasgo do preservativo e fico instantaneamente grata por ele ser o responsável, porque eu nem tinha pensado em proteção. Pelo menos estou tomando pílula.

E o fato de ele estar usando camisinha... isso significa que ele não está me matando? Ou é apenas para protegê-lo de qualquer coisa que eu possa estar carregando?

Provavelmente o último. Esse pensamento alimenta minha euforia inicial.

A gravata em volta do meu pescoço estava frouxa, mas ele a aperta novamente, deslizando-a bem abaixo do meu queixo, então quando ele a puxa, ele levanta minha cabeça e curva minhas costas.

— Ah, isso é lindo, boneca. Bonito pra caralho.

De repente eu sinto isso. Imagino como devo parecer para ele; amarrada, sufocada e pronta para ser fodida e é definitivamente quente.

Ele me empurra por trás. É áspero, forte e exatamente como eu gosto. Meu corpo estava pronto para ele, mesmo ele sendo grande. Ele empurra profundamente, saindo e batendo na minha bunda quando ele bate de volta.

Eu aperto minha boceta em torno de seu pau grande e ele empurra, empurrando com mais força. — Droga, você se sente bem, *bella*. Você pratica manter essa boceta tão apertada?

— Sim. — eu admito. Não deveríamos todos estar fazendo nossos kegels²?

Ele murmura algo que soa como “*Cazzo*” deve ser uma maldição italiana.

Eu amo o jeito que ele me fode forte, como se fosse um castigo, como se eu devesse sentir onde ele esteve por dias. Minha bunda ainda está dolorida por causa das chicotadas e cada vez que ele bate, sua virilha bate contra ela, renovando a sensação, apertando meu pau cada vez mais.

Ele aperta a gravata de seda em volta do meu pescoço, cortando meu fluxo de ar. A falta de oxigênio, ou talvez o medo e o desespero de ser sufocada me levam direto ao precipício do orgasmo, mas ele o libera antes que eu chegue lá.

Deixo escapar um gemido frustrado.

Quando ele sai, jogo meu cabelo por cima do ombro para virar e olhar para ele.

Ele sorri. — Você não merece que eu goze em sua boceta. Você tem sido uma garota má. — Ele dá um tapa na minha bunda. — Você vai levar na bunda.

Eu tremo. Posso sentir dor, mas anal não é minha praia. É muito pessoal. Intimista demais. — Lubrificante! — Eu grito defensivamente. — Você pode usar qualquer coisa - azeite, óleo de coco. O que quer que você tenha. Por favor.

Ele bufa novamente. — Eu deveria rasgar sua bunda sem lubrificante. — diz ele, mas se levanta e abre uma gaveta da cômoda, tirando um frasco de lubrificante.

Graças a Deus.

— Suba na cama. — ele ordena, como se eu tivesse pleno uso de minhas mãos. Puxo meus joelhos para cima da cama e ele me ajuda a me colocar no meio dela. — Bunda no ar, encrenqueira. — Ele dá um tapa na minha bunda para pontuar o comando.

Se eu parasse por um momento para considerar o quão estranho e louco é transformar minha chantagem em uma extravagância BDSM, eu riria até chorar. Mas estou muito perdida no momento. Muito excitada, muito rendida no modo submissa. O cara provavelmente poderia fazer qualquer coisa comigo agora e eu deixaria.

E esse é o perigo das minhas peculiaridades.

Comportamento de risco, foi o que o conselheiro escolar disse à assistente social no colégio quando pedi a emancipação.

Eu não ligo. Neste momento, é bom.

Meu aspirante a assassino empurra a parte superior do meu corpo no colchão e dribla uma grande quantidade de lubrificante na minha bunda.

Mais uma vez, graças a Deus.

Com um lado do meu rosto pressionado contra as cobertas, observo o homem atrás de mim desabotoar a camisa e puxá-la. *Caramba*. O que vejo faz minha boceta apertar em antecipação. Ele não é o que eu esperava. Quero dizer, sim, ele é um homem grande e corpulento com ombros largos e musculosos e pelos no peito fartos ondulados acima de sua camiseta. Mas não há nenhuma corrente de ouro chamativa ou anéis em seus dedos. O traje é obviamente caro, mas de muito bom gosto.

Ele é elegante.

Essa é a parte que me surpreende. Este não é o mafioso bandido de rua do cinema.

Risque isso. Eu andei aqui no porta-malas do carro dele e ele está prestes a me foder por tentar escapar. Exceto que não parece assim. Parece que duas pessoas estão envolvidas em um não-consentimento consensual. Uma cena estendida no clube BDSM local.

— Tudo bem, garotinha. Você está pronta para ter sua bunda fodida?

— Hum...

Ele está esperando por uma luz verde? Depois que ele me disse que eu merecia ter minha bunda retalhada por ele? Ele esfrega minha boceta, brincando com meu clitóris até que meus joelhos deslizem mais na cama.

— Você parece pronta, *bella*. — Ele pressiona a ponta de seu pau contra meu ânus.

Mesmo sabendo que o truque é relaxar, eu aperto.

Ele espera.

Quando o apertado anel de músculos finalmente relaxa, ele empurra para frente.

Eu suspiro e aperto novamente.

— Deite-se, pequena hacker, isso vai afrouxar as coisas.

Ele vai? OK. Deslizo os joelhos para trás até ficar de bruços. Ele empurra minhas nádegas e derrama mais lubrificante sobre meu ânus. Então ele retoma a entrada. Ele tem razão. Desta vez não é tão apertado. Ele entra e estica, mas não é horrível. Eu respiro através dele, meus olhos bem fechados. Quando ele finalmente está dentro, ele espera.

Eu esqueci a gravata em volta do meu pescoço, mas ele não. Ele a pega e a puxa com força. Minhas costas se curvam e eu me apoio nos cotovelos para aliviar a pressão, mas meu assassino começou a balançar para dentro e para fora da minha bunda. Apenas um pequeno movimento, mas parece...

Muito bom.

Sim, muito bom.

Eu começo a fazer sons. Os gemidos de desconforto e prazer se misturam.

Ele bombeia um pouco mais forte - aumenta o alcance de seus golpes. Aperta a coleira em volta do meu pescoço.

— Ai, por favor. — eu choramingo, mas não quero que ele pare.

— Por favor, o quê pequena hacker? Por favor, foda-me mais forte?

Minha boceta está inchada, encharcada. Querendo algo dentro dela, mas ele está abusando de mim. Nunca me senti tão usada, tão punida, tão submissa na minha vida.

É uma sensação inebriante. As endorfinas correm pela minha corrente sanguínea. Estou à beira de um orgasmo.

— Por favor. — eu gemo novamente.

— Por favor, você precisa gozar?

— Sim!

Ele aperta a pressão em volta da minha garganta ao mesmo tempo em que aumenta a velocidade de suas bombadas.

Eu tento implorar um pouco mais, mas o som é sufocado pela minha respiração. Quero tocar minha boceta, enfiar meus dedos nela, dar algo para apertar, mas não consigo me mexer. Estou presa pela gravata em volta do meu pescoço e o pau na minha bunda.

Meu orgasmo rasga através de mim. Eu aperto em torno de seu pau e ele xinga e solta a gravata.

Prendo a respiração enquanto caio de cara no colchão, de frente para a liberação. Ele me segura pela nuca e fode minha bunda forte e rápido enquanto eu flutuo para longe, muito longe.

Quase não ouço seu grito quando ele goza. Nem sei o que aconteceu depois disso.

A próxima coisa que sei é que ele colocou uma nova braçadeira em volta dos meus tornozelos e removeu a dos meus pulsos o suficiente para

tirar minha camisa e sutiã esportivo. E então ele deve ter colocado uma nova braçadeira em volta dos meus pulsos, mas eu perdi quando isso aconteceu, porque de repente estou em uma banheira cheia de água morna e ele está parado em cima de mim, parecendo muito severo enquanto tira suas roupas.

— Você sai desta banheira e eu vou enfiar algo ainda maior que meu pau em sua bunda e vai ficar lá até que você devolva meu dinheiro. *Capiche?*

Eu pisco para ele. O que ele disse? Nem faz sentido.

Não posso devolver o dinheiro dele. O dinheiro acabou. Ele acha que eu tenho isso?

Ele entra no chuveiro adjacente e o liga. — Estou de olho em você.

Não é engraçado, mas eu rio. Só porque ele é sexy quando é severo, e eu acabei de atingir o subespaço e ainda estou voltando para baixo.

Fecho os olhos e afundo na água quente e deliciosa do banho. Eu sei que tenho problemas. Enormes, mortais. Mas apenas por este momento, eu me permito esquecer. Rendo-me à água e à vontade do meu captor.

E rescaldo da melhor cena e sexo da minha vida.

PAOLO

Caitlin não sai do banho. Ela nem mesmo procura por uma arma, como fez no banheiro. A garota está no espaço sideral.

Ela definitivamente é louca. Como muito fora do normal.

Não sei por que a acho tão atraente.

Louca por bagunça quente não é minha coisa. Quero dizer, eu normalmente fugiria dessa merda ao primeiro sinal.

Mas algo sobre essa garotinha já se enterrou sob minha pele. Eu me sinto estranhamente protetor com ela.

E a loucura dela não me incomoda. Isso me diverte. Como se eu

tivesse rido mais esta noite do que no último mês.

Fico de olho nela através do vidro embaçado da porta do chuveiro. Ela fica linda com a cabeça inclinada para trás, a boca larga curvada de prazer.

Eu quero dar a ela muito mais.

Pena que isso não vai combinar bem com as exigências que estou prestes a colocar nela. Que é a única razão pela qual estou adiando.

Posso estabelecer a lei amanhã. Esta noite está tarde e ela deve estar dormindo naquela banheira depois do que eu a fiz passar.

Fecho a água e pego uma toalha. Ela não abre os olhos quando saio e me seco. Não até eu puxar o botão de drenagem da banheira e a água começar a vazar. Então ela apenas levanta as pálpebras pela metade e me observa.

É muito sexy.

— Não vai ser tão fácil me tirar desta banheira. — ela observa, e novamente, fico tentado a sorrir.

— Você vai tornar isso difícil?

— Não. — Ela parece surpresa, como se não tivesse pensado em resistir. — Eu só não vejo como você vai fazer isso.

— Fácil. — Eu agarro seus antebraços e a levanto o suficiente para sentá-la na lateral da banheira.

— Oh. — diz ela, como se estivesse envergonhada. — Sim, acho que foi fácil.

Enrolo uma toalha em volta de seu corpo e a seco, em seguida, pego-a em meus braços para carregá-la para a cama. Eu quero mantê-la nua, mas tenho que me lembrar que ela não é minha. Ela pode ter iniciado toda a merda que fizemos hoje à noite, mas isso não significa que eu possa abrir essas pernas tonificadas pela manhã e bater minha ereção matinal.

E eu definitivamente vou se ela dormir nua. Provavelmente nem esperaria até de manhã.

Coloco uma cueca boxer e pego uma das minhas camisetas para ela. Eu tenho que abrir a braçadeira para colocá-la nela. A pele de seus pulsos está ficando esfolada e machucada, o que eu não gosto, mas também não posso confiar nela o suficiente para deixá-la solta. Pego minha gravata e enrolo em torno de seus pulsos algumas vezes, depois uso a braçadeira sobre ela, para que ela tenha pelo menos algum enchimento.

— Você faria isso nos meus tornozelos também? — ela pergunta inocentemente. Como se ela estivesse pedindo um copo de Coca-Cola de um garçom.

Eu a empurro de costas e levanto seus tornozelos no ar, aproveitando a oportunidade para bater em sua bunda algumas vezes.

Ela grita.

— Esses tornozelos?

— Sim, por favor.

Eu não posso ajudar a mim mesmo. Colocar um pouco de dor nela é tão satisfatório pra caralho. Eu não tinha ideia do *stronzo* sádico que eu era com uma mulher até agora. Bato em sua bunda toda com a minha mão, o som de carne na carne e seus suspiros resultantes altos no quarto.

Dou-lhe palmadas extras sobre sua boceta, que se projeta sedutoramente através de suas pernas. Eu não paro até que sua bunda esteja vermelha e quente sob minha mão. Só então corto a braçadeira e uso uma das minhas meias sob uma nova para evitar que esfregue.

Seu olhar azul-centáurea está no meu rosto o tempo todo. O vazio que ela exibia no banheiro se foi. Eu vejo a inteligência aguçada agora. — O que você vai fazer comigo? — ela pergunta.

— Você vai fazer reparações. E depois que você fizer isso, talvez eu deixe você ir. Veremos.

Eu sei que não disse diretamente a ela que a libertaria, mas quis dizer as palavras para deixá-la um pouco mais à vontade. Porque eu sei que ela está se perguntando se eu vou acabar com ela. Mas ela fica pálida com meu pronunciamento, seu rosto se fechando, os ombros curvados enquanto ela

se enrola na cama.

Eu deslizo as cobertas debaixo dela e subo, em seguida, envolvo um braço em volta de sua cintura e puxo sua bunda de volta contra o meu colo. Tanto para não me tentar.

Eu mantenho meu braço firmemente ao redor de sua cintura, meu corpo moldado ao redor dela. Se ela se mexer, eu vou sentir. De jeito nenhum ela vai escapar durante a noite. Eu não sou de sono profundo.

— Você move um músculo sem permissão e pagará caro. *Capiche?*

— Sim, senhor. — ela murmura.

— Huh. — Deve ser uma coisa de sexo, me chamando de senhor. Ela é muito jovem e casual no resto de seu discurso para eu acreditar que ela regularmente chama os homens de senhor.

— Sim, Sr. Tacone. — ela corrige, lembrando-se da minha correção anterior.

Eu rolo seu mamilo entre o polegar e o indicador. — Boa menina. — Sai como um estrondo satisfeito. E eu realmente sinto isso.

Ela seria um ótimo animal de estimação. E eu adoraria ser o mestre dela.

CAPÍTULO QUATRO

CAITLIN

Acordo com o cheiro de panquecas e minha barriga ronca. Nunca consegui comer o que considero o jantar dos campeões ontem à noite - a tigela de Golden Grahams que me servi antes de encontrar o irmão Tacone em meu apartamento.

Eu me contorço, tentando me sentar. Meus pés e mãos estão dormentes por terem cortado o sangue e todo o meu corpo dói por ter sido forçado a ficar na mesma posição nas últimas doze horas. Eu jogo o jogo que tenho jogado desde o início, que é fingir que não sou uma prisioneira e que tudo isso é divertido e legal para mim.

— Sinto cheiro de panqueca! — Eu grito com alegria exagerada.

Estou satisfeita quando o Sr. Tacone aparece na porta, diversão brincando em seu rosto. Ele parece sexy como o inferno na camisa, aberta no colarinho, suas calças sociais perfeitamente passadas. — Você gosta de panquecas, pequena hacker?

— Eu as amo. — confesso. — Estou morrendo de fome. E prestes a mastigar meu próprio pé para sair dessas coisas. Por favor? — Eu estendo minhas mãos e coloco meus olhos de cachorrinho.

Os lábios de Tacone se contorcem. Ele tira do bolso o cortador de unha que usei ontem e solta os dois fechos.

Eu engasgo com a sensação de sangue voltando para minhas mãos e pés. — Ooh oh ow! — Eu jogo meu rosto de volta nas cobertas e rolo para frente e para trás, me contorcendo e gemendo.

Depois de alguns minutos, os terríveis alfinetes e agulhas se dissipam e eu me sento para encontrar o Sr. Tacone parado ali, me observando.

— É sua culpa, você sabe. — eu atiro para ele, ao invés de me sentir envergonhada do meu comportamento.

— Eu estou ciente. — diz ele suavemente. Um verdadeiro sádico.

Eu admito, isso me excita.

Ele inclina a cabeça na direção da porta. — Vamos.

Eu piso com cuidado em meus pés, ofegando um pouco mais, e o sigo até uma cozinha moderna com bancadas de quartzo reluzentes e utensílios de aço inoxidável.

Um prato cheio de panquecas está no balcão do café da manhã. Eu imediatamente me jogo em uma banquetta, como se fosse a manhã seguinte a um encontro.

Estranhamente, parece funcionar. Ele me oferece uma caneca de café, depois arruma três panquecas em um prato e o coloca na minha frente.

— Oh meu Deus. — eu digo, comendo sem nem mesmo esperar pela manteiga e calda que ele está passando. — Estou com tanta fome e isso cheira tão bem. — Minha boca está cheia agora, então ele pode não ter entendido uma palavra do que eu disse.

Eu olho para cima para encontrá-lo me observando, como sempre. — É uma encenação, certo?

— O que é?

— A coisa louca. Eu não me importo. Na verdade, eu acho fofo. Eu simplesmente não compro.

Meu garfo paira no ar e eu esqueço de mastigar. Engraçado que eu nunca fui chamada antes e esse cara vê através de mim imediatamente.

Eu coloquei o garfo para baixo. — Eu tenho um distúrbio. Isso me deixa louca? Difícil de dizer. Como você separa tudo isso? — Não sei por que diabos estou filosofando com um mafioso que me sequestrou.

Ele levanta o queixo para o meu prato. — *Mangia*³. — Claramente não vai participar do filosofar.

— Você comeu?

Ele começa como se tivesse esquecido de se servir. — Não. — Ele arruma um segundo prato, mas não se senta. Ele continua parado na minha

frente, me encarando enquanto passa manteiga em suas panquecas.

Volto a comer, esperando que ele desista da conversa anterior.

Ele gosta, mas me choca ainda mais quando diz: — Gosto de você, Caitlin. Seria praticamente impossível não fazê-lo.

Eu faço um som discordante na minha garganta. — Eu conheço pelo menos mil pessoas que discordariam de você sobre isso.

Ele franze a testa, então balança a cabeça.

— Eu sei que há um, mas chegando.

— Oh, definitivamente há um, *mas* querida.

Prendo a respiração com seu tom brusco. Aqui vem.

— Eu trouxe seu computador e todo o seu equipamento de tecnologia. Você tem até as 17h de amanhã para devolver o dinheiro com juros. Se você obedecer, eu vou deixar você sair.

Eu fico todo frio. — Não posso. — Eu balanço minha cabeça. — Eu não tenho. Eu usei para estudar.

— Eu sei que você fez, boneca. A sua e a do seu irmão.

Ele deixa isso cair como uma bigorna entre nós. Meu garfo cai de meus dedos.

Ele sabe sobre Trevor. Porra. Eu esperava que o fato de Trevor ter adotado o sobrenome de sua família adotiva o mantivesse fora disso. Tive o cuidado de canalizar o dinheiro dele por meio de um fundo falso de bolsa de estudos separado também.

Droga.

Ele apenas balança a cabeça lentamente. — Você não quer que eu solete, boneca. Inferno, eu não quero soletrar isso para você. Mas você e eu sabemos do que sou capaz. Certo?

Meu coração martela contra minhas costelas. Mal consigo respirar. De alguma forma, eu consigo acenar com a cabeça.

— Então entre nesse seu computador e me dê o dinheiro. O relógio está correndo.

Sinto vontade de vomitar ou chorar ou os dois ao mesmo tempo.

Isso não é bom. De jeito nenhum.

É um jogo totalmente diferente com a vida de Trevor em risco. Eu não me importava muito com a minha. Esta vida não me mostrou tanto que valesse a pena saborear até agora. Mas se Trevor morrer por minha causa... bem, não consigo nem pensar nisso. Minha mente zumbia sobre o problema.

— Então, quanto é o juro? — Eu não consigo manter o tremor fora da minha voz.

— Normalmente cobramos quarenta e nove por cento, compostos diariamente. Mas vamos chamá-lo de 200 mil mesmo.

Eu engulo. — 200 mil em juros ou total?

Pego aquele vislumbre de um sorriso. Eu me pergunto como ele ficaria com um sorriso cheio. De alguma forma, não consigo imaginar. Provavelmente quebraria seu rosto. — Duzentos no total.

Abri minhas mãos sobre a mesa. — Preciso de mais tempo. — digo a ele com firmeza. — O golpe que montei no Bellissimo foi um quinto de um centavo em cada transação. O dinheiro acumulou-se lentamente, dia após dia. Eu não acabei de desviar duzentos mil. Isso teria me pego seis anos atrás.

Ele levanta os ombros. — Tenho certeza que você vai descobrir alguma coisa.

— *Mais tempo.* — eu insisto. Eu sei que é loucura pensar que ele vai negociar comigo, mas bem, temos feito coisas malucas. E ele me fez panquecas.

— Desculpe, boneca. Traga-me o dinheiro, depositado em sua conta offshore. Eu vou lidar com a transferência e lavagem de lá. — Meu coração afunda ainda mais, porque eu estava considerando a ideia estúpida de incriminá-lo por qualquer dinheiro que eu roubasse.

— E nem pense em não entregar ou enviar mensagens pedindo ajuda ou qualquer coisa que vá me irritar, *bella*. — Ele levanta o telefone e vejo um vídeo do meu irmão saindo do dormitório com os livros debaixo do braço. — Eu tenho um cara atrás dele agora.

Meu estômago afunda no chão e de repente desejo ter pulado a panela que já comi. Empurro o prato com as outras duas para longe.

Eu não vou me safar disso. Você não pode roubar tanto dinheiro em um curto período de tempo. Não das maneiras que eu trabalhei, de qualquer maneira. Mesmo que pudesse me infiltrar no sistema de contas de todos os cassinos de Las Vegas, o que levaria meses para fazer, ainda não tenho certeza de que acumularia os duzentos mil em trinta e uma horas.

Porra.

Então, basicamente, eu vou descer por isso.

Acho que é melhor do que a alternativa, que é Trevor sendo morto por minha estupidez.

Eu corrijo meu assassino com um olhar. — Computador portátil?

Ele arqueia uma sobrancelha. — Não fique mal-intencionada, garotinha. Ainda temos que ficar juntos por dois dias.

Eu faço um som de bufo, mas ele está certo. Nós fazemos. E eu definitivamente gostei do lado mais gentil que ele me mostrou. Quer dizer, houve momentos: a jaqueta no porta-malas do carro. O banho. Panquecas.

Oh Deus, estou tentando colocar cobertura em um bolo feito de merda? Eu sou mais louca do que eles dizem.

Ele limpa meu prato e levanta o queixo na direção da sala de jantar. Eu olho e vejo todas as minhas coisas de tecnologia configuradas - tudo do meu apartamento, incluindo bloqueadores e redirecionadores altamente ilegais para evitar que minha identidade e localização sejam descobertas.

Levanto-me e vou até a mesa da sala de jantar, onde me sento e ligo os interruptores do meu equipamento. Abro a tampa do meu laptop e olho para a tela, que está tão vazia quanto minha mente.

Besteira! De quem vou roubar o dinheiro? Especialmente se tenho certeza de ser pega, parece que devo ter uma agenda para isso. Como os Tacones mataram meu pai. Não tenho nenhuma outra grande vingança pessoal, mas talvez pudesse inventar uma.

Eu certamente odeio o Dr. Alden, meu orientador de pós-graduação.

Mas ele não teria duzentos mil disponíveis para roubar. Talvez eu pudesse incriminá-lo pelo crime, no entanto.

Mas precisa ser uma grande corporação. Talvez seja melhor ficar com os cassinos de Las Vegas. Eles estão estuprando seus clientes de qualquer maneira, certo? Então qual?

Pego um mapa da avenida e olho para ele, mas meus pensamentos giram em torno de Trevor. Como mantê-lo seguro. Se houver alguma maneira de sair disso para mim.

Não chegando a nenhum plano que não nos deixe mortos ou caçados pelo resto de nossas vidas, engulo a bile e escolho um grande cassino ao acaso. O Luxor funcionará. Eu começo o tedioso trabalho de invadir suas paredes de segurança.

Três horas depois, estou rígida e inquieta. Eu estalo meus dedos e balanço minhas mãos. Eu bati meus punhos em minhas coxas amortecidas. Preciso de algum exercício pesado para me trazer de volta ao meu corpo. Eu deveria estar na minha moto agora, andando entre as aulas que estou perdendo.

Olho para meu captor, que está sentado no sofá lendo o jornal. Cuidando de mim. Eu me pergunto se ele me deixaria sair para uma corrida? Coloque-me na coleira como um cachorro...

Agora estou excitada.

Lembro-me de todas as coisas que ele fez comigo ontem à noite. A gloriosa chicotada. A maneira como ele enfiou o pau na minha boca. Até anal. Todos eles estavam no topo da minha lista de experiências sexuais. E minha lista era bastante longa para começar. Começando com aqueles que eu nunca quero lembrar.

Eu quero odiar meu assassino. Não pelas coisas que fizemos, mas por ameaçar meu irmão. E eu faço.

Especialmente porque ele pode ser o cara que matou meu pai.

Ele era um ladrão como você?

Essas palavras atingiram muito perto de casa. Meu pai estava sempre colocando o problema em alguém. Ele provavelmente roubou dos Tacones. Ele pode ter merecido o que recebeu.

Isso me faz odiá-los menos?

Não. Não a família Tacone sem rosto. Mas o homem do outro lado da sala?

Tipo isso.

Eu gosto de você, Caitlin. Seria bem impossível não.

Bem, foda-se ele. Eu não estava esperando que ele gostasse de mim. Eu definitivamente não gosto dele.

Só que isso é mentira. Estou atraída por esse cara como um super ímã. E mesmo que isso tenha sido traumático, também é meio viciante. Eu me sinto mais viva. Despertada. Presente.

Eu roubo um olhar para ele. Ainda sexy como o inferno. Ele tem uma robustez brutal em sua energia e rosto que não combina com o terno de mil dólares e sapatos brilhantes. Não que ele não os use bem - ele usa. Mas eu podia facilmente vê-lo no terno barato e correntes de ouro com um par de soqueiras nos dedos.

E nada disso diminui minha atração por ele.

O que é loucura.

Eu nem sei qual Tacone ele é. Eu deveria pelo menos saber isso.

Balanço meus dedos novamente e abro uma nova tela. Seria muito mais divertido hackear o banco de dados da Polícia de Chicago.

PAOLO

A pequena hacker está fazendo isso a manhã toda, os dedos voando sobre as teclas, os óculos enfiados no nariz.

Ela é muito fofa. Ainda me arrependo de tê-la ameaçado. Eu gostava mais das coisas antes de ela ficar pálida e irritada. Antes de eu trazer o irmão dela para as coisas.

Mas tinha que ser feito. Não posso deixá-la escapar impune de nos roubar só porque ela me faz sorrir e dá uma boa cabeçada.

Ainda assim, já me encontro querendo compensá-la. Assim que ela me pagar de volta, quero dizer.

Descobrir se há algum favor que eu possa fazer por ela. Porque ela certamente não teve que oferecer aquele doce corpinho dela no segundo em que me viu sentado em seu apartamento.

Porra, ela faz isso com frequência?

O pensamento envia mal-estar rastejando sobre a minha pele. Não ciúme, embora eu sinta isso estranhamente. Mas de repente estou preocupado com o bem-estar dela. Se ela simplesmente se render a todo e qualquer cara que apareça querendo algo dela, ela pode se machucar - gravemente.

Inferno, ela já foi gravemente ferida.

Isso é óbvio. A menina não nasceu tão distorcida. Algo - ou mais provavelmente alguém - a fez assim. E de repente tenho vontade de bater naquele alguém até virar uma polpa sangrenta.

Ninguém encosta a mão nessa menina sem que ela queira.

O problema é que ela sempre pode querer isso.

Sento-me e a observo. Ela ainda está com nada além da minha camiseta, sentada exatamente onde eu a coloquei, trabalhando. Suas pernas longas e pálidas estão enroladas sob a cadeira, um pé contraindo o outro. Seus dedos diminuíram a velocidade na digitação frenética. Eu espio para

ver a tela.

Que porra?

Uma foto minha está no ar. Minha foto literal. Fui preso uma vez por agressão agravada depois de espancar um traficante de drogas que se mudou para o bairro há vinte e poucos anos. Claro, nenhuma acusação foi feita e os policiais tiveram que me deixar ir.

Levanto-me e ando atrás de Caitlin para olhar mais de perto. Ela está lendo minha ficha criminal. Algumas contravenções. Nada que tenha colado.

Eu envolvo meu punho em seu cabelo e puxo sua cabeça para trás, inclinando-me para colocar meu rosto ao lado dela. — O que. Porra. Você está fazendo, garotinha?

— Descobrindo qual irmão você é. Você não quis me contar. — Ela oferece isso tão inocentemente. Como se fosse perfeitamente normal invadir os arquivos da polícia de Chicago e recuperar os registros das pessoas para descobrir seus primeiros nomes. Acho que teria sido mais fácil para ela se eu usasse o Facebook.

Não sou um risonho. Eu nem sorrio muito. Mas em algum lugar dentro de mim, longe de sair, estou rindo.

Essa garota é tão maluca.

— Então é Paolo, certo? — Ela tenta virar a cabeça, mas meu aperto em seu cabelo interrompe o movimento. — Ou você atende por Pauly?

Não consigo segurar o bufo. — Ainda é o Sr. Taccone para você, boneca. E agora é melhor eu estar ouvindo *Sinto muito, Sr. Taccone*, porque você não está trabalhando, pequena hacker. Eu deveria chicotear sua bunda novamente por isso.

Eu não quis dizer isso. Não sinto um pinga de raiva ou violência em relação a ela. Sou o tipo de cara que está acostumado a fazer ameaças para se expressar. Mas ela desvia o olhar para o lado para ver meu rosto e com a expressão mais travessa possível diz: — Por favor?

Por um momento eu fico imóvel, certificando-me de que estou interpretando isso corretamente.

Então deixei escapar uma gargalhada. Apenas uma baforada, mas na verdade sai de mim.

Eu a coloco de pé e a inclino sobre a mesa da sala de jantar tão rápido que ela engasga. Meu pau está duro quando prendo seus pulsos atrás das costas e os seguro com uma mão. Com a outra, tiro o cinto das presilhas.

Ela emite um pequeno som de gorjeio.

Tenho certeza que é emoção.

Eu não me contenho. Ontem à noite eu me contive e ela me disse que poderia ter aguentado mais. Desta vez eu puxo a bainha de sua camisa para expor sua bunda e deixo meu cinto balançar.

Ela dá um gritinho e levanta um pé do chão.

Eu a chicoteio novamente.

Desta vez ela está pronta. Ela fica perfeitamente imóvel. Eu a deixo fazer isso, desnudando sua bunda com golpes rápidos e pesados que a fazem dançar e ofegar. Vergões surgem em suas nádegas pálidas. Eu continuo. Toda a sua bunda fica vermelha rosada.

Quando parece doloroso o suficiente, eu paro.

— Mais. — Sua voz é baixa, quase como se ela não quisesse dizer isso.

Eu hesito. Realmente não quero dar a ela mais. Se eu continuar, o rubor bonito vai se transformar em algo roxo e de aparência raivosa e então vai deixar de ser sexy e minha consciência vai sofrer com o que eu fiz.

Em vez disso, solto o cinto e bato nela com a palma da mão.

Juro que ela dá um suspiro feliz e a parte superior do corpo relaxa na mesa. Ela empurra a bunda mais para fora.

Espancá-la com a minha mão é prazeroso. Eu gosto da sensação de sua carne macia sob a palma da minha mão, o calor e a entrega dela. A leve picada que recebo em troca. Mais do que isso, porém, eu gosto de todo o ato. Dominando-a.

É o que eu faço naturalmente - quem eu sou. Eu sou o filho do meu

pai, não há dúvida sobre isso. Eu sou o cara no comando. Sempre. Com as mulheres, mantenho isso discado há muito tempo, mas elas veem de qualquer maneira. Isso as faz correr para se esconder. Mas não essa. Minha agressão a faz cantarolar. A excita.

Ela abre as pernas e me dá uma visão completa de sua boceta brilhante, orvalhada e roliça.

Meu pau está na minha calça, duro e grosso. Estou morrendo de vontade de bater nela, especialmente quando ela está me mostrando aquela boceta bonita e posso ver sua prontidão.

Eu paro de bater e a puxo para cima, então a forço a ficar de joelhos no tapete.

Ela se orienta para a minha virilha e alcança o botão da minha calça.

— Boa menina. — eu elogio. Porque ela realmente é. Uma garota má muito boa. — Mas não era isso que eu tinha em mente. — Eu também caio de joelhos e tiro minha camiseta de seu corpo, deixando-a gloriosamente nua. Ela é tão linda que eu poderia olhar para o corpo dela por horas. Não é perfeito. Um seio é maior que o outro. Sua barriga tem um pouco de barriga, apesar de quão tonificado o resto dela é. E eu amo tudo isso. Tudo o que a torna única, imperfeita e real.

— Vire-se, boneca.

Ela entende. Ela rapidamente se reorienta para longe de mim, de quatro.

Eu agarro sua cintura. — Abaixе esses peitos no chão. — Não costumo ser tão desrespeitoso com as mulheres. Ela traz isso em mim, eu acho. Ela me mostrou sua bandeira de aberração e eu estou mostrando meu *stronzo*.

Uma partida feita no inferno, com certeza.

Eu libero minha ereção furiosa e coloco uma camisinha. De alguma forma, tenho controle suficiente para tirar uma foto mental do que está à minha frente. Sua pose submissa e sua bunda vermelha espancada fazem algo comigo. Vire-me do avesso. De cabeça para baixo. Faça-me sentir como um rei.

Esta mulher é... não sei, um unicórnio. Alguma criatura mítica que ninguém acredita que exista.

Exceto que existem homens que sabem que ela existe, homens que vieram antes de mim e eu tenho certeza que eles não apreciaram o que ela é. Se tivessem, nunca a teriam deixado ir.

E isso me irrita.

Eu dou uma sacudida na minha cabeça.

Cristo.

Quando foi a última vez que pensei tanto sobre uma mulher?

Nunca.

Este belo acidente está me destruindo.

Eu bato em sua bunda mais algumas vezes antes de trazer a cabeça do meu pau para sua entrada e esfregar. Ela abre para mim e eu deslizo para dentro. O ângulo é perfeito. Estou com as bolas fundas olhando para baixo da inclinação de suas costas esbeltas para seu rosto pressionado em meu tapete. Seus olhos estão fechados, os lábios entreabertos. Ela já está em êxtase.

Unicórnio.

Eu a fodo lentamente no início, saboreando cada doce golpe do meu pau dentro dela, a forma como seus músculos internos se contraem e relaxam como se ela estivesse me provocando. Como ela lembrou que eu gosto.

— É isso, *bella*. Você aperta essa boceta apertada em volta do meu pau. Faça-me sentir como um homem de verdade. — Ela aperta com mais força. Eu gemo. Alto. — Boa menina. Isto é tão bom.

Já estou perdendo a calma. É assim que a boceta dela é incrível. A agressão em mim cresce. Eu agarro seus quadris e deslizo a maior parte do caminho para fora, então bato no alvo com uma força que arranca um som dela. Eu repito. Então aumento minha velocidade.

Ela começa a gemer e choramingar, seus gritos carentes e

encorajadores. Eu fico parado e uso meu aperto em seus quadris para movê-la para dentro e para fora, no meu pau e para longe. Sua juba escura ondula no tapete com o movimento, ela está ofegante, abrindo mais os joelhos, levando-me cada vez mais fundo. Minhas bolas ficam apertadas.

— É isso aí, boneca. Pegue. — eu rosno. Não quero gozar, mas é muito urgente agora. É tão bom pra caralho. Eu empurrei para dentro e para fora, puxando seu corpo de volta para encontrar o meu.

— Oh meu Deus! — ela chora.

— Isso mesmo. — eu provoco, como se eu fosse o Deus e não apenas um idiota aproveitando a oferta mais doce que ele já encontrou.

Eu gozo.

Ela não.

Droga.

Eu chego ao redor e encontro seu piercing no clitóris e esfrego, mas ela ainda não goza. Sentindo uma urgência para trazê-la até a conclusão, eu puxo para fora no segundo que paro de atirar minha carga e puxo sua bunda de volta para o meu colo. Eu abro suas pernas sobre meus joelhos e começo a bater em sua boceta.

Uma e outra vez eu bato, palmadas rápidas e pungentes bem sobre seu clitóris até que ela grita e arqueia aqueles seios irregulares no ar e puxa minha mão sobre seu sexo. Eu afundo alguns dedos nela para sentir o aperto de seu canal enquanto aperto toda aquela boceta.

Como se pertencesse a mim.

Como se eu nunca fosse deixá-la ir.

Mesmo quando ela acaba de gozar, ainda não deixo passar.

Não até que suas respirações exaladas se tornem instáveis e quebradas. Não até eu perceber que ela está chorando.

— Ah foda, boneca. — murmuro, liberando sua boceta e puxando-a para mais perto do meu colo. — Você está bem? Eu machuquei você?

— Não. — Para minha surpresa, ela não se afasta, mas em vez disso enfia o rosto no meu pescoço, molhando minha pele com suas lágrimas. Eu a pego e a carrego até o sofá, onde me sento com ela no colo.

Eu acaricio minha perna em sua perna e percebo que ela tem um conjunto de queimaduras matadoras nos joelhos. Eu circulo cada uma com meu dedo indicador. — Sinto muito. — murmuro.

Não sou de pedir desculpas. Nunca. Eu sou o idiota que prefere cortar o próprio dedo do que pedir desculpas, mas eu digo. E eu quero dizer isso.

Eu nunca quero machucá-la de uma forma que ela não goste.

Essa é a doce verdade de *La Madonna*.

Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e a afasto do meu pescoço para ver seu rosto.

Oh foda.

Eu corro meu polegar sobre a mancha brilhante de pele em sua bochecha.

— Tenho queimaduras do tapete?

— Sim, boneca.

Uma nova rodada de lágrimas começa.

Eu não surto. Ela disse que não estava ferida. Ela não está se afastando. Ela é uma garota peculiar. Ela ri quando deveria correr. Se rende quando deveria lutar. Talvez ela chore quando se sente bem. O que eu sei?

Pego um cobertor nas costas do sofá. É uma daquelas coisas macias de chenille, em vermelho. Nunca uso, mas a decoradora comprou quando mobiliou a casa. Eu a envolvo e me inclino para trás para segurá-la.

— Eu quebrei você, ou isso faz parte do Wylde West?

Ela solta uma risada aquosa. — É apenas a liberação. Talvez o início da queda, não sei.

— O que é isso?

— É a queda da endorfina após uma descarga de adrenalina. Isso pode acontecer depois de uma cena particularmente grande.

Uma cena. Essa é uma nova maneira de olhar para o sexo. Eu traço o contorno de seu rosto, ficando longe da queimadura do tapete. Enterro meus dedos em seu cabelo atrás de sua cabeça e puxo seu rosto para o meu.

Seus olhos se arregalam em choque. De todas as coisas que fiz com ela, um beijo é o que mais a surpreende. Estou provando gentilmente seus lábios, deslizando os meus nos dela. Ela permanece imóvel no início, embora eu juro que sinto seu coração batendo forte. Como se fosse esse ato de intimidade que aumentasse sua adrenalina acima de tudo.

Doce pequeno unicórnio.

Aprofundo o beijo.

Ela puxa uma respiração trêmula, em seguida, envolve os braços em volta do meu pescoço e me beija de volta. Beijo de pacote completo - língua, lábios, mamilos frisados virando-se para o meu peito.

Eu deixo cair uma mão para segurar seu seio, esfregando meu polegar sobre o mamilo tenso. Quando paramos o beijo, eu digo: — Jesus, você é doce.

— Doce, mas psicopata. — ela diz, como se fosse sua música tema. Ela sai do meu colo e se levanta. — Mas você não parece se importar. — Ela segura sua bunda vermelha e dá uma mexida no cabelo enquanto sai da sala de estar para o meu quarto. Ouço a porta do banheiro fechar.

Eu deveria ficar de olho nela.

Siga-a até lá para garantir que ela não se arme.

Só que tenho certeza de que ela nunca venceria uma briga comigo. *Talvez* com a ajuda de uma arma, mas ainda é um grande talvez. Tenho muita prática em desarmar aspirantes a heróis. Então eu a deixo em paz.

Ela merece um pouco de privacidade e uma pausa depois do jeito que acabei de dar a ela.

E não consigo ser mais idiota com ela do que já fui.

CAITLIN

Uau. Apenas uau. Isso é tudo.

Eu me sinto incrível. A queda acabou. Talvez não tenha sido liberação - talvez tenha sido apenas um daqueles orgasmos que fazem você chorar - é a mesma coisa? Não sei.

Tudo o que sei é que me sinto ótimo agora.

Morrendo de fome, mas ótimo.

Cada célula do meu corpo está viva. Formigamento. Meu corpo está saciado, mas ainda me sinto sexy como o inferno. Bonita, mesmo.

Pisco para mim mesma no espelho. A queimadura do tapete na minha bochecha vai se transformar em uma framboesa brilhante. Isso é ruim. Mas nada demais. Não me importo de usar insígnias sexuais como prova de minhas realizações. Se ao menos eles fizessem aqueles emblemas de escoteira - eu estaria colecionando-os por toda parte.

Eu seguro meus seios e olho para o meu reflexo. Minha pele está corada, meus olhos estão brilhantes.

Eu pareço... feliz.

Inferno, eu me sinto feliz.

O que eu sei que está errado. Tenho problemas que não podem ser resolvidos por um bom sexo.

Eu vou para a cadeia.

É isso ou meu irmão se machuca com o homem que eu tomei como amante.

Exceto que estou achando difícil acreditar que ele me machucaria. Ou meu irmão. Oh, tenho certeza que ele é bem capaz disso. Tenho certeza de que ele faz essas coisas regularmente. Mas ele apenas me deixou chorar em

seu pescoço sem piscar. Sem ficar estranho e me afastar. Sem me julgar.

E agora que penso nisso, essa pode ser a fonte de minha atual animação.

É como se eu tivesse sido *recebida* - louca e tudo - pela primeira vez na minha vida. Já tive doms prestando cuidados posteriores durante a liberação antes, mas eles ainda mantinham distância. Ou eles eram excessivamente macios.

Paolo apenas aceitou. Não tornou isso um grande problema.

E depois ele me beijou.

Procuro uma escova, mas Paolo só tem um pente. Eu nunca vou passar pela bagunça emaranhada que é meu cabelo agora.

A porta se abre. Como se Paolo lesse minha mente, ele joga minha bolsa gigante no balcão. — Peguei sua escova de dentes e coisas da sua casa. — diz ele. — Está tudo aí dentro.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — Porque esta é apenas uma grande festa do pijama?

Seus lábios se contraem. Eu realmente quero descobrir como fazer o cara sorrir. Ele pega meus pulsos e me puxa contra seu corpo duro. Minha respiração sai com auuu. Meus joelhos ficam fracos. — Você sabe o que tem que fazer, pequena hacker. Pegue meu dinheiro. Então eu vou te levar para casa. Bem desse jeito.

Meu coração martela no meu peito. — Só assim. — repito em um murmúrio.

— Eu vou até deixar você andar no banco da frente em vez do portamalas. Não precisa ser difícil.

— Posso dirigir?

— Sem chance.

— Brincando. De qualquer forma, não sei dirigir. Uma das vantagens de atingir a idade de dirigir sem um dos pais. — Eu pisco para ele. — Preciso de mais tempo, Paolo. — imploro — Deixe-me pagar com o tempo.

Acrescente mais juro. Por favor?

Ele balança a cabeça. — Desculpe, boneca. Fim de amanhã é o seu prazo. Você não me procurou para pedir um empréstimo. Você roubou de mim. A única razão pela qual não estou te machucando é porque você é adorável pra caralho.

Não sei por que isso me faz corar.

Minha reação é ridícula. Quem se importa se ele me acha adorável? Minha vida está essencialmente acabada agora.

E a culpa é dele.

Exceto que eu sei que isso não é exatamente verdade. A culpa é minha. E provavelmente foi culpa do meu pai por ter se matado também. Acho que é de família. Graças a Deus Trevor parece ter perdido o gene estúpido.

Meu estômago ronca.

— Você está com fome? O que você quer para o almoço?

Bem, se ele está perguntando... — Você é italiano demais para comer pizza?

Ele sorri. Um sorriso real e genuíno. De curta duração, mas eu vi. — Eu vou fazer pizza. O que você gosta nela?

— Linguiça e jalapeño. — Eu levanto meu queixo em desafio ao meu estranho pedido e o sorriso reaparece por um instante.

— Posso ser italiano demais para isso. Não, eu posso lidar. Linguiça e jalapeño será. Eu não preciso amarrar você e cobrir sua boca com fita adesiva quando o entregador chegar aqui, certo?

Eu dou de ombros, afetando uma espécie de olhar interessado. — Bem, eu nunca tive dois doms ao mesmo tempo, mas estou definitivamente interessada em tentar.

De todas as coisas que fiz para chocá-lo - e sim, posso admitir - eu uso a coisa maluca para efeito, esta é a que ele realmente responde. Suas sobrancelhas se fecham e ele envolve uma palma carnuda em volta da

minha garganta. Ele não usa para apertar, mas ele me mantém no lugar. Sua testa cai sobre a minha. — Eu não compartilho, boneca. Lembre-se disso.

Um arrepio percorre meu corpo e minha boceta aperta. — Observado.

Ele solta minha garganta e passa o polegar pelo arrepio do meu braço. — Eu lavei suas roupas. Elas estão na cama.

Ele lavou minhas roupas. Sou só eu ou esse assassino parece terrivelmente domesticado? Panquecas? Lavar roupa? Estou tendo dificuldade em assimilar tudo.

E isso pode ser o eufemismo do ano.

Eu procuro na minha bolsa e encontro a escova de dentes, minha escova de cabelo e minha bolsa de cosméticos. Ele pensou que eu iria querer me maquiar enquanto ele me mantinha prisioneira e ameaçava a vida do meu irmão?

Claramente.

E acho que vou. Entro no chuveiro, embora tenha tomado banho ontem à noite. Quero lavar e condicionar meu cabelo e enxaguar a poeira do carpete.

Não que seu carpete não fosse perfeitamente novo, macio e limpo. Era. É. Qualquer que seja.

Eu ligo o spray de água, aproveitando a renovação da dor quando a água quente bate na minha bunda e o tapete queima.

Ahhh, sim. As sensações que me fundamentam.

PAOLO

Caitlin fica no banheiro por quarenta e cinco minutos. Ela pode ter ficado lá o dia todo, mas eu grito para ela quando a pizza chega.

Ela sai adorável em suas roupas de treino, seu cabelo molhado, seus lábios com aquele gloss rosa brilhante.

— Como é? Você tentou? — Ela amassa o cabelo enquanto caminha em minha direção. Sua boca larga está esticada em um sorriso. Tenho certeza de que ela faz isso de propósito, age como se fôssemos os amigos mais antigos para administrar seus medos. Ou para me controlar. Não tenho certeza de qual.

De qualquer maneira, não me importo. Eu gosto disso, na verdade.

Acho ela linda sobre rodas.

Ela se aproxima e pega um pedaço de pizza da caixa com as mãos e dá uma mordida. Eu lhe ofereço um prato, mas ela não para pra descansar. A garota come aquela fatia inteira em pé na minha cozinha, sem respirar.

Bem, isso é o que os estudantes universitários fazem.

Ela pega uma segunda fatia da caixa e a joga no prato, depois volta para o computador.

— Quer que eu exclua seu registro policial? — ela pergunta com a boca cheia.

Eu hesito. Ter um hacker à minha disposição é muito atraente. O que mais poderíamos hackear? O FBI? Eu adoraria ver o que eles coletaram sobre a Família ao longo dos anos.

Mas eu balanço minha cabeça. Não vale o risco. Isso é o que Nico vem tentando nos dizer nos últimos cinco anos. Podemos fazer as coisas legalmente agora. Nós temos dinheiro.

— Não, pequena hacker. Trabalhe para conseguir meu dinheiro.

— Eu estou. — O tom levemente defensivo em sua voz me diverte. É mais petulante do que rude. Como se ela reconhecesse totalmente que sou o chefe dela. E isso deixa meu pau duro.

Ela clica no teclado, ajeita os óculos no nariz e se inclina para a frente, como se houvesse algo em sua tela que valesse a pena prestar atenção.

Seus dedos voam sobre as teclas novamente e ela fica nisso por mais algumas horas. Quem sabia que hackear demorava tanto? Talvez ela realmente não consiga fazer isso em dois dias. Ou talvez ela esteja apenas

protelando. Difícil de dizer. Acho que saberei em breve.

Ligo a televisão e percorro os canais, parando em algum tipo de filme de ação com Bruce Willis.

— Oh meu Deus, isso é *R.E.D.* Eu amo esse filme! — Caitlin se levanta, desliga o computador e o traz para o sofá, sentando-se ao meu lado. Bem ao meu lado, como se ela fosse minha namorada e fôssemos nos aconchegar. Eu sei que é consciente, essas manias dela. Quando perguntei a ela se a loucura era uma encenação, vi a resposta em seu rosto. Definitivamente é. Algum tipo de mecanismo de defesa.

Então, como quase tudo que ela jogou em meu caminho, eu corro com ele e coloco meu braço sobre seus ombros para puxá-la ainda mais para perto enquanto nós dois dividimos nossa atenção entre a tela do computador e a televisão.

Não surpreendentemente, ela é uma excelente multitarefa, trabalhando constantemente em seu computador enquanto assiste ao filme.

Ela trabalha durante todo o filme e na metade do próximo antes de dar um suspiro e empurrar os óculos para cima no nariz. — Estou dentro. Você quer o dinheiro na minha conta?

— Isso mesmo. — eu digo. Vlad, meu cunhado *bratva*, sabe como movimentar dinheiro e torná-lo indetectável. Foi para ele que ligamos para rastrear nossas perdas até a conta offshore de Caitlin, finalmente, para os pagamentos feitos à Northwestern e algum fundo fictício de bolsa de estudos.

Ela balança a cabeça, toda profissional agora. Ela trabalha por mais quarenta e cinco minutos e depois sai.

— Está feito?

— Sim. Bem, não, ainda não. Está configurado. Desviei todas as transações deles no dia e meio seguinte para minha conta. — Ela levanta aqueles olhos azuis centáurea para o meu rosto. — Espero que seja o suficiente.

Meu coração começa a bater mais rápido, quase como se estivesse em

sintonia com o dela. Ela está sem fôlego, com medo.

Não posso dizer a ela que aceitarei menos do que ela me deve, mas está ficando cada vez mais difícil manter a pressão.

Depois do jeito que ela continua oferecendo aquele corpinho quente para mim, eu quase sinto que estou em déficit com ela. Eu me pego querendo descobrir como posso retribuir. Algo além de pizza e um orgasmo.

Mas não vou deixar uma mulher me deixar mole. Ela roubou da minha família, ela vai ter que pagar o preço.

Ela desvia o olhar quando não respondo, então se levanta. — Preciso de exercícios. — ela declara, como se estivesse de férias e pudesse seguir seu próprio itinerário.

Não sei por que acho isso tão atraente.

— Você pode se exercitar na minha academia. — digo a ela. — Quer levantar alguns pesos?

Ela me dá um olhar cauteloso. — Hum, está bem. Claro.

Eu me levanto e a levo para minha academia nos fundos da casa. O sol de inverno entra pelas janelas. Vou fechar as persianas, mas ela exclama: — Oh, deixe-as abertas. Eu amo o sol.

— Claro que sim. — murmuro. Porque ela é tão brilhante quanto aquela bola de fogo. O tipo de sol que é demais para se olhar, o tipo que queima.

Eu já tenho certeza que ela está queimando sua marca em mim.

Não tenho certeza se quero deixá-la ir.

CAITLIN

Levantar pesos não é minha ideia de treino. Preciso de exercícios aeróbicos - gosto de me mover no ritmo, aumentar minha frequência cardíaca ao som da música.

Mas os mendigos não podem escolher.

O problema é que realmente não sei o que fazer com nenhum desses equipamentos. Curvo-me e tento pegar um haltere.

— Espere aí, boneca...

Eu quase quebro minhas costas ao levantá-lo. Ele sai do chão meia polegada e cai de volta.

— Certo. Muito pesado. — Eu me viro para olhar os ombros largos de Paolo com uma nova apreciação. Não é à toa que ele é tão forte. Ele está aqui levantando pesos tão pesados quanto um caminhão Mack.

Seus lábios se curvam. Não é bem um sorriso, mas quase. Ele se aproxima e tira os pesos das pontas da barra, deixando apenas as duas pontas. — Experimente desta forma. — diz ele.

— Isso é apenas uma dose. — Oh. E ainda é muito pesado. Eu mudo meu aperto e faço dez repetições com as duas mãos com ele, então gemo quando o deixo cair de volta. — Acho que isso não vai funcionar, Paolo.

Seus lábios se contraem novamente. — Sr. Tacone para você.

Eu me inclino em um quadril e enrolo meu cabelo em volta do meu dedo. — Eu sei.

O elemento de perigo está sempre presente com esse cara, talvez seja por isso que eu goste tanto de provocá-lo - flertar comigo - tanto. Eu fico emocionada direto para as solas dos meus pés toda vez que ousar. E é claro que ousar sempre.

Seu olhar em mim é tudo menos perigoso agora, no entanto. Claro, há traços de fome nele, mas na verdade há calor em seus olhos. Indulgência.

Ele gosta de mim.

Pela primeira vez em anos, talvez nunca, estou começando a me sentir menos quebrada. Mais especial. É uma experiência estranha para alguém que foi considerada louca por tanto tempo. Todo esse tempo eu meio que pensei que estava tentando esconder minha loucura do mundo.

Ele me fez perceber que poderia ser o contrário. Eu tenho tentado

esconder minha sanidade. Porque ser são neste mundo é perfeitamente doloroso.

Eu teria que confessar toda a merda que aconteceu comigo depois da morte do meu pai, eu não quero fazer isso.

Ele ergue o queixo em direção à esteira. — Você poderia correr com isso.

— Oh. — eu digo brilhantemente. — Certo. — Na verdade, nunca usei uma esteira, mas deve ser bastante fácil. Eu entro e aciono os botões.

Paolo se aproxima e fica atrás de mim. — Espere, rápido. — Seu calor está nas minhas costas, os braços me envolvem para ajustar as configurações. Eu empurro minha bunda de volta para ele, com nada além de calças de ioga, seu calor sangra. Eu gosto da sensação de tê-lo perto de mim.

Segura.

Claro, o oposto é verdadeiro.

O que torna tudo ainda mais emocionante.

E agora voltei a acreditar que sou genuinamente maluca.

Paolo sai da esteira e começa. — Como está essa velocidade?

Eu começo a andar rapidamente. — Perfeito. — Eu já estou sorrindo.

Ele cruza os braços sobre o peito.

— Você vai ficar aí parado me olhando?

— Sim. Eu acho que estou.

Meu sorriso cresce. — Porque você me acha bonita?

Ha-eu fiz isso! Um sorriso genuíno divide seu rosto. — Sim, boneca. Exatamente.

Eu continuo sorrindo.

— Então, como você se tornou uma hacker? Eu estou supondo que eles não ensinam exatamente isso na escola?

— Não, sou autodidata. Meu pai escolheu a ocupação para mim, na verdade. Ele decidiu que seria muito benéfico para ele ter um filho que pudesse passar por sistemas de alarme ou roubar bancos online. Ele roubou um laptop para mim quando eu tinha onze anos e me levou ao apartamento modesto de um cara para aprender a acessar a dark web.

O corpo de Paolo fica tenso e tenho que rebobinar o que eu disse que o deixou tenso.

Oh. O apartamento modesto do cara.

— Nada de ruim aconteceu lá. — eu o tranquilizo, embora não saiba por que deveria. A merda ruim aconteceu comigo depois que meu pai morreu. Depois que ele foi *assassinado* pelos Tacones.

Então eu digo a ele diretamente. — Depois que meu pai foi assassinado, a vida era uma droga. Eu precisava de um superpoder e hackear parecia ser a resposta. Os pais adotivos não podem tirar seus pertences pessoais e aquele laptop era meu. Eu usei isso pra caramba. Dediquei cada minuto livre que tive para aprender como passar por firewalls e hackear senhas. Comecei a receber dinheiro para pequenos trabalhos de hacker quando tinha dezesseis anos. Isso me ajudou a sentir que era capaz de pedir a emancipação e viver sozinha.

— É um super poder, boneca. Acredite em mim, estou tentado a explorar tudo isso, mas estou tentando ficar limpo. *Ish.* A Família se tornou legítima.

A família se tornou legítima. Isso é novidade para mim, mas, considerando o dinheiro que vi passando pelas contas do Bellissimo, acho que eles não precisam mais recorrer à extorsão e à agiotagem. Eles têm mais dinheiro do que podem gastar.

— Então, por que estudar ciência da computação? Você já não sabe tudo o que precisa saber?

Eu dou a ele um sorriso irônico. — Eu estava tentando ser legítima também. *Ish.* Pena que você está estragando tudo.

Ele cruza os braços sobre o peito corpulento de urso e balança a cabeça. — Não me culpe por aplicar consequências aos seus erros.

É lamentável que meu lado excêntrico ache sua aplicação tão derretida.

Eu continuo naquela esteira, imagens de todas as coisas que ele fez comigo inundando meu cérebro enquanto eu me aqueço sob seu olhar atento. Quando termino, desço e tropeço até ele, dando-lhe um beijo na bochecha antes que ele saiba o que estou fazendo.

— Quando tudo isso acabar, você acha que seremos amigos? Amantes? Sair para um encontro? — Estou fingindo. Fazendo aquela coisa excessivamente familiar de garota maluca.

Mas de repente desejo não ter feito as perguntas porque percebo que a resposta pode me machucar.

Machucar-me de verdade.

Estou acostumada a perder caras depois de alguns encontros. Estou acostumada a afastá-los com minhas peculiaridades, manias e loucuras.

E esse não é um cara com quem estou namorando ou mesmo com quem pretendo namorar no futuro.

Ele é um Tacone, pelo amor de Deus. A família dele matou meu pai. Ele é um assassino que está ameaçando minha vida e a vida de meu irmão.

Mas acho que me importo com a resposta dele. Eu me importo muito.

Especialmente quando um olhar estranho surge em seu rosto. É a primeira vez que o choquei, tentei pelo menos uma dúzia de vezes antes.

— Claro que não. — respondo por ele. — Deixa pra lá. — Acelero, saio da sala e quando ele me solta, sei que adivinhei corretamente a resposta.

E eu odeio o que esse conhecimento faz no meu peito. A ponta nervosa inquieta que empurra para onde o calor estava antes.

Volto para a sala de estar e ligo a televisão como se fosse minha casa, abrindo a Netflix e colocando minha nova série pra maratona, *Jane the Virgin*. Estou na quarta temporada.

Não saio do sofá pelo resto da tarde até a noite. Nem mesmo quando pede um belo jantar em uma churrascaria e abre uma garrafa de vinho.

Ele não me obriga - ele apenas traz a comida para o sofá e a entrega para mim.

Acho que meio que quero que ele o faça. Para pegar o controle remoto, desligue a TV e tome conta de mim. Faça-me sentar em frente a ele na mesa e fingir que é um encontro.

Mas acho que ele não está interessado nisso.

Em mim.

Claro que não. Ele ficou feliz em molhar o pau enquanto garante que eu devolva o dinheiro que roubei.

Para mim, ler qualquer outra coisa nisso é insano.

O que é claro, eu sou.

CAPÍTULO CINCO

PAOLO

— O dinheiro está aí? E você está desviando isso? — Estou ao telefone com meu cunhado Vlad para verificar o relatório de Caitlin de que a transferência de dinheiro começou. Vlad é o idiota *bratva* que sequestrou minha irmã no ano passado em sua própria tentativa de vingança e extorsão contra os Tacones.

Para a sorte dele, ou dela, ou talvez de todos nós, nossa irmãzinha é um unicórnio por direito próprio. Vlad se apaixonou e acabou doando um rim para salvar a vida dela e nos chamando para trazê-la para casa. E essa é a única razão pela qual ele não é um homem morto.

— Sim. Nosso lado deve ser mascarado, mas o dela não. Os federais acabarão por rastrear a perda até ela, da mesma forma que fiz quando ela roubou do Bellissimo.

Eu tento ignorar a pontada que dá a minha consciência. Ela fez sua própria cama. Isso não é problema meu.

Eu esfrego meu rosto. — Existe algo que você possa fazer... para, ah, desacelerar esse processo?

— Por quê? — Vlad pergunta.

Eu não respondo.

— Você gosta dessa garota? Eu vi a foto. Ela é bonita, não?

Não é bonita. É quente fora de série. — Responda a porra da pergunta, Vlad. — eu rosno.

— *Nyet*. Não há nada. É tarde demais.

Porra. — Tudo bem, obrigado. Rastreie a receita para mim e me avise quando chegar a duzentos mil.

— *Da*.

— *Grazie*. — eu digo de volta. Se ele vai falar russo, eu falo italiano.

Desligo o telefone e esbarro na minha pequena hacker, escovando os dentes no corredor, ouvindo.

— Termine e vá para a cama. — eu ordeno, levantando meu queixo na direção do meu quarto. Como sempre, ela é dócil e obediente. Isso não significa que eu baixe minha guarda. Eu amarro suas mãos e pés novamente à noite.

Ela está quieta desde que perguntou se seríamos amigos, o que está fazendo todo tipo de loucura no meu peito.

Ela está realmente... ferida? Insegura?

Ou ela estava apenas se censurando, se culpando por perguntar quando ela sabe que eu sou um problema? Que ela nunca mais deveria falar meu nome depois dessas quarenta e oito horas.

O que me perturba é minha reação ao desconforto dela. Estou com coceira, como se algo estivesse errado e eu precisasse consertar.

Como se eu precisasse dizer algo para acalmar seus sentimentos feridos ou aliviar sua mente.

Exceto que eu não sei o que diabos está acontecendo naquela cabeça brilhante e linda dela.

Prendo seus pulsos na cabeceira da cama e tiro os óculos de seu rosto para colocá-los na mesa de cabeceira.

— Na maioria das vezes, estou nessa posição sem roupas. — ela me diz.

Eu sei que é um desafio.

Sei que devo resistir.

Ela já está sob minha pele. Temo que estou sob a dela.

Mas meu pau engrossa quando minha mente automaticamente tira a roupa dela. Eu a encaro por um momento, considerando.

Nós travamos olhares. O dela está aberto. Não confiante, mas certamente disposto a receber o que eu quiser dar. A posição

provavelmente evocou sua rendição, algo que ela praticou nessas “cenas” que mencionou. Isso a colocou no clima.

Mesmo quando digo a mim mesmo para ir embora, estendo a mão e torço um de seus mamilos através de seu sutiã esportivo.

Ela arqueia, pedindo mais.

— Se eu tirar essa roupa, garotinha, você estará sujeita à minha vontade a noite toda. Vou cansar você antes de dormir. Acordar você no meio da noite. Foder com força pela manhã.

Suas pupilas dilatam. O mamilo que não ajustei as contas para combinar com o primeiro. Ela não diz nada. Nem uma palavra para me dissuadir.

Cazzo.

— Você tem três segundos para me dizer não, pequena hacker. Caso contrário, vou despi-la e tomá-la tão longa e duro quanto eu quiser.

Ela suga o lábio inferior na boca, arrasta os dentes por ele.

Ainda não é um som.

— Um... dois... três. — Eu desabotoei as braçadeiras e o acolchoamento embaixo delas e a despi. — Menina linda. — murmuro, recolocando as roupas íntimas e as braçadeiras. Eu abaixo minha boca para um de seus mamilos e passo minha língua sobre ele. Raspando com os dentes. Chupo com força até que ela grite e arqueie. O tempo todo, rolo e belisco o outro mamilo entre os dedos.

Eu troco de lado.

Suas pernas ficam inquietas, deslizando para cima e para baixo sobre os lençóis, chutando as cobertas que puxei para baixo antes de pendurá-la.

— Foda-me, Paolo. Coloque esse grande pau italiano em mim.

Eu bato em seu peito. Ela ofega, excitação queimando em seus olhos. Bato novamente. — O que eu disse para você me chamar?

— Sr. Taccone. — ela ronrona, como se estivesse emocionada por eu

estar perguntando. Talvez ela esteja esperando que eu a castigue.

Esse pensamento deixa meu pau ainda mais duro.

Fanculo.

Eu saio de cima dela e tiro minhas roupas. Ela observa com ávido interesse, puxando o lábio inferior para dentro da boca novamente.

— Eu recebo ordens de você, boneca? — Eu pergunto quando eu monto nela, andando de joelhos em direção a sua cabeça.

Seus olhos se arregalam. — Não, senhor.

— É você quem me diz onde colocar meu pau?

— Não, Sr. Tacone. — ela diz imediatamente. Não como se ela estivesse com medo. Como se ela mal pudesse esperar para ver o que acontece a seguir.

Eu coloco meu pau em sua boca, deixando-o bater no fundo de sua garganta.

Quando ela engasga, eu me afasto um pouco, então entro de novo antes que ela esteja pronta.

— Não, pequena hacker. Eu coloco meu pau onde diabos eu quiser, não é?

Ela faz um som abafado de concordância. Eu amo a vibração ao redor do meu pau. Eu amo o jeito que ela suga como uma boa menina. Redemoinhos sua língua ao redor. Tenta me agradar mesmo sendo eu quem está dirigindo. Sou o único empurrando longe demais e fazendo seus olhos lacrimejarem.

— Se eu quiser foder sua boca com isso, eu fodo. Se eu quiser foder sua bunda, eu vou foder sua bunda. Certo, boneca?

Outro som de concordância.

Eu continuo, enquanto eu gosto disso, é menos sobre o meu prazer do que torturá-la um pouco, porque eu tenho certeza que é isso que ela queria. Ser abusada. Ter o controle tirado dela.

E vou garantir que ela aproveite cada segundo.

Eu saio de sua boca e corro para trás para agarrar sua mandíbula e reivindicar sua boca. Ela me beija de volta com fervor, sua língua deslizando sobre meus lábios, sua boca inclinada sobre a minha, os lábios sorvendo.

Quando ela morde meu lábio inferior, eu aperto sua garganta.

— Não. — eu digo quando ela o libera.

Quero dizer. Não gosto de ser empurrado, nem mesmo por ela. Eu não a castigo ou falo forte porque ela gosta disso. Não quero explicar. Eu apenas a deixei ver minha carranca. Não se mexa até ter certeza de que foi registrado.

— Desculpe.

Eu traço meu polegar para baixo entre seus seios. — É um lindo pedido de desculpas, garotinha. Eu gosto quando você se rende.

Eu paro em seu umbigo e o círculo.

Ela levanta os quadris, incitando-me a descer.

Eu desço mais e arrasto meus polegares até o interior de suas pernas. Ela estremece sob meu toque, sua boceta brilhando em antecipação aos meus dedos chegando lá.

Eu a provoco, esfregando círculos no ápice de suas coxas, mas sem tocar em sua boceta.

— Eu vou ser boa. — ela sussurra-promete. Como se houvesse qualquer coisa que ela pudesse dizer para me impedir de fazer o que eu quisesse de qualquer maneira.

Eu mordo sua coxa interna, passo minha língua em um caminho em direção a sua boceta, mas paro antes de alcançá-la.

— Sr. Tacone. Sr. Paolo. Sr. Cara grande. Por favor.

— Eu gosto que implore. — Eu a recompenso com um único movimento de minha língua sobre seu núcleo.

Ela prende a respiração. — Oh, por favor. Oh, por favor, oh, por favor,

oh, por favor, oh, por favor. Serei boa. Eu serei uma garota tão boa.

Eu quis dizer isso quando disse que gostava que implore. Eu sou mais duro que mármore.

Talvez eu sempre tenha estado em uma viagem de poder.

Talvez sempre tenha estado errado...

Até que conheci essa garota.

Eu achato minha língua e lambo uma longa linha bem no meio de sua boceta.

Ela estremece, as pernas se fechando para envolver minhas costas. Eu as empurro para trás, mantendo-as separadas enquanto abaixo minha cabeça novamente. Então eu começo a trabalhar. Uso minha língua de todas as maneiras possíveis para provocá-la em um frenesi, mantê-la à beira de um orgasmo.

Quando ela está balbuciando e se contorcendo, fico de joelhos e giro seus quadris para que ela fique de barriga para baixo.

Bem, ela não chega até a barriga porque seus pulsos estão presos à cabeceira da cama, então ela está em uma posição contorcida e retorcida que eu sou um merda doente por amar. Dou um tapa em sua bunda, que ainda está vermelha por causa das chicotadas de antes, depois enfio o polegar entre as nádegas dela. — Acha que devo foder sua bunda de novo esta noite? Hum?

Ela está com os olhos arregalados, alerta, seu olhar treinado em meu rosto, mas ela não protesta. Ela não quer isso, porém, eu posso dizer.

Eu massagueio seu ânus enquanto me levanto atrás dela e agarro meu pau, mas depois que o coloco, mergulho em sua boceta, não em sua bunda.

Ela geme de prazer.

Estendo a mão e apoio minha palma contra a cabeceira da cama e começo a bater nela com estocadas pontuadas. Ela faz esses sons fofos todas as vezes, apoiando as próprias mãos para não bater com a cabeça toda vez que eu a coloco na cama.

— Você cometeu um grande erro ao me mostrar este seu lado, Wylde West. — eu rosno, observando seus seios balançarem toda vez que eu bato.

— Por quê?

Não paro no meu ritmo, cada estocada é tão satisfatória que quero gritar meu sucesso. — Quando sua dívida for paga, talvez eu não deixe você ir.

Ela se vira para me olhar por cima do ombro e eu pego uma pergunta em seu olhar. Um lampejo de algo que não consigo ler. Vulnerabilidade? A primeira vez que ela me mostrou qualquer fraqueza. Porque não sou burro o suficiente para acreditar no ato louco por um minuto. Essa é uma carta que ela joga para causar efeito, eu sei disso. Algo para afastar as pessoas ou fazê-las subestimá-la.

Eu preciso ficar na ponta dos pés com esta, porque há uma excelente chance de que, apesar de sua rendição sexual, ela esteja preparando um contra-ataque que vai me enterrar.

Ela vem.

Quando seus músculos se contraem e apertam meu pau, encurto meus golpes, bombeando forte e rápido até gozar também.

Enquanto diminuo meu bombeamento, eu me aninho atrás dela, beijo seu ombro pálido. Estendo a mão e esfrego a barra de seu piercing em seu clitóris e ela goza novamente, com outra deliciosa rodada de aperto de pau com suas paredes internas.

Eu beijo seu pescoço, mordo a concha de sua orelha.

— Eu gosto de foder você, Caitlin. — Afirmando o óbvio. Mas parece uma grande admissão. Não sou de falar de sentimentos.

Nunca.

Eu nem mesmo gosto de sentimentos.

Mas não há como negar o quão satisfatório eu acho que é arrancar os miolos da minha prisioneira. E isso é tudo sobre o quanto ela gosta disso também.

CAITLIN

Paolo puxa para fora e se inclina para cima. Ele corta a braçadeira que prendia meus pulsos na cabeceira da cama, mas deixa intacta a que prendia meus pulsos juntos, assim como a dos meus tornozelos. E como ontem à noite, ele toma cuidado para não me deixar ver onde coloca a tesoura.

Ficamos na mesma posição da noite passada, com o braço dele firmemente em volta da minha cintura - outra forma de escravidão. Uma forma muito prazerosa.

— E se eu quisesse encarar você enquanto durmo? — Eu pergunto com falsa inocência.

Ele não morde a isca. Nenhuma resposta.

Eu ouço o som de sua respiração na escuridão. — Você tem namorada?

Ele dá uma leve zombaria. — Não.

— Esposa?

— *Não*. — Agora ele parece irritado.

Já notei que ele não usa aliança e não há sinais de presença feminina em sua casa, mas nunca se sabe. Eu não descobri o suficiente perseguindo-o hoje na internet.

— Você já foi casado? — Eu continuo pressionando. Eu quero saber mais sobre esse homem. Ele não fala o suficiente, embora eu ache que o prendi durante nossas interações sexuais, ainda estou perdendo muitas informações sobre ele.

— Não.

— Por que não?

— Não é para mim. Família. Crianças. Eu nunca quis essa merda. Nunca tive uma mulher que eu pudesse suportar por muito tempo também.

— Qual é o seu mais longo?

— Não há mais longo. Eu não faço namoradas.

Isso parece estranho para mim, considerando o quão atencioso ele pode realmente ser. Na cama e fora dela. Eu não entendo.

Uma parte boba de mim quer acreditar que a consideração é toda para mim. Como se eu fosse algo novo para ele.

A bobinha tem que perguntar: — Você já chicoteou uma mulher antes?

— Você é minha primeira.

Eu detecto diversão em seu tom?

Ele está respondendo às minhas perguntas, isso por si só me diz que ele é receptivo a mim, mesmo que eu esteja jogando uma carta maluca.

— Realmente? Porque você é, hum, muito bom nisso.

— Muito bom?

— Muito bom. Eu gostei do jeito que você me chicoteou. Ambas as vezes.

Droga. Eu pareço... sem fôlego. E ansiosa. Por que pareço tão ansiosa? Eu não me importo com o que ele pensa sobre mim. Não estou cultivando um relacionamento real aqui. Só estou procurando informações sobre meu captor.

Sim.

Vou continuar me dizendo isso.

Seu pau se contrai na minha bunda. Ele muda para segurar meu seio.
— É melhor você parar de falar com essa boquinha bonita ou aquela foda no meio da noite vai acontecer mais cedo ou mais tarde.

Minha boceta aperta no ar. Eu não me importaria. Este homem parece ser o dono do meu corpo. Apenas olhar para ele e eu estou molhada.

— Você gosta disso?

— O quê?

— Me machucar. — Eu não deveria colocar dessa forma. Ele pode entender errado. Como se eu o estivesse acusando.

Ele morde meu ombro. — Sim, eu gosto. — Ele fica quieto por um momento. — Me faz pensar se...

— Se o quê?

Ele dedilha meu mamilo com o polegar. — Não sei. Talvez por isso não tenha feito relacionamentos. Eu tive que me manter na coleira.

Eu fecho meus lábios em um pequeno suspiro. Sou algo novo para ele. Meu coração acelera.

Não fique animada com isso, eu me advirto severamente. Ele é o inimigo.

E então eu tenho que saber.

Mesmo uma garota louca tem que cair na real em algum momento.

Eu respiro fundo. — Você matou meu pai? — Para ser honesta, era isso que eu estava tentando descobrir quando invadi seus registros policiais.

— Definitivamente não. — diz ele. A resposta é tão imediata que acredito nele.

— Você sabe quem foi?

Ele fica quieto por um momento. — Mesmo que soubesse, não contaria a você, West. Vá dormir.

Agora ele está me chamando de West. É porque ele está pensando no meu pai?

— Mas você o conhecia? Você fez negócios com ele?

— Eu me lembro dele, só isso. Pare de falar.

Tento me virar para encará-lo, mas ele me aperta mais, então não consigo me mover. — Você sabe, não é?

— Não sei. Eu provavelmente poderia descobrir. Mas isso não significa

que eu diria a você a resposta.

— Porque foi alguém da sua família que fez isso.

— Eu acho que não, Caitlin – eu provavelmente saberia. Mas é possível. Não posso descartar isso.

A resposta me perturba e me alivia ao mesmo tempo. Definitivamente não era Paolo. Não vou fazer sexo com o homem que puxou o gatilho. E ele tem pensado nisso. O que não torna tudo melhor, especialmente se foi alguém da família dele que fez isso, mas ele não é tão desdenhoso quanto quando o acusei pela primeira vez.

Mas o redemoinho de inquietação que ele despertou quando perguntou se meu pai havia roubado deles retorna. Quanto mais eu penso sobre isso, mais soa verdadeiro. Lembro-me de fragmentos de conversas telefônicas que ele teve nessa época. Conversas que me deram certeza de que ele foi morto pela máfia quando as revisei mais tarde. Quando me vi como a vítima e meu pai como o herói arrancado de nossa família. Mas agora não tenho tanta certeza. Agora, de repente, vejo tudo através de uma lente diferente. Meu pai era um vigarista. Ele estava sempre tentando tirar o dinheiro das pessoas, procurando onde poderia se beneficiar. Talvez ele tenha trazido sua morte para si mesmo.

— Não posso te ajudar com a morte de seu pai. — Paolo diz atrás de mim, como se estivesse pensando nisso por um tempo e finalmente tivesse chegado a uma decisão.

Por um momento, não sinto nada. Como se o tempo parasse. E então uma bola gigante de emoção surge do meu peito. Tristeza, eu acho. Não pela morte do meu pai, mas pelo que eu o fiz ser - algum tipo de cara legal, não o egoísta, ausente e mau exemplo de pai que ele realmente era. Ou talvez apenas algo que me pertencia, quando eu não tinha nada.

Eu tento segurá-lo. Eu fecho minha garganta e engasgo um pouco, mas então ele entra em erupção. Minhas costas tremem com um soluço. Prendo a respiração, espremo o rosto para evitar que o resto escape.

É impossível. Explode de mim. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

Paolo me vira e me rola contra seu peito. Me segura perto e esfrega minhas costas.

Estou envergonhada e com raiva de mim mesma por perder o controle assim, mas ele não comenta. Ele não me diz que está tudo bem ou não. Ele apenas me segura. Ele massageia a parte de trás da minha cabeça.

E quando percebo que ele não vai dizer nada, me solto completamente. Molhei a sua pele com as minhas lágrimas, deixei-as correr e correr até acabarem.

E depois, quando estou completamente esgotada, caio no sono mais profundo da minha vida.

CAPÍTULO SEIS

PAOLO

Deixei Caitlin dormir - quebrando minha promessa de usá-la e abusar dela durante a noite e pela manhã. Não que eu não tenha acordado com a madeira mais dolorosa de todas. Não que isso não me matasse para desembaraçar e me afastar de seu corpo nu ágil.

Meu coração se parte por ela.

E eu nem acreditava que tinha um coração.

Mas aquelas lágrimas que ela chorou na noite passada me fizeram querer matar todos os filhos da puta que a machucaram. Só eu não posso. Já decidi que não posso vingar a morte do pai dela, embora esteja disposto a matar por ela. Mas sabendo o tipo de cara que seu pai era, conhecendo os círculos que ele frequentava... bem, eu tenho que assumir que ele mereceu.

E posso estar do mesmo lado de quem fez isso. Eu não acho que foram os Tacones. Mas poderia ter sido. Ou um de nossos aliados. Eu ligaria para meus irmãos para perguntar o que eles sabem, mas você não fala sobre essas merdas no telefone. Terá que esperar até que eu consiga ver pessoalmente o Junior ou o Gio.

Tomo banho e me visto, depois ligo para Vlad para que ele verifique a conta de onde ela está desviando o dinheiro para nós. É até \$ 114K.

Bom. Ainda estou esperando que ela me foda, mas até agora parece que ela vai para casa relativamente ilesa esta noite.

Ligo a cafeteira, frito um pacote de bacon e pego alguns ovos.

Espero um pouco, mas quando ela continua dormindo, frito alguns ovos para mim e tomo café da manhã.

Ainda bem que fiz, porque ela ainda está dormindo na hora do almoço. Eu entro e a acordo cortando suas braçadeiras.

Eu ainda quero prometer consertar as coisas. Eu sou um consertador para a família. O cara que eles mandam para ser o pesado. Para usar

ameaças, ou meus punhos, ou às vezes soluções mais permanentes para resolver os problemas. É por isso que sou o cara que eles enviaram para resolver essa situação com Caitlin.

Mas consertar coisas para mulheres geralmente não é meu trabalho. Quero dizer, eu faria isso. Se algum cara estivesse batendo em uma garota, eu interviria em um piscar de olhos. Eu vivo e respiro violência e definitivamente a usaria para manter uma garota segura. Mas tenho certeza que não é o cavaleiro de armadura brilhante.

Mas essa merda com Caitlin não parece certa. Não quero dizer minha retribuição. Eu não a machuquei de forma alguma, ela não queria se machucar. E eu não vou. Mas ela está ferida. Dobrada de maneiras que não sei, pode ser endireitada. E isso me faz querer remexer em seu passado e punir cada filho da puta que a machucou.

Ela salta para fora da cama como se nada tivesse acontecido, no entanto. — Bom dia, *Sr. Tacone*. — Ela enfatiza a parte do Sr. Tacone como se estivesse tirando sarro de mim.

Dou um tapa na bunda dela enquanto ela passa por mim mancando a caminho do banheiro. — Você pode me chamar de Paolo. — eu admito.

Ela olha para trás, seus olhos arregalados com surpresa exagerada. — Ah, eu me formei. Como passei para o próximo nível? Foi o choro em todo o seu peito? — Ela sorri como se chorar fosse algo adorável.

E no caso dela, de repente é. Ou melhor, falar sobre isso como se fosse fofo faz com que seja assim.

— Algo assim. — eu digo a ela.

Ela para e enrola os dedos entre as pernas, fazendo meus olhos e meu pau estalarem. — Por que não estou inchada e sensível por causa de todas as rodadas que você prometeu?

E como sempre, eu respondo.

Estou em cima dela em um piscar de olhos, caminhando com ela para trás até que sua bunda bata na parede. — Agora você está em apuros.

— Sim, eu deveria ter esperado até fazer xixi.

— Você deveria. — eu digo, mas não solto. Estou esfregando entre suas pernas e ela fica molhada no segundo golpe. Enfio alguns dedos dentro dela e ela fica na ponta dos pés, as costas deslizando pela parede.

Vou fazer isso rápido, já que ela tem que fazer xixi. Eu tenho um tesão constante por ela, então não preciso de preliminares. Apenas uma aplicação rápida de um preservativo e eu estou enterrado profundamente dentro dela, empurrando sua bunda contra a parede com cada estocada.

Ela envolve as pernas em volta da minha cintura, os braços em volta dos meus ombros. Eu a fodo até que ela esteja balbuciando meu nome, implorando por liberação.

— Você pode gozar ao comando? — Eu pergunto.

— Você já sabe que eu posso. — diz ela, o que é verdade. Descobri isso na casa dela, que parece ter acontecido há um milhão de anos.

— Então, quando eu disser goze, você vai gozar e vai apertar meu pau tão bem que vou esquecer tudo sobre foder essa bunda hoje.

— Estou pronta agora. Agora, por favor.

Eu observo seu rosto enquanto eu bato, martelando-a na parede, observando sua necessidade crescer cada vez mais desesperada até que eu não aguento mais.

— Goze, Caitlin. — Eu empurro fundo e atiro minha carga e aperto um de seus mamilos com força.

Ela grita e goza, sua boceta suculenta ordenhando o esperma do meu pau até eu ficar tonto com a liberação.

— Paolo. — ela murmura enquanto eu entro e saio, acariciando-a durante o rescaldo.

Acontece que eu adoro ouvir meu nome em seus lábios, especialmente daquele jeito ofegante e sexy.

Eu deslizo para fora e bato. — Diga de novo.

— Paolo.

Eu encontro seus olhos e vejo um traço de vulnerabilidade. Logo antes de ela cobrir isso com insolência. — Agora você quer que eu diga isso.

— Você vai dizer o que diabos eu pedir para você dizer, certo, garotinha? — Eu bato meus quadris contra ela novamente.

— Você diz isso a todos os seus chantageados? — Mais uma vez, a vulnerabilidade. Ela tem perguntado muito sobre essa merda. Ela quer saber onde ela está comigo.

Minha boca se torce em um sorriso. — Não desta posição.

Ela ri. Não uma risada maluca, mas uma risada genuína, bonita e musical.

Eu me pego sorrindo de volta para ela, o que é bom pra caralho, porque eu nunca sorrio.

Eu a puxo para fora e a coloco no chão. — Vá urinar.

— Sim, Sr. Tacone. — Ela joga o cabelo por cima do ombro e pisca rapidamente para mim.

Eu bato na bunda dela.

Fofa pra caralho.

Eu realmente não quero deixá-la ir.

CAITLIN

Eu não sabia até que horas dormi até sair do banho e descobrir que já eram 13h40

Eu meio que corro para o computador para verificar o saldo do dinheiro. Será que estou perto de fazer o valor exigido dentro do prazo? O que acontece se eu não conseguir? Certamente ele vai me dar uma chance? Ele era apenas bolas profundas entre as minhas pernas.

Mas eu realmente não conheço esse cara. Ele é perigoso, com certeza.

— Onde estamos? — Ele fica em cima de mim.

— Cento e trinta e oito.

— Chegando lá.

Eu olho para ele. — Tenho algumas horas de folga? Você sabe, se tudo não estiver lá dentro do prazo?

— Sim, boneca. Foram bons. Eu posso ver que você está fazendo um esforço de boa fé aqui.

Esforço de boa fé. O esforço que vai me mandar para a prisão por dez a vinte anos.

Droga.

Entro na academia de ginástica e subo na esteira. Eu fico nela até que ele me arrasta duas horas depois e eu mal consigo ficar de pé no chão estável.

Ele agarra meus cotovelos para me segurar. — Foram bons. O dinheiro está perto o suficiente. Você pode desligá-lo e eu te levo para casa.

Sei que minha loucura está em pleno vigor quando minha primeira emoção é a decepção. Como se eu não quisesse ir embora.

E isso é tão louco quanto possível.

— E meu irmão? Ele está fora de perigo agora, também? Você vai tirar seus caras de cima dele?

— Ninguém o tocou, Caitlin. Ele não sabe que nada disso aconteceu.

— Ele aproxima seu rosto do meu. — Ninguém vai, certo?

— Eu não vou falar.

— Você não vai fazer nada que me faça vir procurá-la novamente.
Capiche?

— Sim, eu *capiche*.

— Reúna sua merda. Vou levá-la para casa.

Estou um pouco perplexa com a dispensa repentina. Duvido que já

tenhamos chegado a duzentos mil, mas não vou reclamar.

Porque isso seria loucura.

Estou indo para casa.

Eu não deveria me sentir tão desapontada.

Abandonada, mesmo.

Cara, eu realmente sou uma maluca.

Talvez seja só porque sei que depois disso irei para a cadeia. Não sei se vão levar uma semana, um mês ou um ano para me rastrear, mas imagino que vão. Mesmo que eu passe o resto da noite tentando apagar a existência daquela conta bancária de todos os registros.

Arrumo minhas coisas e Paolo me leva até a Porsche. Fiel à sua palavra, ele me deixa ir na frente desta vez.

— Então, eu disse a você que não vou ajudar com a morte do seu pai. Mas há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? Alguém cujas rótulas você queira quebrar?

Eu atiro a ele um olhar de soslaio. — O quê?

Ele dá de ombros. — Você me ouviu.

— Você é sério? Por que você está oferecendo?

— Estamos quites agora, com o dinheiro. Mas você cuidou de mim algumas vezes nos últimos dois dias e eu, uh, quero retribuir o favor.

Eu pisco para ele. Estou realmente ouvindo isso direito?

— Então isso é como uma transação? Chupei seu pau e agora você vai quebrar a rótula de alguém por mim?

Eu vejo aquela contração de seus lábios. — Sim. Algo parecido. Isso te ofende?

— Bem, eu dou um bom boquete. — Eu recorro à louca Caitlin porque, embora esteja um pouco ofendida, também estou muito excitada.

— Você faz.

Eu ri. — Eu posso pensar em algumas pessoas que eu adoraria enviar para você. Meu orientador de pós-graduação era um. Mas não, obrigada. Estou bem.

As mãos de Paolo apertam o volante. — O que ele fez?

— Oh, ele é apenas um idiota. Digamos que ele não cumpriu nosso acordo de sexo oral.

As sobrancelhas de Paolo se fecham. — Você o chupou? E o que ele deveria fazer por você?

— Ele me prometeu o cargo de assistente técnica e depois o deu a outra pessoa. Mas eu quero dizer isso, eu não preciso de você para machucá-lo. Eu posso cuidar de mim mesma. Posso obter um crédito por uma futura surra quando necessário? Ou melhor ainda... — *Não diga isso. Não soe carente.* — Usar em mim mesma?

Ele tira os olhos da estrada para olhar para mim. Ele é difícil de ler, mas acho que capto os traços de diversão em sua expressão. — Sim, boneca. Claro.

Não tenho certeza de qual coisa ele está dizendo sim e não vou me permitir perguntar. Ele está circulando pelo bloco residencial de pós-graduação onde fica meu apartamento de estudante de pós-graduação de baixo custo.

— Você pode me deixar sair aqui. — eu digo, abrindo a porta quando ele para em um sinal de pare.

— Nah, eu posso...

Eu já estou fora da porta. — Obrigada pelos momentos divertidos, Paolo. Pego você do outro lado. — Eu coloco minha mochila no ombro e aceno depois de fechar a porta.

Ele olha para mim através do vidro por um momento, então levanta o queixo e vai embora.

Eu tento lutar contra o pânico mastigando minhas entranhas.

Não é porque ele está saindo.

É porque eu vou para a cadeia muito em breve.

E isso é tudo.

Não tenho absolutamente nenhum sentimento por Paolo Taconi.

Isso seria loucura.

CAPÍTULO SETE

PAOLO

Pela primeira vez na minha vida estou desequilibrado. Não me considero um cara muito emotivo. Se a merda me incomoda, eu bato algumas cabeças e me sinto melhor. Fim da história.

Mas isso é diferente. É um mal-estar de baixo nível. Não raiva. Talvez seja a porra da minha consciência inexistente acordando. Não gostei de deixar Caitlin partir, com o passar dos dias, essa sensação só aumenta.

Faço uma visita a Junior e Gio, meus irmãos que moram na região, para saber se eles se lembram de alguma coisa sobre Lake West. Nenhum dos dois se lembra mais do que eu. O cara era duvidoso - possivelmente um intermediário de mercadorias roubadas, mas não muito mais. Gio acha que ele pode ter trabalhado para a *bratva* russa. Não a célula de Vlad, mas uma organização mais antiga. Um com o qual tivemos alguns laços difíceis em um ponto. Se for verdade, pode ter sido um deles que o matou.

Eu mantenho meus olhos de soldado em Trevor West por algumas semanas depois que deixei Caitlin ir. E eu mesmo assumo o trabalho de cuidar de Caitlin.

Vlad não teve nenhum problema em transferir e lavar o dinheiro de sua conta e ele relatou que ela deletou completamente sua existência, o que é um bom presságio para ela não ser pega pelo crime que cometeu.

Ainda assim, eu mantenho o controle sobre ela. Eu gosto de saber que ela está segura. De volta à pós e dando aulas de cardio. Vestindo suas calças de ioga e camisetas sob sua jaqueta vermelha volumosa.

Eu não gosto da expressão amortecida em seus olhos. O que mais me incomoda é achar que fui eu que coloquei.

Exceto que não consigo me fazer acreditar nisso. Ela encontrou prazer comigo, tenho certeza disso. Ela pode ter usado sexo para me acostumar com ela, mas aqueles orgasmos não eram falsos.

Deus sabe que encontrei prazer com ela. Ela é um vício. Agora que ela

se foi, agora que tirou aquela aura de caos que carrega consigo, minha casa parece vazia.

Descubro que seu orientador de pós-graduação é um cara chamado Noah Alden e faço uma visita a ele em seu escritório. O cara grita pomposo a dez milhas de distância. Ele é baixo e vestido de forma desleixada com uma barriga barriguda. Estou chateado porque os lábios de Caitlin estavam perto do pau desse cara. Na verdade, eu quero matá-lo só por isso. Mas não é por isso que estou aqui.

Eu entro no escritório do cara e sento em sua cadeira para esperar por ele. Ele quase se mija quando me encontra lá.

— O-o que está acontecendo aqui? Quem é você?

Eu tomo meu tempo e me levanto da cadeira, dando a ele um momento para registrar meu tamanho total. O flash da arma que carrego no coldre debaixo do braço. O tamanho dos meus punhos.

Eu passeio ao redor da mesa. — Estou aqui para discutir um de seus alunos de pós-graduação com você.

— Q-quem é? Do que se trata?

— Por que você não passou Caitlin West para o cargo de TA que você prometeu a ela?

Seu rosto se enrugou em desprezo. — Caitlin? Ela é louca.

E isso é tudo o que é preciso. Meu punho bate em seu nariz e ele bate na parede. — Diga de novo. — eu desafio, agarrando sua camisa para pegá-lo de onde ele caiu no chão. — Prossiga. Chame-a de louca na minha cara. Eu vou te mostrar o maluco.

Sangue jorra de seu rosto, derrama sobre minhas mãos. — E-eu sinto muito. Eu não quis dizer isso, eu juro! Ela é uma garota legal. Muito doce. Só um pouco... única, só isso. Ela é sua namorada ou algo assim?

— Algo assim. — eu digo, batendo-o de volta contra a parede. — Agora você me escuta. Vais dar à Caitlin o trabalho de TA que ela merece, ou vou partir todos os ossos das tuas mãos. *Capiche?*

— E-eu não posso dar o emprego a ela, já dei para outra pessoa.

— Sim, eu ouvi isso. Você vai levá-la de volta. Ou eu vou me livrar dele e vai cair na sua cabeça. Entendeu?

— Sim, sim, entendi.

— Até amanhã, e não conte a ninguém – incluindo Caitlin, sobre essa conversa que estamos tendo.

— Eu não vou. OK, eu entendi.

— E se você desrespeitar aquela garota de novo, eu vou te matar. Entendeu?

— Entendo. Eu não vou desrespeitá-la. Por favor.

Eu o soco mais uma vez no estômago para ter certeza de que ele entendeu a mensagem antes de soltá-lo.

Eu saio, ainda chateado como o inferno.

Porra de *stronzo* - chamando Caitlin de louca. As pessoas são tão estúpidas se não conseguem ver que é tudo uma grande encenação para garantir que as pessoas a subestimem. É sua maneira de controlar o ambiente a partir de uma posição de fraqueza. Alguma habilidade de sobrevivência que ela provavelmente teve que aprender depois que seu pai morreu, se não antes.

CAITLIN

A primeira coisa que fiz quando Paolo me deixou em casa foi ir ver Trevor. Paolo estava certo. Ele não tinha notado ninguém o observando. Nem registrei que não tinha feito o check-in.

Pensei em contar a ele o que aconteceu, mas decidi não preocupá-lo. Ele está feliz. Ele é quase como um estudante universitário normal, festejando, saindo com garotas e se divertindo. Sua existência tem sido diferente da minha. Nós nos separamos em diferentes famílias adotivas. Eles o adotaram. Eles eram decentes. Ele ficou normal.

Eu não quero atrapalhar isso.

Então eu continuo.

Só que agora tudo é diferente.

Eu sou diferente.

Continuo pensando em Paolo. Querendo saber se eu deveria ter jogado algo diferente. Se eu cometi um erro ao fazer sexo com ele. O velho eu teria me punido pela minha loucura. Gostaria de saber quando eu vou ser normal. Não recorrer ao sexo e à dor para superar situações estressantes.

O novo eu não consegue encontrar forças para me condenar. Não me sinto suja, barata ou usada.

Eu me sinto satisfeita. Satisfeita o suficiente para me perguntar pelo menos dez vezes por dia se verei Paolo novamente. Se ele quiser fazer sexo ou jogar comigo de novo. Talvez nos encontrarmos na masmorra BDSM. Ou na casa dele.

E eu continuo repetindo sua oferta. A maneira como deixamos as coisas. Que eu poderia pedir um favor se precisasse. E ele não me deu seu número de telefone nem nada, mas eu sou uma hacker. Eu poderia encontrá-lo com bastante facilidade.

Mas todos esses pensamentos são inúteis quando me lembro que a qualquer momento o FBI pode aparecer na minha porta para me prender.

Entro no consultório do meu orientador de pós-graduação, o Dr. Alden, depois que ele me deixou uma mensagem dizendo que precisava se encontrar comigo.

No minuto em que o vejo, uma onda de calor e frio corre por mim. Ambos os olhos estão pretos e há fita adesiva em seu nariz.

Paolo esteve aqui.

Oh meu Deus.

Eu deveria me sentir culpada, mas acho que sou imoral o suficiente para não me sentir assim. Tudo o que sinto é justificado.

E outra coisa - uma parte de mim está comemorando.

Paolo se importa.

— O que aconteceu? — Eu tento fazer minha voz soar normal.

— Eu bati na porta. — diz ele na voz tensa que confirma tudo.

Puxo uma cadeira e me sento, meu coração batendo forte. — Você queria me ver?

— Sim, uh, escute. Tivemos uma situação. Todd não pode mais fazer o trabalho de TA e eu queria ver se você poderia intervir. Neste semestre, agora mesmo.

— Oh, uh... sim. Eu poderia fazer isso. — Tento parecer surpresa, natural. Mas quem eu estou enganando? Nós dois sabemos o que aconteceu aqui.

— Ótimo. Aqui está tudo o que você precisa. — Ele empurra uma pilha de papéis sobre a mesa para mim. — Esteja pronta para ensinar amanhã.

— Tudo bem. Eu vou. Obrigada. — Eu falo.

Bem, caramba. São \$ 15.000 por ano, dos quais definitivamente precisarei, já que não tenho mais o dinheiro do Taccone entrando.

Saio do escritório, pensando se devo tentar entrar em contato com Paolo para agradecê-lo.

Não, eu deveria deixá-lo sozinho. Fizemos sexo enquanto ele me mantinha prisioneira. Este não é um gesto romântico. Provavelmente é considerado sociopata.

Estou subindo na minha bicicleta quando tenho a sensação que tenho tido ultimamente de estar sendo observada.

Achei que era minha paranoia com a chegada do FBI para me prender, mas de repente percebi que poderia ser Paolo. Eu examino as ruas. Nenhum sinal da Porsche.

Mas lá. Vejo uma Range Rover azul escura estacionada na rua do outro

lado da rua com uma grande figura atrás do volante.

Eu não posso parar o sorriso se espalhando em meu rosto.

E de repente sou mais leve que um balão de hélio. Atravesso a rua, abro a porta do carona e me sento no banco, sem ser convidada. — Você estava com saudades de mim! — Eu canto. — Então, estamos namorando agora?

Seu rosto é inescrutável, como sempre, exceto que eu pego a contração de seus lábios que me diz que ele não se importa com minha loucura.

Eu me inclino sobre o console para dar um beijo na bochecha dele, mas ele se vira e pega meu queixo em sua mão grande e impede minha aproximação.

Minha boceta aperta no aperto dominante. Seu aperto não é doloroso, apenas controlador. Ele mantém meu rosto imóvel e o estuda. — Você parece cansada, boneca. — Ele se inclina para frente e eu fecho meus olhos. Em seguida, abro novamente para encontrá-lo parado, a meio caminho do meu rosto, como se estivesse debatendo se deve realmente me beijar ou não.

— Vamos. — eu exorto. — É só um beijo.

Os lábios se contorcem novamente. Ele me beija, apenas uma vez. Sensual, mas ainda superficial. Como se ele estivesse me ensinando uma lição que eu não entendo. Então ele solta meu rosto.

— Vejo que você visitou meu orientador. Eu lhe disse para não fazer isso, mas obrigada.

— Eu não fiz nada. — ele afirma, por um momento, fico surpresa. Eu não li a situação errada, não é?

E então eu percebo. Deve ser procedimento padrão nunca admitir um crime em voz alta.

— Bem, obrigada por tudo o que você *não fez*. — eu digo.

Ele aceita isso com um aceno de cabeça. — Vou afundar aquele filho

da puta no Lago Michigan se ele te desrespeitar de novo.

Eu dou a ele meu sorriso mais largo e seus olhos enrugam, embora seus lábios não coincidam com os meus.

— Você está com fome? Tem uma lanchonete incrível virando a esquina. — Aponto na direção do Pancho Street Tacos.

— Você está comprando?

— Hum, sim. — eu digo, tentando calcular rapidamente quanto dinheiro eu tenho na minha carteira.

— Brincadeira. — Ele abre a porta. — Eu vou comprar. Vamos.

É ridículo como me sinto excitada. Como se estivéssemos indo a um encontro, em vez de eu pegá-lo me perseguindo depois de atacar brutalmente meu conselheiro. Mas não consigo encontrar em mim para ter medo dele neste momento. Eu não posso perder a alegria que tomou conta de mim ao vê-lo novamente. Sabendo que ele se importava o suficiente comigo e com minha situação para exigir sua forma de justiça.

Eu o levo para a lanchonete e peço o meu favorito - dois tacos de camarão grelhado com tortilhas de milho.

— Eu vou querer o mesmo. — diz ele e pega duas bebidas para acompanhar. Pegamos nossas bandejas e encontramos um lugar perto da janela para nos espremer.

Eu me sento e dou uma mordida gigante. — Mmm, obrigada por comprar o almoço.

Ele dá uma mordida no dele.

— Então, por que você ainda está me observando? Achei que estávamos quites.

Ele dá de ombros. — Certifique-se de não deixar a cidade repentinamente. Ou se entregar. Ou qualquer outra coisa que nos faça lamentar.

— Besteira. Você estava com saudades de mim. Admita.

Seus lábios realmente se curvam. — Um pouco.

Uma onda de prazer passa por mim. — Bastante. — Termino meu primeiro taco e pego o segundo.

Ele não confirma nem nega.

— Você ainda está cuidando do meu irmão?

Ele não responde, apenas dá outra mordida gigantesca em seu taco.

— Deixe-o em paz. — eu aviso, toda séria agora. Não que eu tenha algo para apoiar meu aviso. — Quero dizer isso. Eu fiz o que deveria fazer.

— Então você não tem nada com que se preocupar. — Ele termina seu segundo taco e limpa a boca com um guardanapo.

Pego minha limonada e dou um longo gole no canudo. — Obrigada pelo almoço. — repito enquanto desço do banquinho. — Vejo você por aí, garotão. — Eu dou a ele uma piscadela atrevida e jogo meu cabelo enquanto saio.

Foi uma ótima saída e eu gosto de subir na minha bicicleta e sair pedalando, imaginando que ele ainda está me observando. É só depois de afastar que me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado.

Se eu deveria ter dado a ele meu número e dito a ele para ligar da próxima vez, em vez de assistir pela janela do carro.

E então todos esses pensamentos desaparecem.

Porque quando chego ao meu apartamento, encontro-o apinhado de agentes do FBI.

Acho que o problema está resolvido.

CAPÍTULO OITO

CAITLIN

Eu dou a eles minha exibição completa de maluca. Todo agente que me questiona sai revirando os olhos.

E então, depois de uma noite na prisão e a percepção de que isso pode ser o resto da minha vida, me desliguei completamente.

Não falei mais. Sem maluquices. Nada.

Eles tirariam mais proveito de uma esquizofrênica catatônica do que de Caitlin desligada.

Então, quando sou chamada para fora da minha cela para me encontrar com meu advogado, mau registro. Quase não vejo a loira alta com o aperto de mão firme. Não ouço o que ela está me dizendo enquanto empurra alguns papéis sobre a mesa.

— Srta. West? Você entende as acusações contra você?

Não consigo responder.

Ela franze a testa. — Você entende que estou trabalhando para você, certo? Você tem medo do Sr. Tacone?

Pisco uma vez. Duas vezes. O que ela está dizendo sobre o Sr. Tacone?

— O quê?

— É por isso que você não vai cooperar comigo?

Eu me endireito na cadeira e tento pentear com os dedos o cabelo bagunçado do meu rosto. Olho para os papéis que ela colocou na minha frente. *Lucy Lawrence*. Esse é o nome da minha advogada. — O que está acontecendo?

Ela inclina a cabeça e me dá a “você está louca?” expressão com a qual estou tão acostumada. — Sr. Tacone me contratou para tirar você daqui. Você está disposta a entrar no acordo judicial que descrevi?

Eu limpo minha garganta. — Sinto muito, você se importaria de repetir?

Ela é paciente comigo. Agora que me concentro, vejo que ela é extraordinariamente bonita e a mistura perfeita de uma profissional perspicaz com a bondade humana que muitas vezes falta em seu tipo. — Você entra com uma confissão de culpa em troca da devolução do valor total e enfatizamos o fato de que você é uma estudante de pós-graduação em ciência da computação e isso foi apenas um experimento de sua parte. Você não acreditou que realmente funcionaria.

Eu pisco um pouco mais. — E-eu não tenho dinheiro para devolver. Está... — eu limpo minha garganta — ...se foi.

— Sr. Taccone vai desembolsar os fundos perdidos. — Ela me dá um olhar penetrante. — E eu não tenho nenhuma informação sobre esse arranjo.

O mundo começa a tomar forma ao meu redor novamente. Estou em uma sala. Com uma advogada que Paolo contratou para me tirar daqui.

— Sim. OK. Onde eu assino?

— Tem certeza?

— Tenho certeza. — Com certeza farei um acordo com o diabo para ficar fora da cadeia. Eu já estava morta lá. Pego a caneta dela e assino.

Quatro horas depois, eles me levam para fora da cela, devolvem meus objetos pessoais e me liberam.

Eu pisco na sala iluminada pelo sol. Ainda estou me movendo lentamente, como se estivesse em meio a um melão, ou talvez apenas pareça assim. Estou em uma bolha. Há pessoas por toda parte, mas não vejo nenhuma que reconheça. Eu coloco minha jaqueta e agarro minha bolsa, saio pela porta e saio para o sol.

E caio direto nos braços de Paolo Taccone.

PAOLO

Eu seguro Caitlin, mas ela é um peso morto. Não há vida em seu rosto, em sua postura, em nada nela. Aquela chama que costuma ser tão brilhante nela está completamente apagada.

Se eu pudesse voltar no tempo e fazer um acordo diferente com Caitlin West, eu o faria. Como pensei que poderia vê-la cair pelo crime que cometeu porque segurei as bolas de seu irmão em um torno, não consigo imaginar.

Nada parecia tão errado quanto quando assisti sua prisão na televisão no noticiário. Aquela foto dela apareceu na tela, a foto dela algemada sendo levada embora.

Estou chateado como o inferno por ter demorado tanto para a minha advogada tirá-la de lá.

Vou cometer um assassinato sério se descobrir que ela foi maltratada lá.

— Vamos, boneca. Vamos tirar você daqui. — digo a ela.

Ela me deixa manobrá-la para dentro do carro. Ela está dócil. Fácil de gerenciar. Possivelmente em estado de choque.

É assim que o choque se parece?

— Você está bem? Fale comigo. — Eu digo quando acelero e ela ainda não diz nada.

— Onde estamos indo? — ela pergunta estupidamente.

Cristo, eu faria qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor agora. — Aonde você quer ir?

— Seu lugar. — Seu tom é monótono, mas fico aliviado com a resposta. Pelo menos ela não me pediu para deixá-la em casa. Eu definitivamente não estou disposto a deixá-la sozinha neste estado.

— O que você precisa, boneca? Você está com fome?

Ela se vira para olhar para mim, mas não tenho a sensação de que ela está vendo alguma coisa. Depois de um longo momento, ela diz: — Eu quero

que você me machuque.

O rubor que corre através de mim é tanto luxúria quanto medo. Meu corpo responde ao seu pedido, mas meu cérebro se rebela. Machucá-la é a última coisa que quero fazer agora. E me assusta que ela pense que precisa disso. Mas sim, eu não vou negar nada a ela. Eu daria minha bola esquerda agora mesmo se isso a trouxesse de volta à vida.

— Isso me ajuda a voltar ao meu corpo. — explica ela.

Eu relaxo um pouco. Ok. Ela já esteve aqui antes. Isso faz parte do *Circo da Caitlin*. Muito bem. Eu definitivamente posso lidar com isso.

Eu a levo para minha casa e a levo para o banheiro onde tiro sua roupa e a coloco no chuveiro. — Como você quer isso? — Eu inclino minha cabeça pela porta do chuveiro. Acho que tenho que me preparar enquanto ela está limpando.

A água escorre por seu rosto, por seus seios e barriga pálidos, por suas pernas esguias. — Cinto, por favor. E, Paolo?

— Sim, boneca?

— Não pare até eu chorar.

Meu estômago cai. Eu posso gostar de machucar, mas depende de ela se divertir. Fazê-la chorar é outra coisa.

Obviamente não é um ato estranho para mim, mas é com uma amante.

Com alguém de quem gosto.

Não faço promessas, apenas balanço a cabeça. — Você não está no comando, está, garotinha?

Eu vejo a primeira sugestão de um sorriso. — Fale duro comigo, garotão.

Relaxo. Essa é a garota que eu conheço. E este é definitivamente um papel que posso desempenhar para ela. E para mim. Para nós dois.

Espero até que ela saia do chuveiro e se seque e então amarro seu

rosto na cama, braços e pernas bem abertos. Pego um cinto largo e flexível e enrolo a ponta da fivela no punho.

— Pronta, boneca?

— Mmm. — ela concorda. Ela está flácida e relaxada, o que pode ser uma coisa boa, exceto que eu esperaria que ela ficasse um pouco mais excitada. Isso não é êxtase pós-orgástico, é outra coisa.

Não em seu corpo, acho que ela disse.

Dou-lhe algumas palmadas leves com o cinto e ela nem se mexe, então deito uma com força.

Ela estremece, nádegas apertadas, pés chutando as cordas que usei para prendê-la.

Isso deve ser um bom sinal. Ela sentiu algo, de qualquer maneira.

Dou outra cintada forte, depois outra.

Os músculos de suas costas ficam tensos e ela levanta a cabeça. Seus pés estremecem nas cordas um pouco mais.

— Tudo bem, boneca?

— É bom. — ela ofega. — Muito bom.

Eu a chicoteio de novo e de novo, mantendo-a forte o suficiente para produzir vergões, para fazê-la ofegar. Então, depois de mais ou menos uma dúzia naquele ritmo, alivio os golpes e vou mais rápido. Ela se mexe e se contorce sob o cinto, gemendo.

Ainda nenhum sinal de lágrimas.

Cazzo, quanto custa levar uma masoquista às lágrimas? Sua bunda já está vermelha.

Deito algumas na parte de trás de suas coxas, o que a faz pular e ofegar, depois volto para os golpes mais leves em toda a bunda.

Eu paro e aperto suas nádegas, massageando e amassando. Mergulho meus dedos entre suas pernas e provo seus sucos.

Foda-se.

Ela pode fazer uma pausa para o sexo.

Eu afasto as nádegas dela e a lambo do clitóris ao ânus e vice-versa. A posição não é ótima, mas passo minha língua sobre seu piercing e provooco suas dobras o máximo que posso.

— Você vai ser fodida com força agora, garotinha. — eu a advirto.

Ela vira o rosto para o lado para olhar para mim. Seus olhos são suaves, como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais romântica. — Paolo. — Há gratidão na maneira como ela diz meu nome.

Eu quase rio. Chicotes e correntes são as rosas e o chocolate dessa garota. E isso é ótimo para mim.

Tiro a roupa e coloco uma camisinha. Eu a mantenho amarrada e impotente para a foda, apenas subo em cima dela e deslizo para dentro.

Ela aperta em torno de mim, aquela boceta apertada apertando como um punho.

Eu rosno com prazer e bato fundo. Seu corpo se inclina para a frente, mas ela se move apenas um centímetro, amarrada com muita força pelas cordas.

Perfeito.

Eu apoio meu peso em minhas mãos e a monto. Fecho os olhos, saboreando a sensação de estar dentro dela novamente. De ouvir os pequenos gemidos que ela faz, os choros.

Mas então ela fica quieta novamente.

Não querendo desamarrá-la ainda, eu saio e pego o lubrificante. A penetração anal será difícil de ignorar.

Eu lubrifiquei nós dois generosamente e empurrei para dentro. Eu estava certo, ela voltou a ofegar e chorar, fazendo aqueles sons fofos de dor e prazer que me deixam mais duro do que pedra.

Eu a fodo, passando uma mão por baixo dela para esfregar seu clitóris

ao mesmo tempo.

Sua respiração se torna ofegante, seus gritos ficam mais altos. — Por favor, Paolo. — ela implora.

— Venha, pequena hacker. — eu ordeno, enfiando o cone dos meus dedos em sua boceta enquanto enfio fundo em sua bunda e chego ao orgasmo.

Seus músculos tremulam ao redor dos meus dedos e ela goza com um grito estrangulado, seu ânus apertando quase dolorosamente em volta do meu pau.

Espero até que ela termine para sair e trazer uma toalha para limpá-la. Eu não a desamarro, no entanto. Talvez depois do orgasmo ela chore.

Pego uma espátula de madeira da minha cozinha e sento ao lado dela. A última vez que ela chorou foi por falar do pai. Eu não tenho isso em mim para fazer isso com ela. Não que eu soubesse o que dizer. Estou o mais longe possível do Dr. Phil. Eu falo mais com minhas ações.

— Olhe para mim, pequena hacker.

Ela vira a cabeça, aqueles lindos olhos azuis mais abertos e atentos do que antes, mas ainda sem o fogo de sempre.

— É hora de me dar suas lágrimas. Você me deve isso. — digo a ela, o que pode ou não ser verdade, mas sei que ela gosta quando fico mandão. Dou um tapa na bunda dela com a espátula de madeira e ela se encolhe, mas depois meio que relaxa em êxtase.

Mais duro, então.

Eu bato no mesmo lugar com mais força e ela suga a respiração em um suspiro.

— Uau. — Primeira vez que recebo um. — Obrigada, senhor.

Eu bato nela com a mesma força do outro lado. — Eu não quero seus agradecimentos. Eu quero suas lágrimas. Chore por mim, Caitlin. — Eu começo a remar sua bunda, alternando para a direita e para a esquerda, observando de perto enquanto ela fica tensa e prende a respiração. Em

seguida, começa a choramingar e empurrar.

Mesmo assim está demorando muito. Eu não quero continuar machucando ela. Ela não merece, não que isso tenha algo a ver com merecimento.

— Chore por mim, Caitlin. É melhor você chorar agora ou eu vou te levar de volta para aquela prisão onde te encontrei hoje. — É uma coisa cruel de se dizer, mas funciona. Caitlin quebra.

Um soluço irrompe, depois outro. Eu trabalho rapidamente para desamarrá-la e me acomodo ao lado dela, puxando-a em meus braços. Ela se enterra em mim, chorando contra meu peito até se espremer. Eu acaricio seu cabelo, beijando o topo de sua cabeça.

Esperando por Deus que isso fosse o que ela precisava, e eu não apenas causei mais danos.

CAITLIN

Paolo Taccone acabou de me salvar do inferno.

O homem acabou de me tirar da prisão e me deu exatamente o que eu precisava para me livrar do trauma. Eu descanso minha cabeça em seu peito, piscando para o nada.

Todo o terror e a vergonha se esvaziaram com minhas lágrimas. Estou em um estado de nada agora. Esgotada, mas ok. Paolo está de costas e eu estou encostada nele, minha cabeça apoiada em seu ombro.

Paolo cutuca meu rosto para olhar para mim. — Você ainda parece muito cansada, boneca. Aconteceu alguma coisa na cadeia?

Eu sinto a onda de violência através dele, como se ele fosse cortar algumas gargantas se descobrir que fui estuprada na prisão ou algo assim.

— Não. — eu asseguro a ele. — Eu só estava com medo.

— Compreensível.

Eu me inclino em meu braço para olhar para ele completamente. — Por que você veio me buscar? — Não sou estúpida o suficiente para pensar que não devo muito a ele por isso. Favores não vêm de graça, especialmente de homens da máfia. Mas eu ainda quero saber por que ele se incomodou. Eu não pedi ajuda. Ele simplesmente apareceu com isso.

Talvez ele queira que eu comece a hackear para ele regularmente. Algum novo esquema da máfia.

Sua testa enrugou. — Garota como você não pertence à cadeia.

Eu inclino minha cabeça. — Garota como eu?

— Você é como um incêndio florestal — quente. Brilhante. Uma queima rápida. Ninguém deve diminuir sua luz, boneca. Eu nunca deveria ter deixado isso acontecer.

Borboletas voam na minha barriga. Ele se importa. Ele definitivamente se importa.

— Eu tinha um plano, sabe? Eu ia assustá-la para devolver o dinheiro e depois deixá-la ir. Mas então eu te conheci. E você é *você*. E eu deveria ter mudado o plano. — Ele balança a cabeça, arrependimento gravado em cada linha de seu rosto. — Não sei por que não o fiz. — Ele passa as costas dos dedos na minha clavícula. Não é um toque sexual, mas é íntimo. Sensual. — Você sabe que eu não quis dizer o que acabei de dizer sobre trazer você de volta, certo?

— Claro. — eu respondo. E eu faço. Sei que ele acabou de dizer a coisa que me faria chorar, e é por isso que estou flutuando em gratidão aqui. Porque há muitas poucas pessoas neste universo que iriam para lá.

Mas Paolo é um cara fora da caixa.

Acho que você tem que ser um assassino e um sádico para me pegar.

Não sei por que acho que isso é um problema.

Eu monto em seus quadris, não me sentindo mais vazia ou desprovida de emoção. Eu me sinto como eu novamente. Todas as partes de mim - a eu completa. A louca eu. A eu inteligente. A ninfomaníaca. Eu me assustei. E ainda estou muito grata.

Esfrego meus seios em seu peito, ronronando. — Obrigada por me resgatar.

Seu pau balança atrás de mim, cutucando entre minhas bochechas. Ele está pronto para ir novamente. Eu me levanto e me empalo em seu pênis lentamente, observando sua mandíbula cair, sentindo seu comprimento ficar mais duro e mais grosso.

Eu balanço meus quadris, sentando-o mais fundo, me inclino para frente em minhas mãos, esfregando meus peitos sobre seu peito peludo. — Então, qual é o seu plano para mim agora, grandalhão?

Ele agarra meus quadris e começa a reger, me puxando para cima dele para montar em seu pau. Controlando o show.

— Esse era praticamente o meu plano. — Sua voz é grave. Eu gosto da maneira como sua respiração gagueja na expiração.

— Você vai me manter como sua escrava de amor? — Eu ronrono.

É claro que a ideia me excita - sou uma pequena safada que adora ser usada. Mas é apenas pensar nisso como uma cena excêntrica de curto prazo. Na verdade, este poderia ser o meu pior pesadelo. Ainda assim, não consigo reunir as reservas que deveria estar sentindo agora.

— Uh huh. Sem desrespeito, é claro. Isso vai funcionar para você?

Sento-me de cócoras e deixo que ele me balance sobre seu pau, meus seios balançando. — Por quanto tempo?

— Acho que você pode pagar sua dívida comigo, um ato sexual de cada vez. Bem assim.

OK. Então, ainda uma prisioneira. Apenas uma linha do tempo mais longa agora. Bom saber.

Eu corro minhas unhas pelo cabelo em seu peito. Raspo-os levemente em seus mamilos. — Qual é a taxa atual?

Ele empurra seus quadris para cima enquanto me puxa para baixo, me forçando a levá-lo profundamente. — Digamos quinhentos dólares por ato sexual. E vou até contar todas as vezes que você me tirou de folga na

semana passada, já que foi tão generoso de sua parte. Especialmente considerando que eu estava sacudindo você.

Minha boca se abre em um largo sorriso.

Ele não retribui a expressão, mas diz: — Gosto quando você sorri assim. Você é muito gostosa, Caitlin.

E então eu quero desesperadamente agradá-lo. Estendo a mão para trás e seguro suas bolas, esfrego sua próstata enquanto o monto.

Paolo rosna e nos vira, então eu fico por baixo e ele por cima. Ele se inclina em uma mão e acaricia dentro e fora, olhando para o meu rosto como se eu fosse a coisa mais fascinante que ele já viu.

Eu belisco seus mamilos. Ele prende minhas mãos ao lado da minha cabeça. — Não estou usando camisinha.

— Estou tomando pílula. — eu digo automaticamente. Claro que perdi algumas noites quando ele me sequestrou, mas eu as compensei e também posso compensar a pílula esquecida da noite passada.

— Bom, porque eu quero gozar dentro de você. — Ele não se preocupa com o meu orgasmo desta vez, o que eu acho meio quente. Como se eu fosse sua escrava amorosa agora, então meu prazer não é preocupação dele. Basicamente, isso apenas garante que eu goze tão forte quanto ele, talvez mais forte.

E então ele sorri. Isso transforma a expressão normalmente áspera em seu rosto.

Ele não faz nenhum comentário, apenas envia um sorriso afetuoso enquanto paira sobre mim, ainda enterrado profundamente.

Nós olhamos um para o outro como se nenhum dos dois tivesse certeza de como chegamos aqui, mas estamos felizes por isso.

E, apenas neste momento, quero esquecer tudo: a pós-graduação, a prisão, a morte do meu pai, o orfanato, cuidar do meu irmão. Quero esquecer que Paolo Tacone é um assassino poderoso para a máfia e apenas estar.

Apenas ficar com ele.

Pena que a vida é tão complicada.

PAOLO

Caitlin perde o sorriso assim que saímos da cama. Ela pega o telefone e sai - nua e faz quarenta graus lá fora - para fazer uma ligação. Eu a observo pela porta de correr, circulando a banheira de hidromassagem. Quando ela abre para espiar dentro, eu saio para puxar a tampa de volta. — Entre — murmuro, batendo em sua bunda.

Ela me lança um sorriso agradecido e entra, mas o tom da conversa que ela está tendo é tenso. — Escute, está tudo resolvido. Não precisa se preocupar com isso, ok? Não, as acusações foram retiradas, o dinheiro foi devolvido. Tudo fica bem quando termina bem.

Eu entro para dar a ela um pouco de privacidade. Provavelmente é o irmão dela. Quando verifiquei o telefone dela na primeira noite, esse foi o único número para o qual ela ligou por mais de um minuto.

Prometo aprender mais sobre a vida dela - família, história, tudo. Agora que decidi manter meu pequeno incêndio, quero saber tudo o que há para saber.

Pego uma toalha e deixo para ela. Quando ela volta, ela é uma Caitlin mais sã - um lado que eu não vi muito, mas sabia que deveria estar lá para ela estar onde está - a meio caminho de um doutorado em ciência da computação. — Eu deveria ser TA na minha primeira aula hoje. — diz ela, como se tudo estivesse perdido.

Não há como isso ser um problema, no entanto. Não quando o Dr. Alden é minha cadela agora.

Eu aponto para o telefone dela. — Ligue para o seu consultor. Diga a ele que você estará lá amanhã.

— Bem, seria na próxima terça-feira, mas... — Ela examina meu rosto.

— OK. — Ela disca e eu me aproximo para ouvir. Ela está enrolada em nada além de uma toalha, e mesmo que eu já a tenha tido duas vezes, ela ainda me excita.

Ela olha para mim de novo, como se quisesse se tranquilizar enquanto coloca o telefone no ouvido. — Oi, Dr. Alden? Sim, não sei se você viu as notícias ou não, mas...

— Eu vi. — diz ele com firmeza. — Você está ligando da prisão?

— Não, estou fora. As acusações foram retiradas. Foi tudo um grande mal-entendido. — Ela me lança outro olhar e eu aceno de forma tranquilizadora. — Então, perdi a aula de hoje, mas começo na terça, sem problemas.

— Sem problema, certo. — ele resmunga, mas então ele diz — Tudo bem. Certifique-se de fazer isso.

— Eu vou ter certeza. — diz ela.

Resisto à vontade de pegar o telefone da mão dela e dizer a ele que é melhor ele suavizar a porra do tom de voz quando falar com a minha garota, mas deixo para lá.

Caitlin desliga e cai em cima de mim, pressionando seu corpo contra o meu. Eu envolvo um braço em torno dela. Mas sua testa enrugua novamente. — Hum, eu preciso ir para casa. — Ela me lança um olhar suplicante. — Estou muito atrasada em meus trabalhos escolares e...

Eu levanto minha mão. — Não diga mais. Você não é minha prisioneira, boneca. Eu levo você de volta.

Estou irritado com o alívio dela, embora como diabos ela deveria saber que não é uma prisioneira desta vez? Eu sou o tipo de cara que propositadamente mantém as pessoas no escuro sobre onde elas estão e quais são minhas intenções.

Passei minha vida inteira escondendo o que é importante para mim por trás da violência e das ameaças. Eu nem sei como deixar outra pessoa entrar. Minha família, eles apenas me conhecem. A comunicação não é necessária.

Mas uma sensação formigante me diz que vou cair fora do alvo com Caitlin se eu não descobrir essa merda.

O problema é que nem sei por onde começar.

CAITLIN

Não tenho notícias de Paolo por alguns dias, o que é um alívio, porque tenho muito que pôr em dia e dar explicações sobre minhas aulas e trabalho no centro recreativo.

Isso não significa que não estou pensando nele a cada segundo do dia. Querendo saber quando ele vai aparecer.

Se ele vai estar sentado na minha sala quando eu chegar em casa. Ou se ele está me observando. Antes de o FBI me prender, tive a sensação de que estava sendo vigiada. Na hora imaginei que fossem eles, mas depois da coisa com o Dr. Alden comecei a me perguntar se era o Paolo.

E todo esse tempo, ouço o grito de alerta sobre toda essa situação. Eu literalmente fui para a cama com um assassino. Devo a ele duzentos mil, que estou pagando um boquete de cada vez.

As coisas podem ir para baixo em um instante.

Na terceira noite, chego em casa da aula de dança e cardio e descubro que meu apartamento está completamente vazio.

Eu estou na porta, meu coração batendo forte enquanto tento descobrir o que aconteceu.

Esta é uma mensagem de Paolo? Ele sentiu que eu não me disponibilizei então ele pegou todos os meus pertences? Ou o FBI voltou? Não, isso não faz sentido.

— Ei, boneca. — Paolo aparece atrás de mim, sua grande mão abrangendo a parte inferior das minhas costas. — Eu movi suas coisas. Vamos.

— Mudou para onde? — Eu digo fracamente. Ele pega minha bicicleta

das minhas mãos e a carrega escada abaixo na minha frente.

Do lado de fora, ele entrega a bicicleta para um jovem italiano com um Escalade vermelho brilhante na esquina. — Traga isso também. — diz ele para o cara.

— O que está acontecendo, Paolo?

Chegamos ao carro dele e ele abre a porta do passageiro para mim. — Entre.

Eu torço minhas mãos no carro. Ele me mudou para o lugar dele? É muito longe do campus e eu não dirijo. Viver lá seria o maior pé no saco. Além disso... estou com medo. Não sei o que significa ser consumida por Paolo Tacone.

A unidade não é longe, no entanto. A apenas um quilômetro e meio de distância, ele estaciona em um prédio de apartamentos de alto padrão recém-reformado, onde tenho certeza de que os apartamentos custam cinco vezes mais do que o meu.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Paolo novamente, mas ele ainda se recusa a responder. O cara com minha bicicleta aparece logo atrás de nós, Paolo a pega e entrega a ele um maço de dinheiro. — *Grazie*, Adam.

Sério, eu poderia ter vindo de bicicleta até aqui e ele poderia ter me dado aquele dinheiro.

— Vamos, pequena hacker. — Paolo carrega minha bicicleta e entramos no elevador até o sexto andar. Lá, ele destranca a porta de um apartamento.

É adorável. Pisos de madeira reluzentes. Janelas de sacada no lado da rua do apartamento. Um sofá de couro com duas poltronas reclináveis e uma cadeira combinando fica de frente para uma televisão de tela plana gigante. Há um belo tapete na frente dela.

Minha mesa e quadro de avisos estão contra uma parede, com meu equipamento de computador instalado.

— O que está acontecendo? — Eu tento de novo.

— Eu mudei você. Não gostei daquele outro lugar. Era um lixão e nem de longe seguro o suficiente para você. — Ele se aproxima e se esparrama no sofá caro. — O que você acha?

Ótimo. Eu tento apagar a carranca do meu rosto. Sim, ele tem o direito de me mover. Esse cara é meu dono.

Então eu deveria mostrar alguma gratidão. Credite outros \$ 500 da minha conta.

Eu ando e bato meus joelhos na frente dele, alcançando seu pau.

Ele pega meu pulso. — Espere, garotinha.

Eu olho para cima, verificando seu rosto em busca de pistas sobre o que ele quer. O que eu fiz de errado.

— Não é que eu não queira que você me dê um boquete. — Ele se inclina para frente e afasta um pouco do meu cabelo do meu rosto. — Eu sempre quero isso, boneca. Mas tenho a sensação de que você não gostou da minha surpresa. O que há?

Eu chupo minha bochecha em minha boca e considero o que dizer. — É definitivamente uma surpresa. — eu digo com cautela. — Mas o problema é que eu nunca poderia pagar um lugar como este sozinha. Então eu desisto da minha moradia estudantil barata - e tive que usar algumas habilidades sérias de hacker para garantir que ganhasse a loteria quando ela fosse aberta - e então o que acontece quando terminamos?

Paolo fica perfeitamente imóvel. Ele nunca mostra muito, mas posso dizer que o que quer que eu tenha dito o aborreceu. — O que você *quer dizer quando terminamos?*

E é aí que me ocorre - Paolo Tacono pode estar jogando para valer.

E não sei por que isso me assusta ainda mais do que nosso acordo atual.

Ele segura meu queixo e o levanta para examinar meu rosto. — Deixe-me perguntar uma coisa... você está acompanhando?

Acompanhando. Ele quer dizer quanto devo a ele.

Concordo com a cabeça, embora eu tenha certeza que isso vai irritá-lo.

Sim. Ele me solta abruptamente e se levanta, passando por cima de mim para caminhar até a janela. No reflexo, vejo-o esfregar a mão sobre sua sombra de barba e olhar para os carros abaixo.

Besteira.

Eu estou em cima da minha cabeça aqui. Não sei o que se passa na cabeça dele, nem se quero saber.

Mas eu entendo que apenas feri seus sentimentos.

Uma façanha que eu não acreditava ser possível até este momento.

Eu me aproximo e toco seu braço.

Ele o puxa para cima e eu me encolho, mas ele estava apenas se movendo para passar o braço em volta de mim. Eu relaxo e o deixo e ele me puxa para perto. — Você está com medo de mim. — Ele parece atordoado. Como se ele não tivesse considerado essa possibilidade. Acho que fiz um bom trabalho escondendo isso. Meu ato excessivamente familiar o sugou.

Não posso responder, porque não quero reconhecer o que é obviamente uma noção ofensiva para ele.

Ele me solta e balança a cabeça. — Você quer sair do nosso acordo?

Minha respiração fica parada. É uma pergunta simples. E considerando que tenho acompanhado, você pensaria que seria uma resposta fácil. Mas quando abro a boca não sai nada.

— Não. — eu finalmente resmungo.

Ele ergue as sobrancelhas como se não acreditasse em mim. — Não? Eu posso encontrar outra maneira de você me pagar de volta. Alguns anos trabalhando em TI no cassino quando você se formar. Você nem precisa me ver de novo. Você prefere isso?

Por que meu coração está partido com esse questionamento? Eu deveria estar pulando com a oferta. É muito mais seguro. Muito mais razoável.

Em vez disso, envolvo meus braços em torno de seu tronco grosso. — Eu não quero sair do acordo. Mas estou com medo.

Ele enfia os dedos na parte de trás do meu cabelo e embala minha cabeça. Ele inclina meu rosto para cima e encosta sua testa na minha. — Mas você gosta de ter medo, certo, pequena hacker?

Um leve sopro de riso deixa meus lábios. Mais uma vez, estou surpresa com a facilidade com que ele vê minhas peculiaridades. — Você me pegou.

Seu polegar se move atrás do meu pescoço, acariciando lá. — Pensei que nos entendíamos. — Seu olhar escuro queima meu rosto. — Eu estava errado?

Eu balanço minha cabeça. Porque minhas ansiedades fugiram. É ilógico e irreal, mas, nesses momentos, acredito entender Paolo Taccone perfeitamente. E acredito que ele me entende.

É quando estou longe dele que percebo que nada disso é seguro, são ou consensual. Nada disso faz sentido.

Ele passa o polegar sobre meu lábio inferior, então inclina minha cabeça e abaixa o dele para roçar seus lábios nos meus. — Vamos esclarecer isso de uma vez por todas. Eu jogo duro. Eu gosto de dizer que sou seu dono. Dar ordens pra você e lembrá-la do que você me deve. Mas tudo isso te deixa quente. Estou errado?

— Não.

— Você gosta de me ter como dono.

Eu hesito.

Seus olhos se estreitam enquanto ele me estuda. — O que estou perdendo?

— Nada. Não, você está certo. Mas o que acho atraente e o que acho inteligente ou seguro não são necessariamente as mesmas coisas.

Ele segura minha nuca. — Baby, eu nunca te machuquei.

— Você me sequestrou e manteve meu irmão como resgate.

Ele deixa cair a cabeça para o lado. — Bem, você mereceu. Você me roubou.

Uma risadinha escapa dos meus lábios. Este homem é possivelmente tão maluco quanto eu. — Verdadeiro. — Eu coloquei minhas mãos em seu peito e me aproximei. — Então, do que estamos realmente falando? Isso é mais do que um acordo comercial?

Ele me solta e esfrega a testa. — Você quer que seja?

Lancei meu olhar ao redor da sala como se a resposta para isso pudesse aparecer em algum lugar nas paredes recém-pintadas. — E-eu não sei. Quero dizer, nem sei o que traria para algo mais do que isso. Sou apenas uma hacker maluca que dá bons boquetes.

— Eu sei que você não é louca. — Ele me considera. — O que eu trago para a mesa além de algum dinheiro e uma raia de maldade? — Ele dá de ombros. — Talvez eu precise de alguém para machucar. Alguém para se submeter. Você gosta de dor. E sim, você dá uma grande merda de boquete. É uma combinação feita no céu.

Eu rio e sustento seu olhar enquanto me ajoelho. Suas narinas dilatam quando eu desafivelo seu cinto. Seu pau cresce assim que o toco, alongando e balançando quando sai de sua cueca. Eu dou uma lambida lenta e vagarosa ao redor da cabeça.

— Caitlin, isso não é uma transação para mim. — Sua voz está tensa, seja por causa do boquete ou da dificuldade em admitir qualquer coisa para mim, não sei dizer.

Eu o tomo profundamente em minha boca como uma resposta.

Mas ele persiste. — É para você?

Agarro a base de seu pau e aperto com força, saindo com a boca. Eu balanço minha cabeça. — Senti sua falta depois do sequestro.

Seus lábios se curvam e ele agarra a parte de trás da minha cabeça, alimentando seu comprimento em minha boca novamente. — Eu também senti sua falta, *bella*.

Luto contra seu domínio até que ele me liberte e eu me afasto. —

Então eu sou sua namorada? Você vai ver outras mulheres ao mesmo tempo?

Ele levanta as sobrancelhas, e a diversão em seu rosto me irrita. — Isso te incomodaria?

Eu me levanto. Boquete está oficialmente acabado. — Eu não brinco de garota amante. — eu retruco, me virando.

Ele pega meu braço e me puxa para um beijo brutal. Sua língua pressiona entre meus lábios, dentes mordiscam-me. Quando ele me solta e sobe para respirar, ele diz: — Ninguém mais. Tacones não fazem garotas amantes. Uma vez que decidimos sobre uma mulher, somos leais como o inferno.

Absorvo aquela pepita, fascinada por tudo o que ela traz à tona. Ele vem de uma família de homens violentos, mas leais. Isso é quente de uma forma crua e primitiva.

Para meu choque total, ele cai de joelhos e puxa para baixo minhas calças de ioga. Sua língua mergulha entre minhas pernas e eu grito, agarrando seu cabelo. Ele esfrega e passa a língua sobre todas as minhas partes sensíveis até que estou tentando subir em seu rosto.

— Tire a roupa. — ele ordena quando começo a puxar seu cabelo. — Vá verificar sua nova cama.

Eu rio e tiro meus sapatos e calças e corro para o quarto. É outro quarto grande e adorável com uma enorme cama king-size com dossel no meio. Eu agarro um dos postes e viro para encará-lo, onde ele está atrás de mim como o predador que ele é. — Isso é para me amarrar?

— Você sabe. — Ele dá um tapa na minha bunda nua. — Por que você ainda está vestida?

Tiro meu suéter, cropped e sutiã esportivo e subo na cama. — Nas suas costas. Abra suas pernas. — Por um momento, ele apenas se farta de olhar, seus olhos escuros brilhando com promessas. Então ele tira vários pedaços de corda macia do bolso - ele deve ter planejado minha escravidão com antecedência - e me amarra de braços abertos aos postes. Prazer corre em minhas veias antes mesmo de ele me tocar e quando ele volta a explorar

minha boceta com essa língua, já estou meio perdida.

Três orgasmos depois, estou tremendo e implorando para ele parar.

— Não mais. Por favor, Paolo. Eu não aguento mais. Deixe-me chupar seu pau.

Ele dá uma risada cruel. — Da próxima vez vou amarrar você com a cabeça voltada para o pé da cama e depois foder sua boca. Você gostaria disso, não é, pequena escrava?

— Mmm hum. — Estou delirando neste momento. Mas ele está certo, eu adoraria isso.

Ele me desamarra e sobe em cima de mim. Envolver minhas pernas em suas costas quando ele entra em mim e uso meus calcanhares para puxá-lo mais fundo.

Ele balança em mim, embora eu já esteja exausta com todos os orgasmos, meu corpo estremece e celebra a penetração.

— Gosto do apartamento. — confesso. Tento me concentrar no que está ao meu redor. — Eu também gosto da cama. — Ele rola meus joelhos para trás em direção aos meus ombros e bombeia em mim rapidamente. Então ele muda para colocar meus tornozelos sobre seus ombros. Finalmente, ele me vira de barriga para baixo e termina de me foder por trás.

— Eu não consigo me mexer. — eu gemo depois que ele goza, porque meu corpo está mole como uma boneca de pano.

Paolo se senta na cama e me puxa de braços sobre seu colo. Ele me bate forte e rápido, o que instantaneamente me acorda. — Ai! — Estendo a mão para trás para cobrir minha bunda.

Ele agarra meu pulso e o dobra nas minhas costas, continuando a me espancar. — Já vi você ficar bem pior.

— Não depois de tantos orgasmos! — Eu protesto. — Estou muito mais sensível agora.

— Isso está certo? Não sabia disso.

— Sim! É um fato. — Eu tento cobrir com a outra mão, apertando minhas nádegas juntas e chutando meus pés com as pernas retas como um nadador. — O que eu fiz, afinal?

— Você não precisa fazer nada para levar uma surra, garotinha. Às vezes, sinto vontade de distribuir a dor.

Eu sorrio. Porque, apesar dos meus protestos, isso é uma felicidade total para mim. Ele é definitivamente um homem que fala a minha língua. — Ainda bem que funciona para mim.

— Coisa boa.

Esse homem é o sonho de toda masoquista, mas de jeito nenhum vou apontá-lo para a cena BDSM para descobrir que há um monte de submissas como eu que ofereceriam seus corpos de bom grado a esse perfeito e rico dominante.

— Eu não posso acreditar que uma garota não tenha se agarrado a você para ser sugar daddy antes.

Ele me dá dois tapas na bunda - uma palmada em cada nádega. — É isso que eu sou agora?

Eu rio. — Bem, você acabou de me dar um novo apartamento.

Ele envolve a mão no meu cabelo e a usa para curvar minhas costas e levantar meu rosto. — Fico feliz em estragar tudo, boneca, se é isso que você gosta.

Eu me molho, mesmo não sendo do tipo que fica louca por dinheiro. Tenho ganhado muito pouco desde que fui emancipada aos dezesseis anos. Mas acabamos de dizer que isso não é transacional.

— Estou aqui apenas pelo sexo. — eu digo com um sorriso atrevido. — E porque você me possui.

Ele dá um tapa na parte de trás das minhas coxas, o que me faz chutar de verdade. — Eu possuo você. E vou tirar todas as vantagens disso. — Ele arrasta o polegar entre minhas nádegas e eu aperto ainda mais forte.

— O que acontece se terminarmos?

— O quê? — Ele me puxa para sentar em seu colo e afasta o cabelo do meu rosto.

— Com o dinheiro? O arranjo? O que acontece depois?

— Então fazemos um novo arranjo.

Ainda tenho todos os tipos de bandeiras amarelas, se não vermelhas. Meu melhor julgamento ainda acha que eu deveria estar correndo para as colinas agora. — Você já bateu em uma mulher? — Eu tenho que saber se esse cara ficaria violento comigo. Como se ele ficasse com ciúmes ou se tivéssemos brigado.

— O quê? — Suas sobrancelhas se fecham, as narinas se abrem.

Eu realmente o ofendi.

— Nunca. — Ele balança a cabeça enfaticamente. — Eu nunca bateria em uma mulher. Por nenhum motivo, exceto aquele que você já conhece. — Ele aperta minha bunda para deixar claro qual é.

Prendo a respiração. A Louca Caitlin quer resolver tudo isso e deixar isso claro. — Você já matou uma mulher?

— Não. Mas eu não respondo a perguntas como essa, Caitlin. Nunca mais me pergunte sobre nada ilegal. Não vou responder, para sua própria proteção. *Capiche?*

Um arrepio percorre minha espinha, mas longe de me assustar, estou apenas mais excitada. Meus mamilos endurecem. Eu nem sei por que isso me excita. Ele é perigoso, mas tem um código pelo qual vive. Ele não machuca mulheres. Ele não fala sobre o que fez.

É muito diferente da maneira como meu pai se gabava sem parar das pequenas operações das quais fazia parte.

Eu inicio o beijo desta vez e ele me deixa conduzir, os dedos apertando minhas costas.

— Me desculpe por ter te ofendido antes. — eu digo.

Ele balança a cabeça. — Não fiquei ofendido. — Mas eu sei que não é verdade. E agora que vi um pouco do homem por baixo do cara durão, me

sinto mais confortável com nosso acordo.

Relacionamento.

Por ser sua namorada.

Eu ainda estou nervosa. Ainda tenho ressalvas, a principal delas ainda girando em torno da morte do meu pai. Tipo - um de seus irmãos fez isso? Um de seus soldados? Ele já me disse que não vai contar se descobrir. Posso realmente abrir meu coração para um relacionamento real com um homem cuja família é responsável pela destruição da minha?

É um obstáculo difícil de superar.

Mas eu posso tentar.

CAPÍTULO NOVE

PAOLO

— Pegue isso! — Caitlin pula nua na cama, jogando travesseiros em mim. Quando ela fica sem mísseis, eu a jogo no colchão e dou uma surra em sua bunda.

Já se passaram duas semanas desde que entramos em nosso acordo. Não sou o tipo de cara que realmente considera a felicidade, mas acho que a encontrei. Eu divido meu tempo entre o apartamento de Caitlin e minha casa, tentando deixar tempo suficiente para ela estudar e dar aulas e claro, malhar, porque essas são as coisas que ela gosta.

E no resto do tempo faço o possível para mimá-la com comida, sexo, experiências. Eu mantenho a carteira dela cheia de dinheiro, não que ela gaste muito.

— É fim de semana, o que devemos fazer? — Eu pergunto, mordendo seu ombro. — Você tem muito trabalho?

— Sempre tenho trabalho, mas vamos fazer alguma coisa. Vamos... — Ela engasga. — Eu sei!

Eu a rolo para que eu possa ver seu rosto. — O quê?

A incerteza pisca lá. — Hum, você quer ir para Las Vegas?

Eu deslizo meus dedos entre sua boceta molhada. — Você?

Ela aperta suas coxas em volta da minha mão. — Bem. — diz ela sem fôlego. — Eu nunca estive. E ouvi dizer que há um cassino realmente ótimo lá.

— Sim, mas ouvi dizer que eles têm uma segurança cibernética de merda. — Eu levanto minhas sobancelhas.

Ela mexe os quadris quando afundo um dedo em seu calor úmido. — Oh, eu acho que foi reforçada. Mas hum... você acha que eles vão me deixar entrar?

Eu zombo. — É o meu lugar, boneca. Ninguém vai te jogar fora. Vamos.

— Realmente? — Ela sai da cama e sai do meu alcance, já correndo para o armário para tirar uma mala roxa ridícula. — Eu nunca estive antes. Eu sempre quis ir. Estou tão animada!

Eu sorrio. O calor no meu peito é uma sensação nova. Tudo isso é. Sua excitação. Sua receptividade. Sua risada. Eu nunca tive nada assim antes e é muito bom. Eu consigo ver todas as partes de Caitlin agora - a louca, a divertida, a séria, a trabalhadora. E eu me encanto com todos eles.

Quanto mais segura ela se sente comigo, mais sua loucura se transforma em entusiasmo e alegria infantis.

Sento-me e observo-a fazer as malas enquanto ela me bombardeia com perguntas sobre o que vai precisar. — Roupa de banho?

Eu concordo. — Três piscinas. Tudo quentinho.

— Roupas chiques? Roupas sensuais?

— Qualquer coisa serve. O que seria divertido para você, pequena hacker?

— Que tal agora? — Ela segura um vestido vermelho brilhante com faixas de tecido vermelho transparente na barriga, decote e braços.

— Perfeito. Sexy sempre voa em Las Vegas.

Pego o telefone e encontro o próximo voo de primeira classe saindo de Chicago.

Duas horas depois, estamos no ar.

Caitlin está praticamente quicando em seu assento, seus dedos entrelaçados com os meus. Ela se inclina e passa a língua no meu ouvido. — Você se juntou ao clube da milha alta⁴?

— Você quer?

Ela acena com a cabeça. Eu não vou dizer a ela que eu já fiz - com alguma stripper em um jato de festa uma vez - não quando ela está tão animada. Eu olho ao nosso redor, então nos banheiros.

— Eu te direi uma coisa. Vou reservar um jato particular para o voo de volta. Nós dois nunca caberemos nesses banheiros e não vou deixar ninguém ver você fazendo nada aqui.

— Um jato particular? Você está falando sério?

Eu belisco seu queixo e puxo seu rosto para um beijo. — Se você for uma boa menina.

— Eu vou ser boa. — ela ronrona. — Ou uma garota má. O que você quiser.

— Eu quero você de todas as maneiras. — digo a ela.

CAITLIN

Nunca estive de férias, exceto nas viagens de verão para a cabana de nossos avós. Trevor e eu costumávamos passar o dia lá em cima andando de barco no lago, brincando na floresta, pegando sapos e peixes.

Quando meu pai morreu, a cabana passou para nós, mas não íamos muito lá. É difícil quando nenhum de nós tem carteira de motorista para chegar lá.

Mas Vegas é tudo que eu imaginei. Luzes brilhantes, pessoas em todos os lugares. Algo interessante de se olhar em todas as direções.

O Bellissimo é incrível. Um porteiro sai correndo para abrir a porta da limusine quando chegamos. Ele pega minha mão e me ajuda a sair do carro.

— Bem-vindo, Sr. Taccone. — diz ele, inclinando a cabeça quando Paolo sai. — Vou levar suas malas até sua suíte. — Ele entrega a ele um envelope com a chave do quarto.

Paolo pega a chave e coloca a mão na parte inferior das minhas costas, guiando-me até o saguão. O Bellissimo em si é menor do que muitos dos

outros cassinos da região - mais como uma boutique, que é o que o torna tão popular. É luxuoso e elegante por dentro, com mármore italiano por toda parte e uma ponte de arco-íris de flores reais. Meus olhos provavelmente estão arregalados como pires quando entramos.

Ocorre-me que devo agir como uma adulta - como se não estivesse tão impressionada e viajasse o tempo todo. Mas com Paolo, não preciso. Eu posso ser a Louca Caitlin, ele me acha uma gracinha sem me subestimar.

Então eu a deixei correr e explorar.

Nosso quarto fica bem no topo - no 26º andar e é maior do que todo o meu apartamento. É uma suíte com sala e cozinha e o banheiro mais luxuoso que já vi. Há uma banheira de hidromassagem gigante e um box amplo com dois chuveiros.

— O último a tomar banho é um ovo podre! — Eu grito, tirando minhas roupas.

Paolo se junta a mim, sem pressa, sem correr. Apenas seu jeito firme, sólido e imponente de sempre. Ele enche o chuveiro gigante e imediatamente parece mais com um tamanho normal.

Eu caio de joelhos e dou a ele o meu melhor boquete de agradecimento. Ele segura minha cabeça, mas seu toque é gentil, ele está massageando meu couro cabeludo enquanto me puxa sobre seu pau. — Caitlin...

Eu tento olhar para cima através do spray de água e ele move as costas para impedir que bata no meu rosto.

— Você é linda, boneca. Você dá o melhor boquete. — Ele já está perdendo o controle. — Você vai me engolir como uma boa menina?

Concordo com a cabeça e massageio suas bolas, que estão apertadas, prontas para liberar. Ele goza e me puxa para ficar de pé. Beija-me com tanta força que perco o fôlego. É um beijo violento e reivindicativo e faz meus joelhos fraquejarem. Quando ele solta meu rosto e acaricia meu clitóris, eu estremeço, oscilando à beira de um orgasmo.

— Não goze. — ele murmura.

Eu faço beicinho. — A negação do orgasmo é má.

Suas sobrancelhas se levantam. — Isso é uma coisa? Claro que isso é uma coisa.

Droga! Eu sou um idiota por dizer a ele.

— Você definitivamente vai ter que esperar, então. — Ele tira os dedos da minha boceta e eu quase choro.

— Não, não, não, não. — eu imploro — Não me faça esperar. Eu vou ficar louca.

Eu vejo o sádico em seu sorriso. — Bom. — Ele me dá um tapa na bunda. — Agora vá se preparar, para que eu possa mostrar a você.

Eu saio do chuveiro e enrolo um dos roupões elegantes em volta de mim para ir para o quarto. Meu corpo está pegando fogo por causa da borda e eu pulo para cima e para baixo para liberar um pouco de energia.

Talvez isso seja tudo que eu preciso fazer para ter certeza de nunca mais me desassociar. Apenas me limitei pela manhã com uma vibração como medida preventiva. Eu sorrio com a ideia.

Uma batida soa na porta. Paolo ainda está no chuveiro, então vou atender a porta.

Uma versão mais jovem de Paolo está lá. Ele é incrivelmente bonito e sua aura é suave, jovial e sofisticada, enquanto a de Paolo é robusta e dura.

Suas sobrancelhas se erguem quando ele me vê. — Oh. Não sabia que Paolo tinha uma convidada.

Oh droga. E eu sou a garota que roubou cento e cinquenta mil da família dele. Espero que ele seja tão indulgente quanto Paolo.

Estendo a mão, ainda úmida da água. — Olá, sou Caitlin. — Eu pareço excessivamente brilhante. A Louca Caitlin está aparecendo e eu não quero que ela apareça. Eu quero ser normal. Simpática.

No banheiro, o chuveiro desliga. Rezo para que Paolo venha aqui e conserte isso antes que eu seja jogada no Lago Mead.

— Espere... Caitlin West? — sua voz goteja descrença. Ou choque.

Merda.

Paolo disse que eu não seria expulsa, mas não tenho certeza se o irmão dele está na mesma página.

— Uma maldita palavra e eu vou quebrar sua cara. — Paolo rosna da porta do quarto. Ele está vestindo nada além de uma toalha enrolada na cintura e não poderia ser mais óbvio que acabamos de tomar banho juntos.

Seu irmão desvia o olhar de Paolo para mim e vice-versa, com uma expressão cada vez mais interessada. Ele se encosta na porta. — *Entendo*.

— Estou falando sério. — Paolo segue em frente.

— Eu não vou dizer nada. — diz seu irmão suavemente, levantando as mãos em sinal de rendição. — Mas para referência futura, basta um pouco de comunicação, P. Envie um texto rápido - *a hacker é minha garota agora, trate-a com respeito* - isso é tudo.

— Foda-se, *stronzo*.

— Sim, foda-se você também. — diz ele, mas seu tom é bem-humorado e os dois homens apertam as mãos e se cumprimentam. — Eu te abraçaria, mas parece que você está um pouco molhado. — Ele estende a mão para mim. — Eu sou Stefano. Irmão de Paolo.

— Meu irmãozinho. — diz Paolo.

— Prazer em te conhecer. — Eu aperto sua mão.

— Aproveite seu tempo no Bellissimo. — Ele tira uma ficha de pôquer Bellissimo do bolso e a entrega para mim. Meus olhos se arregalam quando vejo que tem \$ 500 impressos no meio. Talvez ele não guarde rancor.

Para Paolo, ele diz: — Acho que você não tem tempo para um jantar em família?

Paolo lança um olhar para mim. — Não, isso seria bom, na verdade. Preciso falar com você, Nico e Vlad.

Um arrepio percorre minha espinha. É claramente algo que não

consigo ouvir. É sobre mim? Não, estou ficando paranoica de novo. Nada vai acontecer.

Stefano inclina a cabeça como se estivesse surpreso, mas pega o telefone. — Vou mandar uma mensagem para Alessia para configurar. Essa noite? Amanhã?

— Amanhã. *Grazie*, Stefano. — Ele diz mais alguma coisa em italiano que não entendo e Stefano fecha a porta.

— Você está bem? Ele te ofendeu?

Eu seguro a ficha de quinhentos dólares. — Acho que estamos bem.

A expressão de Paolo se torna indulgente. — Você pode jogar para o deleite do seu pequeno coração, boneca. Nós cuidamos de você.

Quero chupá-lo de novo, mas a ansiedade me deixa excitada, além disso, mal posso esperar para descer e ver o cassino, então corro para colocar meu vestido vermelho e secar o cabelo.

Duas horas e três coquetéis exclusivos depois, estou bêbada pra caramba e com mil e seiscentos dólares. Meu cérebro de codificação está em toda a roleta. Existem regras fáceis para ganhar com ele. Aposto vermelho - para o vestido da sorte - sempre. Se eu perder, dobro a aposta na próxima vez. A única maneira de o método não funcionar é se você ficar sem dinheiro antes de recuperá-lo. Felizmente, isso não aconteceu. Não tenho certeza se Paolo deixaria isso acontecer. Ele fica atrás de mim brincando de papaizinho. Protegendo-me, pedindo-me bebidas, fazendo pequenos rumores de aprovação toda vez.

A garçonete se aproxima e me entrega outro drinque, mas Paolo o pega da minha mão.

Eu me viro para passar a ponta do dedo sobre seu belo paletó italiano. — Estou cortada, grandalhão? — Eu posso estar enrolando um pouco.

— Vamos colocar um pouco de comida em você primeiro, boneca.

— Oh, sim. Acho que pulamos o jantar. — Eu também posso estar

balançando um pouco. É uma boa decisão da parte dele, porque agora que ele menciona o jantar, percebo que estou ficando um pouco enjoada, o que é incomum para mim.

Paolo pede ao crupiê que troque minhas fichas e ele as enfia no bolso.
— Vou guardá-los para você, a menos que você queira segurá-los?

— Não, você pode. Eu sou rica. — Eu sorrio para ele.

Nós nos viramos para sair, mas fomos bloqueados por uma ruiva alta e linda de salto alto. — Paolo, que bom ver você. — Ela se inclina e eles trocam beijos nas bochechas de ambos os lados. Ela é legal e sofisticada. Não excessivamente ansiosa. Definitivamente confiante.

Eu a odeio instantaneamente até que Paolo diz: — Caitlin, esta é Corey, minha cunhada - a esposa de Stefano.

Eu relaxo em um sorriso e aperto sua mão. Ela parece ter a minha idade, talvez sejamos amigas. Mesmo bêbada, percebo que pensamento maluco é esse. Estou realmente me inserindo na vida de Paolo? Como se eu realmente estivesse vendo coisas de longo prazo com ele?

Eu acho que estou.

— Oh, oi. Eu conheci seu marido mais cedo. Prazer em conhecê-la.

— O mesmo. Você está se divertindo? Parece que você sabe jogar muito bem na mesa de roleta.

— Corey costumava trabalhar como crupiê aqui até Stefano arrebatá-la. Ela também é uma campeã de pôquer. — diz Paolo.

Corey levanta as sobrancelhas em surpresa e aponta o polegar para ele. — Eu nunca o ouvi tão falante antes. Quem sabia?

Eu sorrio, porque ela está certa, ele economiza palavras e tenho a sensação de que ele as está usando agora para me deixar à vontade. Fico na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha. — Ele guarda suas palavras para quando eu precisar delas. — Espero que ela não perceba como estou bêbada.

Corey divide um olhar entre nós e sorri. — Estou feliz que você veio,

Caitlin. — Ela parece realmente querer dizer isso.

— Nós vamos pegar um pouco de comida. — Paolo diz a ela. — Até amanhã com certeza.

Enquanto Paolo me leva embora, eu digo: — Ainda bem que ela é casada. Achei que ia ter que dar um soco na garganta dela por um minuto.

Paolo para e me puxa para seus braços, diversão e carinho dançando em seu rosto normalmente inexpressivo. — Eu disse a você, pequena hacker. Eu não trapaceio.

Eu pisco para ele. Estou desmaiada, mas também estou bêbada. Eu quero resolver tudo agora. Todos os pensamentos malucos girando em meu cérebro sobre por que eu não deveria estar com ele. Bem aqui no andar do cassino. Na frente de todos. — E se eu trapacear?

Suas sobrancelhas se fecham. — Você está brincando comigo?

Claramente a coisa errada a se perguntar.

Mas eu quero saber. Ele diz que não vai me machucar, mas é um homem perigoso. O que acontece se eu cruzar uma linha? Quais são essas linhas?

— Eu não vou - eu também não. — asseguro-lhe rapidamente. Eu agarro seu braço. — Eu prometo. É só...

— O quê? — Ele ainda está chateado. Isso não deveria me excitar. Estou conectado tão errado.

Como estou bêbada, dou um leve tapa em seu peito. — Você me sequestrou e ameaçou a vida do meu irmão! Eu só preciso saber o que acontece se eu te irritar.

A raiva se espalha pela expressão de Paolo e ele dá um passo para trás e esfrega a mão no rosto. Então ele balança a cabeça. — Chega disso. — diz ele.

Eu balanço minha cabeça. Já estou ficando enjoada. — Você não pode me dizer mais nada.

Claro que pode. Ele acabou de fazer. E é exatamente esse o ponto que

estou testando aqui. Estou com um homem perigoso e controlador.

Ele joga as mãos para o ar daquela maneira distintamente italiana. — O que você quer de mim?

— E se eu fugisse?

— Você vai correr?

— Não, mas e se eu fizesse? Qual é a linha?

A exasperação dança em seu rosto e ele estreita os olhos, mas posso dizer que ele está pensando em sua resposta. — Ok, onde está a linha? — Ele pega meu queixo e o levanta para aproximar nossos rostos. — Se são negócios, vou lidar com você de maneira profissional. Você rouba do cassino, ameaça minha família, fala com os federais, terminamos e tiramos as luvas. Se for pessoal, não sou idiota. Você quebra meu coração, não há retribuição. Isso é claro o suficiente para você?

Ele está irritado comigo, mas estou muito tonta com suas palavras.

Você quebra meu coração...

Isso implica que ele tem um coração para partir. E que ele me deu.

Isso pode ser possível?

Eu sorrio para ele. — Sim. Obrigada.

Ele franze a testa. — Sim? Eu disse a coisa certa? Não tenho certeza de como isso é possível. Garotinha, você nunca balança do jeito que eu acho que você vai.

Meu sorriso fica mais largo. — E é por isso que você me ama. — eu canto.

Seus lábios se curvam lentamente. — Você tem sorte de ser tão fofa. — Ele me joga por cima do ombro e me carrega através da multidão de estranhos até chegarmos a um dos restaurantes do cassino. Lá ele me coloca no chão com cuidado e ajeita minhas roupas.

— Mesa para dois, Sr. Tacone? — a anfitriã gorjeia.

Ele concorda. Quando ela se afasta, ele diz: — Pare de planejar o fim,

Caitlin. — Sua voz é áspera, mas percebo um traço de vulnerabilidade em sua expressão e de repente me arrependo de todas as minhas dúvidas.

E ele está certo. Ainda estou planejando o fim porque é tudo que conheço nos relacionamentos.

Eu passo para ele e acaricio seu pescoço. Beijo a pele acima de seu colarinho.

Ele embala minha cabeça com as duas mãos. — Gosto *muito* de você, Caitlin.

Eu sorrio para ele. — Isso é o mesmo que amor?

Ele não se mexe. Tenho a sensação de que ele nunca disse isso antes.

Nem eu, exceto para meu irmão.

Ele se inclina e move seus lábios nos meus. — Eu acho que é. — ele murmura.

Fogos de artifício explodem no meu peito, na minha barriga, na parte de trás dos meus joelhos - em todos os lugares.

Ele me ama. Eu não digo de volta. Não porque não seja verdade, apenas porque... ainda sinto que devo me proteger.

Este homem é meu dono. Eu dou a ele meu corpo, mas ainda não tenho certeza sobre minha alma. Eu especialmente não tenho certeza sobre o meu coração.

Ele controla tanto. Talvez eu só precise de uma coisa que ainda posso esconder dele.

CAPÍTULO DEZ

PAOLO

Pegamos uma limusine do Bellissimo para a mansão de Alessia e Vlad em Summerland North, o bairro mais rico de Las Vegas. Eu normalmente prefiro dirigir sozinho e teria acabado de pegar um dos carros caros de Nico na garagem particular, mas quero dar a Caitlin todas as experiências. Tratamento de spa. Serviço de quarto. Tirolesa entre os telhados. Montanhas-russas. Ela amou todos eles. Ela bebeu demais ontem à noite e estava enjoada esta manhã, mas se animou logo depois de pedir tudo no menu do serviço de quarto.

Tudo é novo para ela e ela não fica na defensiva ao receber nada disso. Ela não tenta fingir que não é excitante, ou que ela não quer. Ela recebe tudo com esse entusiasmo louco e infantil que mantém meu pau duro e meu peito quente.

Depois do jantar ontem à noite, vimos um de nossos soldados, Tony, escoltando sua garota Pepper Heart nos bastidores antes de sua apresentação. Caitlin enlouqueceu quando viu a cantora e ficou maravilhada quando chamei Tony para uma apresentação. Ela tirou pelo menos uma dúzia de selfies com Pepper, que foi tão doce quanto torta sobre isso.

Eu quis dizer isso quando disse que a amava ontem à noite. Eu nem me senti vulnerável ao dizer isso, embora ela não tenha respondido.

Nunca me sinto fraco com ela.

Eu sei que temos um longo caminho a percorrer. Não sou estúpido o suficiente para pensar que um bom sexo é suficiente para fazer um relacionamento funcionar, e também sei que a novidade do dinheiro e do poder passará.

Agora, ela está em silêncio, no entanto. Sem pular ou olhar pelas janelas para tudo.

— Ei. — eu digo. — E aí?

Ela olha para mim, mas seus olhos estão vazios, como se ela estivesse

longe. Ela balança a cabeça. Isso faz parte dela - é por isso que ela acredita que é louca. Por que ela recorre à dor e ao prazer para se sentir viva. O que a fez morrer?

— Você tem a mesma aparência que tinha depois de passar a noite na prisão. Você está nervosa por conhecer minha família?

Ela assente, ainda distante.

Estendo a mão, desabotoando o cinto de segurança e a puxo para o meu colo. — O que você precisa? — Eu deslizo meus dedos entre suas pernas. Ela está em um minivestido com nada além de um pedaço de tecido sobre sua boceta. Eu acaricio suavemente e sua cabeça cai para trás no meu ombro.

— Isso.

— Sim? — Eu mordo sua orelha. — Você precisa de dor, também? Ou apenas prazer?

— Qualquer coisa. Isso ajuda a me trazer de volta ao meu corpo.

Eu quero perguntar mais a ela. Estou chateado comigo mesmo por não descobrir tudo o que há para saber sobre ela e suas peculiaridades antes de expô-la a situações que a fazem desistir.

Eu deslizo sob a calcinha e acaricio levemente até que ela fique molhada. Quando ela o faz, eu aumento a pressão, espalhando seus sucos até o clitóris e brincando com o piercing.

— Você sabe que não vou deixar ninguém te maltratar, certo? Estes são meus irmãos mais novos. Eles nunca iriam foder comigo.

Ela não responde, mas ela está balançando seus quadris sobre meu pau endurecido, sua boceta chorando por mais.

— Caitlin? — Eu pergunto quando ela não responde. Deslizo meus dedos para fora de sua calcinha e dou um tapa em sua boceta.

Ela geme sua apreciação.

E então isso me atinge. Mesmo que eu esteja indo lá hoje para perguntar pessoalmente aos meus irmãos sobre o pai dela, não tinha me

ocorrido que ela estaria se perguntando se eles fizeram isso.

Eu bato em sua boceta novamente, uma dúzia de tapas leves e rápidos. — Eles não mataram seu pai, Caitlin. Eles estavam aqui em Vegas na época. *Lo prometo*. — eu prometo.

Ela choraminga e suas costas se contraem como se ela estivesse segurando um soluço.

Porra. Eu sou um idiota insensível por não perceber que é por isso que ela estava saindo.

Claro que seria demais para alguém lidar - ir conhecer a família de seu namorado quando eles poderiam ter matado seu pai? Sua lealdade entre seu pai e eu deve estar destruindo-a por dentro.

Digo mais do que jamais pretendi dizer a ela. — Eu realmente não acho que fomos nós, boneca. Ele também estava trabalhando com os russos. Eu vou seguir lá. Mas também não era meu cunhado. Ele estava morando na Rússia na época.

Ela se vira e joga os braços em volta do meu pescoço e enterra a cabeça no meu ombro. Seu corpo inteiro treme. Ela está prendendo a respiração.

— Você pode chorar se precisar, garotinha. Ou posso te foder às cegas. O que diabos você quiser.

Suas lágrimas molharam meu pescoço, mas ela sussurra: — Vou ficar com a segunda opção. — e tira a calcinha.

— De joelhos. — eu ordeno. — Curve-se no assento. — Há muito espaço para eu bater nela por trás, e acho que é assim que ela quer.

A julgar pela rapidez com que ela se posiciona, eu diria que acertei.

Abro o zíper e fico de joelhos atrás dela, segurando seu torso para baixo, embora ela não esteja resistindo.

Eu esfrego a cabeça do meu pau sobre sua entrada e então deslizo para dentro, o arrepio de prazer é imediato. Não temos muito tempo, então faço valer a pena. Eu a seguro pela nuca e bombeio dentro dela.

— Oh Deus, sim. — ela geme.

Ela me faz tão bem, mas isso não é para mim. Eu preciso fazê-la gozar. Dê a ela o que ela precisa. Enfio como uma britadeira nela, tornando-a dura e áspera. Ela arqueia as costas para me levar mais fundo, levanta a cabeça do assento.

Eu coloco minha mão sobre sua boca e tampo seu nariz com meu polegar.

Ela estremece de surpresa e luta. Eu a deixei respirar novamente. — Eu não quero deixar marcas no seu pescoço, *bella*, então você vai prender a respiração até gozar. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Boa menina. — Eu continuo a fodendo com força e bloqueando suas passagens de ar novamente. Desta vez ela está pronta. Ela não resiste a princípio. Então ela luta. Eu a deixei respirar novamente.

— Desta vez. — digo a ela com firmeza. — Dessa vez você vem, *capiche?*

— Ok, sim. Por favor.

Eu rio do, *por favor*. Tão fofa. Eu cubro sua boca e nariz novamente. Eu disse a ela como está indo para baixo, e aparentemente minhas bolas também estão a bordo, porque elas se contraem, flashes de calor na base da minha coluna. Eu fecho minha boca em um grito e me enterro profundamente nela para gozar, puxando seu torso para fora do assento e de volta contra o meu peito.

Ela solta um grito contra a minha mão e então ela goza. Violentamente. Seu corpo estremece e se contrai. Sua boceta aperta e solta.

Eu não quero que isso acabe. Definitivamente não quero sair da limusine. Mas está parada. O motorista está sendo legal porque eu disse a ele que cuidaria dele se ele cuidasse de mim.

— Você está bem, boneca? — Separei meus dedos para que ela pudesse respirar, mas eles ainda estão presos sobre sua boca. Eu os tiro agora e viro seu queixo para ver seus olhos.

Eles estão cientes.

— Sim. — Ela está de volta.

Eu retiro e limpo nós dois com alguns dos guardanapos fornecidos. Antes de deixá-la levantar, eu bato em sua bunda até que ela fique com um lindo tom de rosa.

— Você conseguiu o que precisava? — Eu pergunto.

Quando a deixo levantar e vejo seu rosto, ele se transforma. Há cor em suas bochechas. Luz atrás dos olhos. Ela sorri aquele sorriso largo para mim.

— Estou muito melhor, obrigada.

Eu agarro os lados de seu rosto e a beijo. — Eu vou cuidar de você, boneca. Toda vez. Você só tem que me deixar.

Ela acena com a cabeça. — Eu quero.

Eu quero.

É diferente do que *eu vou*.

Mas vai ter que servir por enquanto.

CAITLIN

Eu me sinto um milhão de vezes melhor enquanto caminhamos para a porta da extensa propriedade. Minha bunda está quente e formigando, meu clitóris ainda pulsa do orgasmo e todos os produtos químicos de bem-estar estão bombeando em minhas veias.

Estou pronta para me casar com Paolo na hora por saber o que eu precisava.

Bem, eu confiaria se soubesse como confiar nas pessoas, o que não sei. Estou percebendo que, mesmo que a família Taccone não tenha nada a ver com a morte do meu pai, tenho medo de me aproximar de Paolo. Deixar qualquer um entrar. Já estou tão quebrada que não acredito, que possa confiar em ninguém além de mim. Não quero cometer o erro de acreditar

que posso apenas para que não dê certo.

A mulher que atende a porta parece ainda mais jovem do que eu. — Ei pessoal. — Ela tem uma menina loira rechonchuda no quadril e levanta a criança mais alto antes de se inclinar para a frente e dar beijos duplos na bochecha de Paolo.

— Esta é Caitlin, minha garota. Seja legal com ela.

— Quando eu não sou legal? — A mulher zomba e me puxa para um abraço de um braço só. — É muito bom conhecê-la. Eu sou Alessia, a irmãzinha. Entre.

Eu fico nervosa de novo por dentro. A gigantesca sala de estar está repleta da família Taccone e todos param e olham para nós com interesse.

— Este é Vlad, meu marido. — Alessia diz, quando um homem tatuado em mangas de camisa se aproxima e pega o bebê dela. — E o bebê é Lara. Nosso filho Mika está ali. — Ela aponta para um adolescente que não pode ser seu filho verdadeiro. Ela não devia ter mais de dez anos quando ele nasceu.

Vlad aperta a mão de Paolo e a minha e me estuda com um olhar penetrante. Um arrepio percorre meu corpo.

Paolo desliza o braço em volta de mim e espalha os dedos em minha barriga, me puxando com força contra ele. A mensagem não poderia ser mais clara. Estou sob sua proteção.

É bom.

Corey e Stefano vêm nos dar as boas-vindas, então sou apresentada ao outro irmão de Paolo, Nico, e sua esposa Sondra, uma linda loira que também tem um bebê no colo. — Este é Nico Jr. — ela me diz, beijando a bochecha do bebê.

— O que posso pegar para você beber? Uma taça de vinho? Coquetel? — Alessia oferece.

Por alguma razão, o pensamento de álcool apenas revira meu estômago. Juro que não bebi tanto ontem à noite, mas passei o dia todo enjoada. — Água seria ótimo. — digo a ela.

— Você quer colocar bifes na grelha? — Alessia sugere a Vlad.

Acontece que é código para todos os homens saírem e ficarem em volta da grelha enquanto as mulheres se reúnem na cozinha com vinho.

Exceto quando Mika é mandado de volta para dentro, eu sei que eles estão falando de negócios lá fora.

É sobre meu pai?

Meu mal-estar aumenta ainda mais. Pego um pedaço de queijo da bandeja de petiscos e coloco na boca.

— Você se divertiu no Bellissimo? — Corey pergunta.

Eu estremeço. Conversa fiada. Embaraçosa. E não consigo nem tirar a Louca Caitlin para jogar. Eu quero que essas mulheres gostem de mim.

O que isso significa? Estou realmente vendo essa coisa com Paolo como um futuro?

Isso parece loucura, mas... ele significa algo para mim.

— Eu tive um grande momento. Eu nunca estive em Las Vegas, então Paolo garantiu que eu experimentasse tudo.

Alessia me dá um copo de água com limão. — Não quero te assustar, mas Paolo nunca apareceu com uma mulher antes. Então, estamos todos meio fascinados por finalmente descobrir o tipo dele.

— Eu não acho que Caitlin seja um tipo. Eu acho que ela é uma anomalia. — Corey oferece. Para mim, ela diz: — Você de alguma forma decifrou o código Paolo.

Fico tensa, pensando que ela sabe que sou uma hacker, mas não vejo nenhum sinal disso em seu rosto.

— Mas Nico era do mesmo jeito. — Alessia continua. — Sem namoradas, de repente, bam, ele conhece Sondra e sabe que ela *é a única*.

— E-eu não sei se eu sou. — gaguejo de surpresa. Tento me imaginar aqui, parte da família deles, um bebê no colo. Não posso ver isso.

— Sim, sem pressão. Desculpe, eu não queria te assustar. Estou feliz

em ver Paolo feliz.

Eu olho para Paolo através da porta de vidro deslizante. É Vegas, então eles podem ficar lá fora sem congelar, mesmo que seja dezembro.

— Como você pode dizer que ele está feliz? — Eu pergunto em dúvida.

Ela ri. — Bem, conectado, eu acho. Você está certa, é difícil dizer o que Paolo sente sobre qualquer coisa. Ele mantém suas cartas bem perto do peito. A maneira que eu conto é por suas ações. Se ele trouxe você aqui, é porque você significa algo para ele.

Eu não quero acreditar nela. Porque a ideia dessa coisa realmente funcionar me apavora.

— Vou lhe contar outra coisa sobre Paolo. Ele não forja muitas conexões. Então, quando o faz, elas são poderosas. Ele faria qualquer coisa pelas pessoas com quem decidiu se importar. E quero dizer qualquer coisa.

PAOLO

Vlad prepara os bifes na grelha com seu bebê no colo. Ela se inclina para ele, fingindo ser tímida e nos observando com grandes olhos azuis. De vez em quando ele fala com ela suavemente em russo.

Ela não é filha de Alessia, mas minha irmã não poderia estar mais feliz por ser a madrasta. Sua saúde não suportaria uma gravidez, então Lara e Mika - seu filho adotivo - foram uma dádiva de Deus.

Eu ainda quero bater em Vlad por sequestrar minha irmã e levá-la para a Rússia, mas não posso porque ele é da família agora. E tenho que admitir que ele está fazendo um ótimo trabalho deixando minha irmãzinha feliz.

— Então você é a hacker. Não esperava por isso. — diz Nico — Eu pensei ter visto no noticiário que ela foi pega pelo FBI. Como ela saiu da cadeia?

Minhas mãos se fecham em punhos. — Você tem algum problema com ela?

— Eu não tenho nenhum problema com ela se você não fizer isso. Este é o seu show, Paolo. A única coisa que me preocupa é os federais conectando vocês dois. Porque você sabe que eles a pegariam e colocariam os parafusos nela em um piscar de olhos.

Uma onda de gelo corre através de mim, embora eu já tenha considerado essa possibilidade. Ainda assim, não gosto de ouvir isso em voz alta, especialmente de Nico, que provavelmente é o mais inteligente e mais tático de todos os irmãos Tacone.

— Eu paguei para Lucy Lawrence entrar anonimamente. Eles não vão rastreá-la. — A firma de Lucy cuida dos negócios jurídicos de nossa família desde a época de meu pai, mas ela assumiu nossa conta há cerca de cinco anos e impressionou a todos nós. Ela é uma advogada brilhante que de alguma forma mantém sua humanidade sem ser totalmente moralista.

— Ótimo. — diz Nico, mas tenho a sensação de que ele não acredita que esteja tudo bem.

— Ela não iria rolar, de qualquer maneira. — eu digo ferozmente. Mas não tenho cem por cento de certeza disso. Ela se segura. Isso tudo pode ser uma manipulação gigante.

— De quem foi a ideia de vir para Las Vegas? — A pergunta de Nico é enganosamente casual.

Fanculo.

— Dela. Mas ela não saiu da minha vista. — Claro que ela estava digitando em seu computador esta manhã, e não tenho como saber o que diabos ela está fazendo nele.

A memória dela me questionando uma e outra vez sobre o que eu faria se ela me traísse zumbia no fundo da minha mente.

— Não houve brecha na segurança que eu possa ver desde que você esteve aqui. — Vlad diz com seu forte sotaque russo.

Bem, isso é bom.

— Ela acha que a Família matou o pai dela. — digo a eles.

— Não me diga. Quem é o pai dela? — Stefano pergunta.

— Lake West. Lembra dele? Pequeno intermediário de bens roubados. Eletrônica principalmente. Isso é o que eu tenho desenterrado, de qualquer maneira. Você sabe alguma coisa sobre a morte dele?

Todos os três balançam a cabeça.

— Eu acho que ele poderia estar trabalhando para a *bratva* também. Vlad, você tem laços com as outras células aí? Uma que teria sido há cerca de dez anos quando ele desapareceu?

Vlad dá de ombros. — Posso fazer uma consulta. Marque uma reunião, se quiser. — Depois de um momento de hesitação, ele balança a cabeça. — Eles matariam você sozinho. Eu teria que vir para Chicago e ir com você para garantir sua segurança.

— Você faria isso?

Vlad dá de ombros. — Você é da família. Minha nova irmandade. Talvez Caitlin seja minha nova irmã, ah?

Eu olho através das portas de vidro deslizantes para o meu unicórnio louco e selvagem de uma garota. Os óculos de nerd empoleirados em seu nariz de alguma forma tornam o corpo quente ainda mais forte. Ela está desconfortável e eu preciso entrar e resgatá-la logo.

— Algo assim. — eu digo, porque é difícil imaginar Caitlin concordando em se casar comigo. Mas quando ele diz isso, percebo que é isso. Eu adoraria fechar essa coisa com ela para sempre. Se eu pudesse ter certeza de que confiava nela. Se eu pudesse ver todos os segredos de sua alma.

— Ok. Eu vou configurá-lo. Iremos na semana que vem. — Vlad coloca os bifes assados em um prato, que Stefano pega, já que as mãos de Vlad estão ocupadas com Lara.

— Obrigado eu aprecio isso. — Sigo os homens e assumo minha posição protetora ao lado de Caitlin.

Meu louco e lindo unicórnio hacker.

A garota em quem não tenho certeza se posso confiar.

A garota que eu amo.

CAPÍTULO ONZE

CAITLIN

No silêncio entre o sexo e o sono, a voz profunda de Paolo quebra a escuridão.

— Quem te machucou, boneca? — Estamos de conchinha, minhas costas para a frente dele, seu braço em volta de mim, a mão moldada sobre meu peito.

Fico imóvel, ouvindo os sons de nossa respiração, certificando-me de que sei o que ele quer dizer. Mesmo que eu tenha certeza que sim, eu gorjeio. — O que você quer dizer?

Ele espera um instante. Então ele diz: — Fale sobre a verificação.

Meu coração começa a martelar. Ele deve sentir isso porque ele move a mão para descansar sobre o meu coração. Seus lábios vêm para minha nuca. — Não tenha medo. Apenas me diga.

Não sei se medo é a palavra certa. Mas estou quebrada. Danificada. E eu não gosto de olhar para o meu quebrantamento.

Eu lambo meus lábios. — O diagnóstico oficial é transtorno de despersonalização-desrealização. É um dos distúrbios dissociativos. Quando sou acionada, tenho essa experiência fora do corpo, não de um jeito bom. Como se eu fosse apenas uma observadora. Como você disse, eu verifico.

— E quem te fez assim?

Mais uma vez, minha frequência cardíaca acelera. É tão óbvio que alguém me machucou?

— Respire. — ele ordena, beliscando meu mamilo, e eu percebo que estava prendendo a respiração. — Diga-me.

Ele é tão confiante, tão seguro de si. Seis meses de terapia e eu nunca consegui sequer insinuar que algo aconteceu. E se meu terapeuta tivesse acabado de exigir a verdade, como meu namorado babaca? Eu teria superado isso?

Eu forço meus lábios a se moverem. — P-por quê? — Acho que já sei a resposta.

— Vou vingar você.

Meu estômago dá cambalhotas. Sua solução é tão simples. Tão óbvio e aberto. Alguém te ofende, há retribuição. Eu roubei dele, então mereço ser sequestrada e ter meu irmão ameaçado. É como uma equação ou verdade em seu mundo.

Como eu me sentiria sobre meu pai adotivo nadar com os peixes?

Na verdade, eu ficaria bem. Acho que também não tenho bússola moral. Mas não quero que ele cometa assassinato por mim.

— O que você vai fazer?

— O que você quer que eu faça?

Sugo uma respiração longa e trêmula. Estou apagando. Deixando meu corpo.

Quando não respondo, ele diz: — Estou tentando descobrir se matá-lo só vai traumatizar mais você.

— Talvez. — Eu forço a palavra em meus lábios. — Você pode simplesmente bater nele?

— Ah, vou fazer ele se arrepender de ter nascido, boneca. Dê-me o nome dele.

Meu corpo começa a tremer.

Ele me segura com mais força. — Eu não quero piorar as coisas, *bella*. Eu só quero que você seja livre.

— Faça isso. Faça isso por mim. Eu quero que você faça. — O tremor vem com mais força. Mas estou em meu corpo, vivenciando isso.

É algum tipo de liberação. Como se eu estivesse me livrando de cada toque indesejado. Cada crueldade que suportei. É uma espécie de renascimento, pois a parte fissurada de mim que venho tentando manter junta finalmente se desfaz.

— Seu nome. — ele repete em meu ouvido.

— Andy Watson. Meu pai adotivo. — O próprio quarto se abre e eu caio em um abismo, em queda livre através da vergonha e da consciência. Caindo e caindo e caindo.

Até eu cair, bem nos braços de Paolo. Segura na cama. Protegida. Defendida.

Em breve serei vingada.

— Eu te amo, Paolo Tacone. — eu digo na escuridão.

Ele beija meu pescoço e me aperta ainda mais forte. — Você é meu fogo selvagem. Não vou deixar ninguém apagar sua luz. Nunca.

PAOLO

Ravil Baranov, o chefe da *bratva*, mora perto de Gio em um apartamento alto no centro do Lago Michigan. Na verdade, pelo que percebi, toda a sua célula habita o edifício, tornando-o uma fortaleza russa.

Até o cara da porta da frente está coberto de tatuagens e nos cumprimenta com um forte sotaque. Vlad fala com ele em russo e nós dois somos revistados.

Eu não usei uma arma ou mesmo o soco inglês que usei para colocar Andy Watson no hospital na segunda-feira. Assegurei-me de que o ex-pai adotivo de Caitlin nunca tocaria em outra criança. Não se ele quiser viver.

Não vejo Caitlin desde nosso voo para casa no domingo, onde ela se juntou oficialmente ao clube Mile High. Ela precisava de tempo para colocar o trabalho em dia depois de passar o fim de semana fora, e tenho cumprido as promessas que fiz a ela.

Pegamos o elevador até o andar de cima, onde somos revistados novamente por dois homens tatuados e mal-humorados.

Ravil leva sua segurança a sério. Eu respeito isso.

Quando finalmente entramos, o chefe da *bratva* russa nos cumprimenta com um suéter e um par de jeans. Suas tatuagens aparecem nos nós dos dedos e no pescoço. Os russos usam tinta para marcar todos os crimes que cometem. Cada assassinato, cada roubo. Cada ato documentado para sua célula ver. Aqueles com mais tinta são os mais perigosos.

Ele diz algo curto para Vlad e não me cumprimenta. Ele apenas me olha especulativamente e diz: — Você pediu uma reunião. Por quê?

— Estou procurando informações sobre a morte de um ladrão chamado Lake West. Costumava fazer alguns negócios com nós dois, creio eu. Não tenho nenhum problema com o assassino dele, só estou me certificando de que ele esteja realmente morto.

As sobrancelhas de Ravil se erguem. Eu o surpreendi com a última parte. — Morto pela Família Tacone. Foi o que ouvi. — Ele dá de ombros. — Sabe de algo diferente?

— Eu não acho que nós fizemos isso. Mas essa é a palavra na rua. O problema é que nenhum corpo foi descoberto, então estou me perguntando se foi falsificado. Ele te deve dinheiro?

Ravil me considera por um minuto antes de assentir lentamente. — Ele estava movendo eletrônicos para nós. Sua organização era compradora. Houve uma traição e você o matou. Nunca recebemos nosso dinheiro. Nós éramos novos na cidade. Não queríamos guerra com Tacones, então não registramos reclamação. West estava morto, o que poderíamos fazer?

Eu concordo. As peças estão começando a se encaixar. Devo dizer que esperava que Ravil me dissesse que mataram Lake West, mas para mim tudo aponta para uma morte forjada.

Exceto quem abandonaria seus filhos por um caminhão miserável de mercadorias roubadas?

É melhor que esse homem esteja morto ou vou fazê-lo desejar que estivesse quando o encontrar.

CAITLIN

Eu rolo para fora da cama e corro para o banheiro, mas quando eu chego lá, eu apenas vomito.

Ugh. Faz três dias que estou enjoada. Isso está ficando tão velho.

Não bebo uma gota desde sexta à noite no Bellissimo, realmente não entendo...

Oh foda.

Eu abro a gaveta debaixo da pia e olho para o meu pacote de comprimidos.

Pílulas de açúcar. Cinco se foram. Eu deveria estar sangrando agora.

Tonta, jogo o assento do vaso sanitário no chão e sento nele.

Merda, puta merda.

Estou grávida.

E devem ser os hormônios que me fazem sentir vontade de chorar em vez de cair fora do meu corpo.

Eu engulo minha respiração e libero-a lentamente. Lembre-se que tenho um teste de gravidez embaixo da pia da última vez que levei um susto. Era um pacote de dois. Eu puxo para fora e faço xixi no pauzinho.

Tento ignorar a maneira como o banheiro gira quando o sinal de mais rosa aparece.

OK.

Estou grávida. Com o bebê de Paolo.

E ele não está interessado em ter filhos. De repente, há muitas possibilidades perturbadoras me cercando. Ele me pediria para fazer um aborto? Ou ele me apoiaria mantendo-o?

Tenho a sensação de que se ele me ajudasse a mantê-lo, estaríamos presos juntos. Não haveria como fugir do nosso acordo. Ele seria meu dono pelo resto da minha vida ou pelo menos até que o garoto tivesse dezoito anos. Manter este bebê significa manter Paolo.

Para sempre.

Um assassino para a máfia.

Enfio os nós dos dedos na boca enquanto as lágrimas batem forte. Eu não sei o que fazer. Não posso contar a Paolo. Não até que eu tenha tempo para pensar nas coisas.

De alguma forma, tomo banho e me preparo para o dia e saio pela porta da frente.

E é aí que meu péssimo dia fica ainda pior.

Os dois agentes do FBI que me prenderam antes estão parados na minha porta.

— Srta. West? Precisamos que você entre e responda a algumas perguntas.

Não sinto um pingo de remorso por vomitar em seus sapatos.

CAPÍTULO DOZE

CAITLIN

— Não direi uma palavra sem a presença do meu advogado.

Sim, já vi muita série policial. Além disso, agora tenho a experiência de ter uma advogada poderosa e real em meu tribunal. E eu a quero aqui, imediatamente.

— Você não está sendo acusada de nada. Nós só temos algumas perguntas para você, só isso. — uma agente feminina vestida com uma camisa de botão de seda e calças engomadas diz de onde ela está no canto observando. Agente Docker, acho que ela disse que era o nome dela. Seu parceiro, uma doninha pomposa com dentes ruins, está sentado à mesa à minha frente. Eu perdi o nome dele.

Cruzo os braços sobre o peito. — Advogado. Presente.

Dentes ruins responde deslizando uma foto ampliada na minha frente. Minha boca fica seca de repente.

A foto é do meu pai.

E Paolo.

E alguns outros caras que não reconheço, talvez seus outros irmãos ou soldados.

Eles estão parados em frente a uma cafeteria com toldos nas cores da bandeira italiana e a placa Caffè Milano escrita na parte superior.

Eu quero levantar novamente.

— Preciso de algo para comer. Biscoitos ou algo assim. A menos que você queira que eu vomite na sua foto.

Como Dentes ruins é o mesmo cara que vomitei nos sapatos antes, ele meio que pula da mesa e pragueja. — Vou encontrar algo para você. — Ele acena para a Agente Docker e ela acena de volta e se senta na minha frente.

— O que queremos saber é por que você está transando com o cara que matou seu pai.

As palavras me atingiram como uma bala de canhão, em algum lugar entre meu coração e minhas entranhas. Meu plexo solar, eu acho.

Eu não posso nem respirar por um momento. Tudo o que posso fazer é ofegar com a dor.

— C-como você sabe que ele matou meu pai?

— Todo mundo sabia. É de conhecimento comum na rua, com a polícia local e o FBI. Os moradores procuraram o corpo para que pudessem prendê-lo, mas ele o escondeu muito bem. Provavelmente enterrado em concreto como muitas de suas vítimas.

Eu ainda estou ofegante. Mal conseguia respirar. — Como você sabe que era Paolo, especificamente?

O olhar que ela me dá é uma parte de desprezo, uma parte de pena. — Seriamente? Eles são todos uma família. Você se sente confortável dormindo com o cara cujo irmão matou seu pai? Ou pai? Ou o cara que deu a ordem? — Ela balança a cabeça.

Eu me levanto e lanço.

— Oh merda. — Agente Docker diz e cambaleia para a lata de lixo, que ela empurra na minha frente.

Eu lanço de novo, mas nada sai.

Eu afundo lentamente de volta para a minha cadeira.

De repente estou com frio. Tão assustadoramente frio.

Gelado.

— Ouça, eu entendo. Ele é um homem bonito e poderoso. Tenho certeza que ele é muito suave. Ele também é bom em fazer ameaças. Ele sabe como levar as pessoas onde dói, para que façam exatamente o que ele quer. Foi isso que aconteceu com você?

É difícil até mesmo pensar em meio à náusea. Além disso, estou começando a deixar meu corpo, o que é uma dádiva de Deus neste momento.

— Paolo pagou para você invadir o Luxor? — ela pergunta, mas é de longe. — Ou ele chantageou você para isso?

Eu recuei. Abençoadamente.

Como se estivesse debaixo d'água, observo o outro agente voltar com uma barra de granola, que ele joga na mesa. Eu me vejo abrindo e comendo, sem provar nada.

Está seca e mastiga o interior da minha boca, mas mau registro isso também.

— Achamos que você pode estar com problemas, Srta. West, e queremos ajudá-la.

— Tenho certeza que sim. — eu me ouço dizer.

— Ele fez você acreditar que estava a salvo da lei. Ele enviou seu advogado caro e fez um acordo que a livrou, mas deixe-me dizer uma coisa, Srta. West. Só há uma razão pela qual deixamos você ir, e foi para descobrir com quem você estava trabalhando. Achamos que tinha que ser alguém

grande, mas quando descobrimos que era o cara que matou seu pai e deixou você e seu irmão em um orfanato, achamos que você poderia estar em apuros.

Eu mal os ouço acima do algodão enfiado em meus ouvidos. Não importa o que eles dizem, de qualquer maneira. Não estou ouvindo. Eu não preciso.

O agente masculino se inclina para a frente. — Estamos totalmente preparados para trazer de volta todas as acusações contra você pelo crime de Luxor. Você está olhando para vinte anos em uma penitenciária federal. Você está preparada para apodrecer na cadeia pelo homem que matou seu próprio pai?

Eu não respondo.

— Mas se você estiver sob pressão, podemos ajudar. Paolo Taccone ameaçou você, seu irmão ou seu sustento de alguma forma?

A lembrança dele me mostrando a foto do meu irmão em seu telefone, me avisando do que ele é capaz, momentaneamente me traz de volta ao meu corpo com uma onda de pavor.

Mesmo totalmente verificada, eu sei que esses dois estão por toda parte. Eles não sabem se devem bancar o policial bom ou o policial mau. Eles não sabem em que ângulo cortar.

Posso estar cambaleando, mas não sou estúpida.

Não vou responder a nenhuma das perguntas deles.

Exceto talvez uma. Eu levanto meu queixo. — Só estou com Paolo Taccone porque ele fode como uma estrela pornô. Nenhuma outra razão.

O queixo de Dentes ruissn cai. Então ele franze a testa e se levanta na minha cara. — Você está na cama com o homem errado, Srta. West. E você vai pagar caro por isso. Farei acusações contra você que a mandarão para a cadeia até ficar velha demais para pensar em sexo. Ou você pode cooperar e nos ajudar a colocar um perigoso assassino atrás das grades. Você decide.

A sala gira. Eu olho para a lata de lixo, tentando descobrir se vou precisar dela novamente em breve.

Eu tropeço em meus pés. De longe, ouço-me dizer: — Estou indo embora. Você não pode me prender aqui sem acusações ou uma ligação para a minha advogada.

— Daremos a você 48 horas para pensar sobre isso. — diz Dentes ruins. — Se não tivermos notícias suas até lá, faremos acusações contra você. Sua escolha.

Meus pés de alguma forma se movem em direção à porta e eles me deixam sair, me escoltando até a porta da frente, ambos parecendo enojados e conversando com os olhos nas minhas costas.

— Aqui está o meu cartão. — Agente Docker diz para mim quando chegamos à porta da frente. — Tome a decisão certa.

Eu não pego o cartão. Nem me incomodo em responder. Eu apenas passo por eles no estacionamento.

Mas uma vez que estou lá, não sei para onde ir.

Eu nem sei como funcionar.

PAOLO

Caitlin não está em seu apartamento quando chego, o que não é incomum. Ainda não são 21h. Ainda assim, tenho uma estranha sensação de formigamento de que algo está errado.

Eu não disse a ela que estaria aqui. Eu provavelmente deveria.

Basta um pouco de comunicação, ouço as palavras do meu irmão ecoando em meus ouvidos.

Não sei por que a comunicação parece uma fraqueza. Como se eu estivesse admitindo algo ou desistindo da vantagem.

Talvez ela tivesse planos com seus amigos esta noite. Só que isso não parece certo. Eu persegui Caitlin o suficiente para saber que ela realmente não tem amigos. Ela é amigável, ela sorri e bate papo com as pessoas em sua aula de dança ou na escola, mas não há ninguém com quem ela seja

próxima, exceto seu irmão mais novo.

Pego meu telefone e disco o número dela.

Vai direto para o correio de voz.

Porra.

Em vez disso, envio uma mensagem de texto, mantendo-a curta. *Ligue para mim.*

Deito-me na cama para esperar por ela.

CAITLIN

Se é negócio, então vou lidar com você de uma forma profissional. Você fala com os federais, terminamos e as luvas saem.

E se eu for pega pelos federais, mas não falar com eles?

Ele acreditaria em mim? Ou ele vai presumir que estou usando uma escuta?

E se eu estiver grávida de um bebê que não quero que ele saiba e o FBI quiser que eu o denuncie ou vou para a cadeia pelos próximos vinte anos? E se eu nunca conseguir ver meu próprio bebê porque estou na cadeia e Paolo também não quer? Quem vai criá-lo?

Fico parada no estacionamento, imune ao vento frio de dezembro que sopra pela cidade. Estou fora do meu corpo, olhando como uma observadora.

Lá está Caitlin. Ela está em apuros. Ainda bem que não tenho que lidar com essa merda.

Não sei quanto tempo fico ali antes de tomar uma decisão nebulosa.

Não posso voltar para o meu apartamento. Eu não posso ver Paolo até que eu resolva minhas merdas. O que fazer sobre a gravidez. O que fazer com os federais.

Em vez disso, vou a um café para hackear suas transações de cartão de crédito. Se o FBI já está abrindo um processo contra mim, o que é mais uma transgressão, certo? Eu uso o cartão de crédito para pedir um carro de aplicativo para me levar na viagem de duas horas até Starved Rock.

Trevor saberá onde me encontrar se eu decidir não voltar. E assim que ele o fizer, nós dois podemos desaparecer. Um hacker exerce um poder que poucos realmente entendem - a capacidade de desaparecer e reinventar. Não preciso do FBI para me manter segura. Eu posso cuidar de mim mesma. Eu sempre fiz

Antes de sair para pegar o carro, compro um chocolate quente e um muffin. Porque comer parece ajudar com o enjoo.

E estou pronta para vomitar minhas entranhas.

CAPÍTULO TREZE

PAOLO

Fanculo. Onde ela está?

Está escuro no apartamento. O relógio diz que são três da manhã. Eu nem sei como dormi sem saber onde Caitlin estava.

Eu saio da cama e caminho pelo apartamento, checando meu telefone em busca de mensagens, acendendo as luzes.

Onde diabos ela poderia estar?

Eu tento ligar para ela, mas não surpreendentemente, ninguém atende.

Estou pronto para dirigir até o dormitório de seu irmão e puxá-lo para fora da cama, mas me contenho. Isso seria assédio, e Caitlin não iria gostar.

Começo a examinar o local com mais atenção, procurando sinais. A mala dela ainda está lá - aberta, mas não desfeita da nossa viagem a Las Vegas. Seu equipamento de computador, mas não seu laptop. Eu vou ao banheiro dela. Não sei o que procuro, mas procuro.

E é aí que vejo a caixa de um teste de gravidez na lata de lixo. Eu puxo para fora. Abaixo está o teste real. Pego no lixo e vejo os resultados.

Madonna. Cristo. Dio. Ela está grávida!

É por isso que ela não está aqui? Onde diabos ela foi?

Eu fico gelado. Não porque ela está grávida, eu ficaria feliz se fosse o que ela queria, mas porque ela não me procurou com esse conhecimento. Ela fugiu.

Isso me arrepia até os ossos e me deixa louco para encontrá-la, para dar a ela tudo o que ela precisa para superar essa decisão. Para que ela saiba que ela está totalmente apoiada, não importa o quê.

Eu caminho para a porta uma dúzia de vezes, então me sento. Quero estar aqui se ela vier ao apartamento.

Espero até o amanhecer. Até que o tráfego lá fora se transforme em um rugido. Até que não há como negar que ela não vai voltar. Guardando o teste de gravidez no bolso, como se manter aquela evidência comigo fosse de alguma forma me ajudar a encontrá-la, saio e vou para seu antigo apartamento, para ver se ela está escondida lá.

Ela não está.

Meu telefone toca às 8h30 e vejo que é Nico. Nós não batemos papo, ele e eu, então sei que são negócios, e por causa dessa coisa com Caitlin, quase quebro o telefone de tanto que o aperto com tanta força.

— Nico.

— Recebi uma ligação do meu informante no FBI.

Eu não pensei que fosse possível para mim ficar mais frio, mas eu fico.

— O que é?

— Eles pegaram sua garota ontem e a trouxeram. Ela ficou cerca de três horas e então a deixaram ir. Isso é tudo que eu sei.

Eu quero rugir com a dor perfurando meu peito. Ela me traiu? Todas aquelas perguntas sobre o que eu faria em diferentes cenários. Foi porque ela já estava trabalhando com os federais? Ou porque ela sabia que o faria?

Forço a respiração pelas narinas.

— Ela está desaparecida, Nico. — digo a ele, todo o meu ser se partindo ao meio. — Ela está desaparecida e está grávida do meu filho.

Nico pragueja em italiano.

Eu bato minha testa contra a parede de gesso e quebro.

Eu amava aquela garota.

Eu ainda faço.

E ela está grávida.

— Bem, se ela está faltando, isso significa que ela não topou. — diz Nico, pensando mais rápido do que eu. — Se ela topasse, estaria ao seu lado

usando a porra de um fio. Ela não desapareceria e levantaria bandeiras. Ela provavelmente ficou com medo entre a gravidez e a pressão dos federais e fugiu.

Longe de mim? Por quê?

Ela ainda está com medo de mim.

Isso é tudo culpa minha. Eu não poderia mostrar a ela o suficiente de mim para que ela se sentisse segura. Saber que nunca a machucaria em um milhão de anos.

Eu continuo sugando minha respiração, processando as palavras de Nico. Elas fazem sentido. — Sim, você está certo.

— Então você tem que descobrir para onde ela iria. O que posso fazer para ajudar?

Certo. Eu tenho que descobrir essa merda. Meus ombros estalam quando eu os endireito. Eu vou encontrá-la, porra. Vou encontrá-la e deixá-la saber que ela não precisa fugir.

— Descubra o que aconteceu enquanto ela estava com os federais, se puder.

— Sim, já estou trabalhando nisso, mas meu informante não tinha autorização. Ele vai tentar, no entanto.

— Bem, deixe-me saber se você encontrar alguma coisa. Eu vou sacudir - quero dizer, ter uma conversa - com o irmão dela. Se alguém sabe onde ela estaria, seria ele.

— Sim. Vá encontrá-la. Tudo vai ficar bem.

Eu sei que se Nico está me oferecendo conforto, minhas rachaduras estão aparecendo. E eu não dou a mínima.

— Sim. Obrigado. Vou mantê-lo informado.

— Da mesma maneira.

CAPÍTULO QUATORZE

CAITLIN

Eu cometi um grande erro vindo aqui. Tipo colossal.

Por um lado, parece que alguém encontrou a chave escondida e se sentiu em casa em algum momento nos últimos dois anos. É quanto tempo faz desde que eu estive aqui.

De repente, está muito claro para mim que fui estúpida por manter este lugar. Foi a única coisa que Trevor e eu herdamos de nosso pai quando ele morreu. Depois que o declararam morto, o juiz mandou vender o terreno para pagar nossa conta, mas não vendeu logo.

E foi aí que levei a sério o hackear. Era uma habilidade que eu já vinha aprimorando. Então eu apenas removi eletronicamente a venda da cabana do leilão do governo e a guardei. Eu coloco água, gás e eletricidade na conta do governo. Não me sinto mal porque não usamos muito.

Ainda assim, eu me apeguei a isso como a única coisa que temos em nossos nomes. Este lugar só para nós poderíamos ir se algum dia precisássemos nos esconder ou fugir.

Agora, porém, estou desejando que tivéssemos vendido e ficado com o dinheiro.

O lugar está um lixo. Está desmoronando. Talvez eu só esteja assustada com o fato de que outra pessoa esteve aqui. Eu posso dizer pelas pontas de cigarro e garrafas de cerveja vazias. A calça jeans masculina caída sobre a cama desarrumada.

Eu não consegui dormir ontem à noite, preocupada que quem quer que fosse pudesse voltar, mesmo que não houvesse sinais de que eles estiveram aqui recentemente.

Mas o verdadeiro problema é que eu estava tão traumatizada ontem à noite que nem trouxe comida. Minha fome rapidamente se transformou em enjoo e vomitei água a manhã toda.

Acrescente a isso o enorme problema de que o sinal do meu telefone não está funcionando, o que significa que não há ponto de acesso ou WiFi. Sem internet.

Então agora estou literalmente presa aqui.

Em uma cabana, na neve, a quilômetros da civilização.

Sem comida.

Se eu pensava que ser engravidada por um mafioso e presa pelos federais era ruim, eu não fazia ideia.

Posso não sair daqui viva.

PAOLO

Do antigo apartamento de Caitlin, é uma curta viagem até o dormitório de Trevor West. Espero do lado de fora até que ele saia e então me junto a ele na calçada, acompanhando seu ritmo.

Ele dá uma olhada de soslaio para mim e se afasta.

— Não corra. — ordeno, porque não quero agarrá-lo. Agredir o irmão de Caitlin provavelmente não vai ajudar as coisas.

Ele congela, mas só porque acha que estou segurando uma peça dele. Eu sei, porque seus olhos instantaneamente disparam para minhas mãos. Quando ele vê que eles estão livres, ele começa a virar novamente.

— Eu disse, *espere*. — eu rosno.

Ele hesita.

— Você sabe quem eu sou? — Não faço ideia do quanto Caitlin contou a ele. Se ele sabe sobre nós.

— Eu tenho um palpite. — diz ele, cauteloso como o inferno.

— Eu sou o cara que está apaixonado pela sua irmã. — eu digo.

Isso o detém. Não, ele definitivamente não esperava essas palavras.

Seus olhos se fixam nos meus. Eles são do mesmo tom de azul-centáurea que os dela. Seu cabelo escuro paira sobre eles como persianas. Ele é um garoto bonito de um jeito emo.

— Ouça, preciso da sua ajuda.

A cautela volta ao seu rosto e ele muda de posição como se estivesse pronto para correr de novo.

— Você ouviu falar de Caitlin? Desde ontem? Ela está desaparecida e eu...

— Não sei onde ela está. — diz ele imediatamente, abaixando a cabeça e encolhendo os ombros contra o vento. Ele começa a se afastar de mim.

Ele está mentindo. Eu sempre sei quando eles estão mentindo e esse garoto é fácil de ler.

Mais uma vez, resisto à vontade de agarrar seu braço e puxá-lo para trás, em vez de acompanhar seu ritmo, então passo na frente dele para bloquear seu caminho. — *Ouça-me*. Ela foi pega pelos federais ontem.

Isso chama a atenção dele. Ele definitivamente não sabia. Mas ele ainda não confia em mim, porque agora parece ainda mais determinado a fugir. O medo pisca em seu rosto. Eu sei como isso deve parecer. Se tudo que esse garoto sabe sobre mim é que sou o cara que matou o pai dele, ele não vai me ver como um aliado.

— Eu não vou machucá-la. — Enfio a mão no bolso da jaqueta e pego o teste de gravidez. Eu o seguro na frente de seu rosto. — Ela está carregando meu filho.

Ele fica imóvel, olhando do teste de gravidez para mim. — Eu nunca ouvi uma palavra sobre você. — ele diz desconfiado.

— Bem, talvez ela não estivesse orgulhosa disso. — Dói-me dizer isso em voz alta. Reconhecer que a mulher que amo tem um grande problema em se entregar a mim. — Ela sabe que não sou responsável pela morte do seu pai.

Eu preciso tirar isso do caminho. Se ele me vê como o assassino de seu

pai, ele nunca vai falar.

— Ouça. Eu acho que ela provavelmente está assustada agora. Ela acabou de descobrir que está grávida, e acho que os federais a pressionaram para se tornar informante. Eles provavelmente a ameaçaram com a renovação das acusações. Se ela estivesse com medo e precisasse resolver as coisas, para onde ela iria?

Sua boca está apertada enquanto ele olha por cima do meu ombro, como se estivesse pensando. — Há um lugar. — diz ele finalmente.

— Onde?

— Eu estou indo com você.

OK, claro. Ele não confia em mim. — Tudo bem. — eu digo secamente. — Entre no meu SUV.

CAITLIN

Aumentei o fogo e coloquei um pouco de água quente para ferver. Há uma lata de café instantâneo de dez anos aqui que sei que vai me deixar ainda mais triste de beber, mas tenho que experimentar.

Minha cabeça dói. Meus seios estão sensíveis. Estou enjoada.

E, pela primeira vez, não gosto de estar totalmente sentada em meu corpo experimentando tudo. Mas não posso bater ou posso não sobreviver. Preciso me recompor e fazer um plano.

Até agora, tudo o que consegui foi andar até conseguir um telefone ou sinal de Wi-Fi. Mas considerando que há uma maldita nevasca lá fora, esse plano pode significar uma morte mais rápida do que ficar dentro de casa e morrer de fome.

É engraçado como estar em uma situação de vida ou morte aguça tudo ao ponto. Eu tenho clareza agora.

Eu quero o bebê.

O instinto de proteger a pequena vida dentro de mim mudou tudo. Tenho sido muito imprudente com a minha vida, até a minha chegada aqui. Mas não mais. Há mais em jogo do que uma mulher louca. Há um ser minúsculo, indefeso e inocente que depende de mim para sobreviver.

E eu daria tudo agora para poder ligar para o Paolo. Por um lado, eu sei que ele me resgataria em um piscar de olhos. Por outro lado... bem, não sei o que ele vai dizer sobre a gravidez, mas ele merece saber. Devíamos ter uma conversa.

Eu não deveria ter medo dele ou do que ele faria. Mesmo que ele ouvisse sobre o FBI me pegando, ele me daria uma chance de explicar o que aconteceu. Ele vai acreditar que eu não me tornaria informante.

Os federais me deram um soco com a foto dele com meu pai, mas não prova nada. Eles estavam procurando qualquer maneira de me manipular.

A água ferve e coloco um pouco em uma caneca, depois coloco o café solúvel e mexo. Meu estômago revira. Eca. Talvez eu não seja capaz de engolir isso.

Do lado de fora, ouço o barulho de um carro. Agarrando meu casaco, corro para fora. Seja quem for, preciso sinalizá-los.

Uma picape velha puxa para baixo o caminho de terra com dois passageiros. Aperto os olhos para ver o rosto do motorista.

Não.

Não pode ser.

Eu tropeço para trás e caio de bunda nos degraus da varanda.

Bem, pelo menos uma coisa eu sei com total certeza: Paolo definitivamente não matou meu pai.

Não, ele está vivendo e respirando e estacionando uma caminhonete bem na frente da maldita cabana.

PAOLO

Leva três horas e meia dirigindo em meio a uma nevasca para chegar ao que Trevor chama simplesmente de “a cabana”. Eu dirigi meu Rover, então podemos pelo menos controlar a neve, mas mesmo com tração nas quatro rodas, escorrego e deslizo em alguns lugares.

A cada minuto que passa, o pavor corrosivo em minhas entranhas aumenta. E se ela não estiver aqui? Então perdemos o dia inteiro dirigindo até aqui para encontrá-la. Além disso - e se ela for? Eu odeio que ela correu para tão longe. Ela está realmente com tanto medo de mim? Como ela chegou aqui? Eu sei que ela não sabe dirigir.

E não consigo nem enfrentar meu maior medo, de não ter palavras para fazê-la ver que estou do lado dela. Que ela escolherá ficar longe.

Eu quero dizer que não vou aceitar isso. Mas é esse meu traço de caráter que a fez correr. Não posso me intrometer na vida de alguém. Bem, obviamente fiz exatamente isso, mas tenho que parar. Não posso fazê-la me querer. E no fundo, se eu realmente me importo com ela, tenho que respeitar seus desejos se ela realmente quiser se livrar de mim.

Fanculo.

Há marcas de pneus recentes na neve na estrada não pavimentada que Trevor me indicou. Espero que eles pertençam ao carro que a trouxe aqui, embora haja um milhão de perguntas sobre quem o dirigiu e por que eles estão frescos. Ela está desaparecida desde ontem à noite, então se ela chegou aqui ontem, eles já estariam cobertos de neve.

Porra, eu definitivamente estou pensando demais.

— É bem aqui. — diz Trevor, apontando para uma velha cabana dilapidada - mal digna do nome. Uma picape enferrujada está parada na frente da casa.

— Quem é o dono da caminhonete? — Eu exijo. Se eu fosse um cachorro, eu estaria arrepiado e já estaria rosnando de forma protetora.

— Não sei. — Trevor abaixa a cabeça para espiar pela grande janela na frente.

Estaciono e desligo o veículo.

Mas então acho que ele reconhece a pessoa porque Trevor avança rapidamente e agarra a arma que mantenho embaixo do assento. Garoto esperto. Ele deve ter notado antes. Meus reflexos entram em ação antes mesmo de processar o que está acontecendo. Eu esmago seu pulso contra o painel. A arma cai no meu colo.

— *Porca puttana!* — Eu enfio a arma na minha cintura nas costas. — Você tem sorte que eu não quebrei a porra do seu pulso. — Nós dois saímos do SUV. — Você também tem sorte de eu estar apaixonado pela sua irmã ou eu iria foder com você por isso. Quem está aí?

Ele olha para mim bruscamente, como se estivesse surpreso por eu descobrir que ele sabe.

Ele engole.

— *Diga-me.*

— Parece... alguém que deveria estar morto.

Minchia.

Exatamente o que precisamos agora, a porra de uma reunião de família. Devo dizer, porém, que não estou surpreso. Tive a sensação de que o filho da puta ainda estava vivo.

Eu pego a arma e tento a porta da frente. Está aberta, o que me surpreende. Lake West e uma mulher vadia estão de pé, as jaquetas ainda como se tivessem acabado de chegar. Caitlin fica na frente deles. Quando vejo o rosto pálido e os olhos mortos de Caitlin, esqueço tudo, exceto abraçá-la.

Lake me reconheceu e seus olhos se arregalaram de terror. Porque sim. Ele acha que eu o quero morto. Ele saca uma arma ao mesmo tempo que eu.

Porra.

Eu deveria abaixar minha arma. Este é o pai de Caitlin. Eu não confio nele para não atirar em mim. Não até eu explicar que não estou atrás dele, estou aqui por Caitlin.

— Esperem, vocês dois. — comanda Trevor.

— Quem diabos é você? — Lake estala.

— Claro que você não reconheceria seu próprio filho. — murmura Trevor.

Eu preciso assumir o controle dessa situação. — Ouça, West. Eu não vim aqui para matar você. — eu digo calmamente. — Eu vim por Caitlin. E o bebê que ela está carregando. — Solto a bomba para transmitir a West a natureza de nosso relacionamento, caso ele não saiba.

Surpresa definitivamente se registra no rosto de Lake. Não consigo me concentrar em Caitlin, mas sinto sua surpresa também.

— Você sabe? — ela pergunta.

— Sim, eu sei. Foi por isso que você foi embora, boneca?— Mudo meu foco para o rosto dela por uma fração de segundo.

Um erro.

Lake avança para ela e a coloca em uma chave de braço, segurando a arma em sua cabeça.

Eu quero uivar de raiva. Quão estúpido fui em deixá-lo saber o que é importante para mim? Presumir que ele se importaria com a filha e o neto ainda não nascido tanto quanto eu? Ou ser inteligente o suficiente para raciocinar que não sou uma ameaça.

Seguro minha arma firme. Eu poderia atirar nele. Eu tenho um tiro certo e estou confiante na minha pontaria. Mas não posso arriscar a vida de Caitlin. Além disso, ele ainda é o pai dela, mesmo que seja o mais baixo dos baixos.

Eu solto meu dedo do gatilho e viro a arma para o lado, movendo-me lentamente. — Ok, West. Vou abaixar a arma. — Coloquei-a na mesa de café. — Agora abaixe a sua. Você está assustando sua filha. — Eu propositalmente uso essas palavras, tentando apelar para seus instintos paternos, embora ele claramente não tenha nenhum.

Ele não abaixa a arma, mas se move para apontá-la para mim. Eu vejo

tudo em câmera lenta.

Seu dedo aperta o gatilho. Caitlin agarra seu pulso. Eu me atiro para o lado.

A bala atravessa a janela.

Em um segundo, estou sobre ele, derrubando a arma de sua mão e dando um soco em seu rosto. Ele desce e eu o sigo, batendo com os dois punhos. Este homem apontou uma arma para a cabeça da minha garota. Ele a deixou para aquele pai adotivo monstruoso aos quatorze anos.

Ele vai pagar.

CAITLIN

Estou tão fora do meu corpo, estou em Marte. Eu vejo a cena se desenrolando de muito, muito longe. Trevor ainda parado ali com uma arma na mão trêmula.

Meu pai levando uma surra de Paolo nas costas.

A cadela de sua namorada encolhendo no canto com terror em seus olhos.

E eu não sinto nada.

Uma pessoa melhor pararia Paolo. Ou pelo menos uma viva. Mas não estou melhor e definitivamente não estou presente.

E se eu sentisse alguma coisa, tenho certeza de que seria a satisfação de saber que meu pai está recebendo o que merece.

Todo esse tempo, ele esteve vivo.

O que você está fazendo aqui, Caitie? foi tudo o que ele tinha a me dizer quando saiu de sua caminhonete. Como se eu não pertencesse aqui. Como se ele se ressentisse de eu estar aqui. Nenhuma explicação ou pedido de desculpas por abandonar seus dois filhos quando eles tinham oito e quatorze anos. Por nos deixar sob a tutela do estado. Apodrecer em um

orfanato enquanto ele estava vivendo muito.

O que você está fazendo aqui? Eu atirei de volta e ele teve a audácia de dizer, *este lugar me pertence*.

O baque de osso quebrando escorre em minha consciência. Sangue espirra no chão. É incrível quantos socos um cara pode levar e ainda estar consciente. Ainda estar respirando.

Eu me pergunto se Paolo vai matá-lo.

E é apenas a lembrança de não querer que Paolo matasse por mim quando se ofereceu para cuidar de meu pai adotivo que me faz estender a mão e tocar seu braço.

Espero que ele me livre. Ou para nem me notar porque está na zona do guerreiro, mas no momento em que o toco, ele se endireita, vira e me puxa para seus braços.

Eu quero sentir isso. Posso dizer que seria bom ser segurada por Paolo agora. Que eu precisava de sua força e proteção. Ele esfrega minhas costas. Eu gostaria de poder sentir isso.

Mas estou muito fora do meu corpo para sentir o calor de seu toque.

— O que você quer que eu faça com ele? — Eu o ouço perguntar de longe.

Eu faço meus lábios se moverem. — Vamos.

— Não, ele vai. — Paolo se vira e chuta meu pai nas costelas. — Esta cabana é sua. Ele está morto. Ele não tem direito a isso. — Ele o chuta novamente, então se abaixa e o puxa para cima com os punhos em suas roupas.

— É melhor você ficar morto desta vez, West. Porque a *bratva* vai te procurar por aquele caminhão cheio de eletrônicos que você roubou. E se eu te ver de novo? — Ele diz algo ameaçador em italiano. — Eu vou te esfolar vivo, seu verme ganancioso. Você abandonou seus filhos por uns duzentos mil? — Ele ergue o punho para trás e desfere outro golpe cruel, então o empurra na direção de sua namorada.

— Tire-o daqui. — ele diz à namorada. — E não volte, porra.

Caitlin fora do corpo os observa tropeçando. Estou tão entorpecida. Tão removida. Vagamente, me ocorre que preciso voltar. E Paolo está aqui.

Ele sabe como fazer.

Ele se vira para mim, seu rosto marcado com preocupação. Eu pego sua mão carnuda e coloco na minha garganta, pressionando para apertar.

Me sufoque. Meu apelo silencioso.

Ele entende. Ele segura a parte de trás da minha cabeça e inclina os lábios até minha têmpora. — Eu faria, boneca, mas acho que seu irmão vai atirar em mim.

A observadora Caitlin nota que Trevor ainda está segurando a pistola de Paolo. — Abaixei a arma. — ouço-me dizer.

Não sinto o alívio que sei que deveria sentir quando ele começa e a coloca na mesinha de centro como se fosse uma cobra.

Há algo mais. Algo que eu preciso. Oh sim.

— Estou com fome. — eu forço as palavras em meus lábios.

Paolo varre a cozinha com o olhar e balança a cabeça. — Vamos tirar você daqui. — Ele me pega em seus braços. — Passamos por uma pousada não muito longe daqui. Podemos fazer uma refeição e ficar lá até a tempestade passar.

Vejo o rosto pálido de Trevor enquanto Paolo se vira comigo. Como ele chegou aqui? Ah sim, ele apareceu com Paolo.

Como Paolo chegou aqui?

— Preciso desligar a água, Caitie? — Trevor pergunta.

A água... não consigo entender o que isso significa.

— Eu pego. Saia em um minuto. — ele diz a Paolo.

Paolo me carrega até uma Range Rover brilhante e cuidadosamente me senta no banco do passageiro. Ele puxa o cinto de segurança na minha

cintura e o afivela.

Eu preciso contar coisas a ele. Muitas coisas.

Eu faço minha língua funcionar. — Eles me mostraram fotos. O FBI. Fotos suas e dele. Disseram-me que você o matou.

A dor pisca no rosto de Paolo.

— Eu não acreditei neles. — Lá. Isso é o que eu queria dizer a ele.

Ele pega meu olhar e o segura. — Eu nunca vou mentir para você, Cait.

E a coisa mais estranha acontece.

Eu caio de volta em meu corpo por um momento. O calor se espalha pelo meu peito. Encontro meu caminho de volta ao presente através do amor, não da dor.

Quando começo a recuar novamente, busco mais. — Eu te amo. — eu deixo escapar.

Não é minha declaração, mas o que vejo no rosto de Paolo que me traz de volta desta vez. Lágrimas brotam de seus olhos - juro por Deus. Ele pisca rapidamente e avança para mim. Captura minha cabeça com as duas mãos e me mantém cativa para um beijo ardente.

Um beijo reivindicativo. Seus lábios se movem brutalmente sobre os meus, sua língua chicoteia minha boca. Ele derrama toda a sua presença poderosa, sua força vital, sua proteção em mim.

O calor se espalha mais. Na minha barriga. Abaixo meus braços. Agrupando-se na minha pélvis.

Quando ele se afasta, estou de volta. Estou sentada no assento do carro, congelando minha bunda enquanto meu enorme e bonito amante está em cima de mim.

— Eles querem que eu me transforme em informante. — Eu tenho que tirar o pior disso. Certifique-se de que ele saiba e entenda que eu nunca o trairia. — Eles dizem que tenho quarenta e oito horas para decidir ou vão me processar.

Ele balança a cabeça. — Eles estão blefando, boneca. Mas se o fizerem, nós cuidaremos disso. Temos Lucy em nosso tribunal e ela é a melhor advogada de defesa que existe. Não vou deixar você ir para a cadeia de novo. Nunca. *Lo prometo*.

Não entendo italiano, mas ele traduziu a frase para mim antes. Era sua promessa, seu voto solene.

Ele acaricia o polegar na minha bochecha. — É por isso que você fugiu? — Sua expressão é tão terna - sem raiva ou dureza.

Sou surpreendida por uma lágrima caindo. Sem dor. Sem punição. Estou sentindo sentimentos assim.

— Ou foi por causa disso? — Ele segura o teste de gravidez.

— Sim. Ambos. — eu resmungo.

— Fale comigo, *bella*. Por que você correu? Você está com medo de mim?

— Eu só... — Estremeço e ele passa o braço por cima de mim para colocar a chave na ignição e ligar o veículo.

— Sim, eu fiquei com medo. Confusa. Eu não sabia o que queria. E não achei que você fosse querer o bebê... você me disse que nunca quis filhos. E eu não sabia o que faria se você não o fizesse. Não te conheço bem o suficiente, Paolo. Você me forçaria a algo? Para abortar? Ou se eu mantivesse, você daria todas as ordens?

Normalmente não consigo lê-lo, mas tenho certeza de que é a dor que faz Paolo fechar os olhos e seus ombros caírem.

— Porra! — Ele cerra os punhos e grita para o céu. Ele bate com a testa no chassi da Range Rover.

Trevor aparece atrás dele, mas Paolo o detém com um dedo estendido. Ele não desvia o olhar do meu rosto, no entanto.

— Eu nunca vou te forçar. E eu sei que tenho. Coloquei você na prisão e sinto muito por isso - foi um erro. Eu vou compensar você.

— Caitlin, sinto muito por você não me conhecer bem o suficiente

para se sentir segura. Eu sou péssimo em mostrar meus sentimentos ou mesmo compartilhar meus pensamentos. Mas isso é tudo que você precisa saber: eu sou seu homem. Eu posso falar duro. Sei que sou duro. Eu gosto de estar no comando e dizer como as coisas vão correr. Mas a linha de fundo, eu sou seu homem. Isso significa que eu te protejo. Vou te proteger e garantir que você seja feliz, não importa o que aconteça. Então, finalmente, boneca? Você dá as ordens. Eu vou aparecer para você como você quiser. Se você quiser ficar com esse bebê, eu serei a porra do melhor pai que você poderia sonhar. Se você decidir que não pode lidar, estarei ao seu lado também. É o seu corpo, a sua vida. Você decide.

Novas lágrimas escorrem pelo meu rosto. Estou totalmente demolida por suas palavras. Ninguém nunca apareceu para mim assim antes. Eu nunca tive ninguém com quem eu pudesse contar, exceto eu mesma.

— Eu te amo. — eu sussurro. As palavras são novas para dizer. Cada vez acende uma chama atrás dos olhos de Paolo.

Eu recebo uma repetição do beijo que ele me deu antes, mas mais curto desta vez porque eu tremo.

— Vamos sair daqui antes que fiquemos presos pela neve. — Ele acena para Trevor e os dois entram no carro.

Quando chegamos à rodovia estadual, passamos pela caminhonete do meu pai, atolada na neve. Paolo passa sem fazer comentários. Nem Trevor nem eu dizemos uma palavra.

Ele nos deixou para cuidar de nós mesmos quando não tínhamos como nos proteger. Ele pode encontrar seu próprio caminho para sair de suas confusões.

PAOLO

Uma refeição quente e um alojamento quente fazem bem a todos. A cor de Caitlin retorna e ela ganha um pouco de vida de volta. Ninguém diz muita coisa até que nossos pratos estejam vazios. Então Trevor abaixa o

garfo e olha para Caitlin. — Que porra é essa.

— Eu sei direito?

— Você sabia que ele estava vivo?

— Claro que não. — Caitlin gagueja.

— Ele estava na cabana quando você chegou lá? — Trevor pergunta.

Caitlin balança a cabeça. — Ele apareceu hoje, apenas alguns minutos antes de vocês. Ele teve a coragem de me perguntar o que eu estava fazendo lá.

— Você deve estar brincando comigo. E então ele apontou uma arma para sua cabeça.

Ambos se encaram por um momento como se estivessem chocados com o que aconteceu. — E meu primeiro pensamento foi proteger papai. Achei que talvez tudo isso fosse apenas um esquema elaborado para atrair papai e matá-lo. — Ele inclina a cabeça em minha direção. — Me desculpe, cara.

— Sem ressentimentos. Como está o pulso?

Ele puxa a manga para trás e revela um hematoma florescendo em sua pele pálida.

Caitlin suspira. — O que você fez?

— Fui atrás da arma dele. — Trevor esfrega o pulso. — Está bem. Obrigado por não me matar.

Sento-me na minha cadeira. — Você tem imunidade.

Os olhos de Caitlin ficam suaves e quentes em mim e isso faz algo louco no meu peito. Aperta e expande ao mesmo tempo.

Esta mulher... as coisas que ela faz comigo. Ao longo das últimas vinte e quatro horas eu fui para o inferno e voltei pensando que poderia estar perdendo ela. Ainda não sei se já a conquistei.

— Você sabia, Paolo? O que você disse sobre os russos? — Caitlin pergunta.

— Sim, eu suspeitava. Eu tenho perguntado por aí. Antes de seu pai supostamente ser morto por minha família, ele ferrou os russos. Roubou um caminhão cheio de eletrônicos que deveria cercar para eles. Eles pararam de procurá-lo quando souberam que o matamos. E como eu sabia que não tínhamos feito isso, imaginei que era um plano bem elaborado desaparecer com algumas centenas de dólares. Eu simplesmente não entendo como um homem pode deixar seus dois filhos para trás sem ninguém para cuidar deles.

— E eu roubei de você pensando que estava equilibrando a balança. — Caitlin estremece. — Desculpe, grandalhão.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não sinto muito. — eu digo a ela. — Sacudir você é o ponto alto da minha longa e ilustre carreira como executor da família.

Trevor se encolhe. — Tenho certeza de que não quero saber como isso aconteceu.

— Não, você não sabe. — Jogo algum dinheiro na mesa e me levanto. — Agora vou roubar sua irmã por um tempo. — Pego a mão de Caitlin e a ajudo a se levantar. Ela entrelaça seus dedos nos meus. — Nos encontramos aqui para um jantar tardio.

— Sim. Até mais. Divirtam-se.

CAITLIN

— Eu preciso de um banho. — declaro no minuto em que estamos na suíte. Se Paolo vai exercer seus direitos sobre meu corpo, preciso ficar limpa.

A suíte é linda - de design rústico, mas com todas as comodidades, incluindo uma lareira a gás, que Paolo prontamente acende.

Entro no banheiro e tiro minhas roupas.

Paolo está logo atrás de mim. Quando ele entra no chuveiro, sinto-me

subitamente tímida. Exposta. Vulnerável. Como se fosse a primeira vez que ficamos nus juntos, em vez da vigésima sétima.

Talvez seja porque muita coisa mudou entre nós. Não estou olhando para Paolo como um parceiro de brincadeira ou sexo. Não estou vendo isso como uma situação de sugar daddy ou algo mais coercitivo do que isso.

Estamos falando de amor agora.

Sobre duas pessoas que fizeram um bebê juntas. Que estão procurando passar a vida juntos.

Minha respiração acelera quando ele pisa em mim, empurrando-me contra o azulejo frio. Ele pega o sabonete e o rola na palma da mão, sem tirar os olhos do meu rosto.

— Estamos bem?

Seu olhar é magnético. Concordo com a cabeça, atraída pela intensidade de seu olhar. Ele acaricia minha clavícula, espalhando o sabonete que juntou na palma da mão. Ele traça meu braço. Embaixo disso. Em meu peito, parando para dedilhar meu mamilo com o polegar. Cada toque é reverencial. Honrando. Como se eu fosse uma deusa e ele estivesse adorando no meu altar.

O tremor começa nos meus joelhos, mas se espalha pelo meu núcleo, minha barriga, pelos meus braços. Continuo esperando que ele se torne selvagem, me jogue contra o azulejo e me foda com força, mas ele nunca o faz. Ele ensaboia meu corpo inteiro, cada centímetro, cada fenda, até que eu esteja limpa. Então ele desliga o spray e sai.

Ele envolve uma toalha em volta de mim e usa as duas pontas para me puxar contra seu corpo corpulento para um beijo. Eu o beijo de volta como se fosse nosso primeiro beijo. Como se fosse nosso primeiro encontro e eu estivesse apenas aprendendo a saboreá-lo.

Construímos nosso romance ao contrário - começando com o cinto dele na minha bunda e a amarração com zíper. Terminando - não, não terminando, mas chegando aqui. Eu tremendo diante dele. Finalmente pronta para me entregar.

Não meu corpo, mas todo o meu ser. Meu coração. Minha confiança. Minha vida para ele.

Ele me seca, parando para me beijar de novo e de novo. Então me leva para trás até eu bater na cama. Mesmo lá, ele permanece gentil, levantando-me para me colocar de costas antes de passar por cima de mim.

Ele abaixa a cabeça para sugar um mamilo enquanto brinca com o outro. Ambos são sensíveis aos hormônios, eu sinto o puxão de resposta em meu núcleo quase imediatamente.

Eu arqueio na cama. — Paolo.

Ele esfrega a cabeça de seu pau entre minhas pernas, eu as abro e levanto meus quadris para tomá-lo. Ele mergulha fundo.

— Olhe para mim. — Seu comando penetra direto em meus ossos.

Eu levanto meus olhos para encontrar os dele. Não tinha percebido que não estava olhando, mas agora que nossos olhares se encontram, eu me contorço com a vulnerabilidade. De estar tão nua para ele enquanto ele balança lentamente em mim.

— Eu sei que você não gosta do básico, mas é isso que você está recebendo.

Aí está o meu cara durão.

Desmaio.

— Quem vai fazer você gozar como uma princesa pornô?

Eu sorrio. — Você vai.

— Isso mesmo. — Ele mergulha ainda mais fundo, mas seus golpes permanecem suaves. Sem bater em casa ou bater. — Quem vai cuidar de você pelo resto da vida?

Quase quebro com isso. Eu não posso suportar o quão rude essas palavras me fazem sentir, então eu me sento para envolver meus braços em volta do pescoço dele. Para enterrar meu rosto lá.

Ele coloca a mão em volta da minha garganta e me empurra de volta

para a cama. — Olhe para mim. — Agora sua verdadeira natureza começa a se mostrar. Ele balança com mais força, com mais insistência. — Quem, boneca?

— Você está? — Eu sussurro, os lábios tremendo.

— Isso mesmo. Mesmo da porra do túmulo. Eu sou seu homem, *bella*. Eu vou cuidar de você.

Suas palavras marcam minha alma, e estou totalmente humilhada por elas. Eu me sinto indigna de tal devoção. — Por que eu?

Ele apenas sorri. — Você é meu fogo selvagem. Você é você. Isso é tudo. Você é a mulher para mim. Eu sabia que você era especial desde a primeira vez que vi sua foto. Antes mesmo de eu aparecer na sua casa. Mas eu não estava preparado para o efeito que você teria sobre mim. O quanto você me mudaria. Eu sou seu, boneca. Isso é tudo para mim. E vou continuar trabalhando até que você acredite em mim. Até que você confie no que temos.

Lágrimas escorrem dos meus olhos. — Eu acredito. Eu acredito totalmente. Eu só não sei como tive tanta sorte. — eu engasgo.

Paolo acaricia meu lábio inferior com o polegar. — Eu sou o sortudo. — Ele puxa um dos meus joelhos até meu peito para mudar o ângulo de entrada e aumenta o ritmo.

Eu arrasto meu lábio entre os dentes, saboreando as sensações, deleitando-me com a maneira confiante como ele lida comigo e com meu corpo. Mesmo que não seja rude, ele é sempre dominante.

— Olhe para mim.

Eu encontro seus olhos novamente. — Chega de correr.

— Eu não vou. Eu prometo.

Ele me empurra para a minha barriga e entra por trás. Agora ele finalmente me dá do jeito que eu gosto, prendendo meus braços atrás das costas e segurando meus cotovelos enquanto ele me monta. — Goze, pequena hacker. — ele comanda quando chega perto.

— Você primeiro. — eu digo.

Ele me fode forte, batendo sua virilha contra minha bunda até que eu não posso deixar de gozar, assim que eu faço, ele termina, empurrando fundo e ficando lá enquanto eu aperto em torno dele.

Ele alivia seu aperto em meus braços e se abaixa sobre meu corpo. Seus lábios encontram meu pescoço. Seus dentes me beliscam.

Tremores secundários ondulam através de mim, e eu aperto seu pau até forçá-lo para fora.

— Eu te amo. — Gosto de dizer isso. Eu gosto do que essas palavras fazem no meu peito. Como elas reverberam em meu corpo. O efeito que elas têm sobre ele.

Ele me morde com força. Ele não gosta de dizer isso de volta. Ele não tem. Mas eu não me importo. Ele me mostra. Como sua irmã disse, suas ações falam por ele.

Ele cai para o lado. — Olhe para mim.

Eu viro minha cabeça para encará-lo.

Ele me olha bem nos olhos. — Eu te amo.

Há uma promessa lá. Um juramento. Sinto as palavras até os dedos dos pés. No meu âmago. Nas minhas células.

Ele acaricia minha bunda e a parte de trás das minhas pernas, explorando gentilmente. — Eu vou puni-la por correr. — ele resmunga.

Meu sorriso está na orelha. — Promete?

Ele aperta minha bunda com força.

— Graças a Deus. Eu estava com medo de que você fosse me tratar como uma flor delicada agora que estou grávida.

Ele acaricia minha têmpora. — Eu poderia. Posso fazer o que eu quiser com você.

Meu sorriso se alarga. — Ai está ele.

Ele me dá um daqueles sorrisos raros.

— Paolo?

Sua sobrancelha se curva.

— Você quer ser pai? — Eu pergunto.

Ele abre a boca, depois a fecha. Em seguida, abre-o novamente. — Eu quero o que você quiser. Quero dizer.

— Não mesmo. Eu quero saber. — Eu percebo que ele não vai me dizer uma coisa ou outra. Se ele decidiu que ser meu homem significa me apoiar com o que eu escolher, ele não vai querer me influenciar. — Apenas me diga a verdade. Qual foi o seu primeiro pensamento quando viu o xixi?

— Bem, eu estava morrendo de medo porque você estava desaparecida, boneca. E eu estava apenas focado no que a notícia significava para você. Mas agora que você está aqui... Estou realmente empolgado com a ideia. Nunca pensei que queria filhos, mas é porque nunca me apaixonei antes. Quero dizer a ideia de multiplicar você? Tem mais Caitlins por aí? — Ele bate com o punho no peito como se não pudesse nem falar de tão emocionado.

Minha visão embaça. — Sim? — Eu dou uma risada aquosa. — E se forem os pequenos Paolos?

— Bem, os pobres coitados teriam tanta sorte quanto eu em morar com você.

— Estamos morando juntos agora?

— Foda-se, sim, estamos morando juntos. Vamos ter este bebê?

— Sim. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Sim, eu quero. Mas eu não quero largar a faculdade ou dançar cardio ou qualquer coisa. Não sei, acho que quero tudo.

— Então você terá tudo. — Paolo me empurra para o lado e me aperta contra ele, cara a cara. — Eu cuido disso.

As lágrimas caem com mais força. Explosões de comemorações explodem em meu peito. — Sim? Nós vamos fazer isso? Nós vamos ter esse

bebê?

Paolo me beija. — Eu estou tendo você. — diz ele com firmeza. — E sim, vamos ter um bebê. — Depois de um momento, ele diz: — Não surte quando eu mover você de novo.

— Não é muito cedo? E se eu perder o bebê? Vinte por cento das gestações terminam em aborto.

Paolo fica imóvel, como se nunca tivesse cogitado essa possibilidade. Então ele responde com total confiança de Paolo: — Se isso acontecer, eu vou te engravidar de novo, boneca. Estou tendo esta família.

Ele levanta meu queixo. — Você está preocupada que eu seja muito velho? Eu quis dizer isso quando disse que vou cuidar de você desde o túmulo. Ninguém nunca vai tocar em você. Você será provida. Você se torna uma Tacone, terá minha família atrás de você por toda a vida.

— Você está propondo?

Ele fica imóvel de novo. — Você é minha. Mas, sim, vou colocar um anel nesse dedo. Você está pronta para dizer sim?

Eu rio e rolo de costas. Parece enorme, mas também não é nada. Eu já aceitei que sou dele. E eu sabia que isso significava cada parte de mim, porque esse homem não faz nada pela metade.

— Talvez. — murmuro.

— Ok. — Paolo não está ofendido. Ele sempre me aceita onde estou. É um presente que eu nunca esperei. Algumas pessoas já recebem.

— Eu te amo. — eu digo novamente, voltando-me para ele. Ainda adorando essas três palavras.

Ele sorri. — *Ti amo, bella.*

Eu suspiro. — Podemos passar a lua de mel na Itália?

Sua risada enche o quarto. — Claro. O que você quiser, boneca.

Sento-me, de repente animada com todas as possibilidades. Sobre meu futuro com Paolo. — O que vamos fazer no Natal?

— Vegas, querida. A família toda ocupa os andares superiores do Bellissimo.

— Trevor pode vir?

— Ele é da família agora.

Eu sorrio para ele.

Ele abre as mãos. — O que mais? Seu desejo é uma ordem.

Meu sorriso fica ainda maior. — Estou pronta para o meu castigo agora.

Os olhos de Paolo escurecem e ele ataca, prendendo-me de volta no chão e me rolando de bruços. — Castigo, é isso, garotinha.

FIM

Notas

[←1]

Teste de desempenho padrão.

[←2]

Os exercícios de Kegel, são um conjunto de atividades para fortalecer esses músculos do assoalho pélvico.

[←3]

Coma.

[←4]

Expressão usada para transar em avião durante um voo.